

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Almeida Garrett
Lírica de João Mínimo



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Almeida Garrett

Lírica de João Mínimo

Publicado originalmente em 1829.

**João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett
(1799 – 1854)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 450



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor português Almeida Garret: *“Lírica de João Mínimo”*.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

BIOGRAFIA

João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett nasceu com o nome de João Leitão da Silva no Porto a 4 de fevereiro de 1799, filho segundo de Antônio Bernardo da Silva Garrett, selador-mor da Alfândega do Porto, e Ana Augusta de Almeida Leitão. Passou a sua infância, altura em que alterou o seu nome para João Baptista da Silva Leitão, acrescentando o sobrenome Baptista do padrinho e trocando a ordem dos seus apelidos, na Quinta do Sardão, em Oliveira do Douro (Vila Nova de Gaia), pertencente ao seu avô materno José Bento Leitão. Mais tarde viria a escrever a este propósito: "Nasci no Porto, mas criei-me em Gaia". No período de sua adolescência foi viver para os Açores, na ilha Terceira, quando as tropas francesas de Napoleão Bonaparte invadiram Portugal e onde era instruído pelo tio, D. Alexandre, bispo de Angra. De seguida, em 1816 foi para Coimbra, onde acabou por se matricular no curso de Direito. Em 1821 publicou *O Retrato de Vénus*, trabalho que fez com que lhe pusessem um processo por ser considerado materialista, ateu e imoral. É também neste ano que ele e sua família passam a usar o apelido de Almeida Garrett.

Filho segundo do selador-mor da Alfândega do Porto, acompanhou a família quando esta se refugiou nos Açores, onde tinha propriedades, fugindo da segunda invasão francesa, realizada pelo exército comandado pelo marechal Soult que entrando em Portugal por Chaves se dirigiu para o Porto, ocupando-o. Passou a adolescência na ilha Terceira, tendo sido destinado à vida eclesiástica, devendo entrar na Ordem de Cristo, por intercedência do tio paterno, Frei Alexandre da Sagarada Família, bispo de Malaca e depois de Angra.

Em 1816, tendo regressado a Portugal, inscreveu-se na Universidade, na Faculdade de Leis, sendo aí que entrou em contacto com os ideais liberais. Em Coimbra, organiza uma loja maçônica, que será frequentada por alunos da Universidade como Manuel Passos. Em 1818, começa a usar o apelido Almeida Garrett, assim como toda a sua família.

Participa entusiasticamente na revolução de 1820, de que parece ter tido conhecimento antecipado, como parece provar a poesia *As férias*, escrita em 1819. Enquanto dirigente estudantil e orador defende o vintismo com ardor escrevendo um Hino Patriótico recitado no Teatro de São João. Em 1821, funda a Sociedade dos Jardineiros, e volta aos Açores numa viagem de possível motivação maçônica. De regresso ao Continente, estabelece-se em Lisboa, onde continua a publicar escritos patrióticos. Concluindo a Licenciatura em Novembro deste ano.

Em Coimbra publica o poema libertino *O Retrato de Vênus*, que lhe vale ser acusado de materialista e ateu, assim como de "abuso da liberdade de

imprensa”, de que será absolvido em 1822. Torna-se secretário particular de Silva Carvalho, secretário de estado dos Negócios do Reino, ingressando em Agosto na respectiva secretaria, com o lugar de chefe de repartição da instrução pública. No fim do ano, em 11 de Novembro, casa com Luísa Midosi.

A Vilafrancada, o golpe militar de D. Miguel que, em 1823, acaba com a primeira experiência liberal em Portugal, leva-o para o exílio. Estabelece-se em Março de 1824 no Havre, cidade portuária francesa na foz do Sena, mas em Dezembro está desempregado, o que o leva a ir viver para Paris. Não lhe sendo permitido o regresso a Portugal, volta ao seu antigo emprego no Havre. Em 1826 está de volta a Paris, para ir trabalhar na livraria Aillaud. A mulher regressa a Portugal.

É anistiado após a morte de D. João VI, regressando com os últimos emigrados, após a outorga da Carta Constitucional, reocupando em Agosto o seu lugar na Secretaria de Estado. Em Outubro começa a editar “O Português, diário político, literário e comercial”, sendo preso em finais do ano seguinte. Libertado, volta ao exílio em Junho de 1828, devido ao restabelecimento do regime tradicional por D. Miguel. De 1828 a Dezembro de 1831 vive em Inglaterra, indo depois para França, onde se integra num batalhão de caçadores, e mais tarde, em 1832, para os Açores integrado na expedição comandada por D. Pedro IV. Nos Açores transfere-se para o corpo acadêmico, sendo mais tarde chamado, por Mouzinho da Silveira, para a Secretaria de Estado do Reino.

Participa na expedição liberal que desembarca no Mindelo e ocupa o Porto em Julho de 1832. No Porto, é reintegrado como oficial na secretaria de estado do Reino, acumulando com o trabalho na comissão encarregada do projeto de criação do Códigos Criminal e Comercial.

Em Novembro parte com Palmela para uma missão a várias cortes europeias, mas a missão é dissolvida em Janeiro e Almeida Garrett vence abandonado em Inglaterra, indo para Paris onde se encontra com a mulher.

Só com a ocupação de Lisboa em Julho de 1833, consegue apoio para o seu regresso, que acontece em Outubro. Em 2 de Novembro é nomeado vogal-secretário da Comissão de reforma geral dos estudos. É por essa altura que terá se instalado no palácio dos Condes de Almada, no Largo de S. Domingos, em Lisboa, onde reunia a referida comissão. Em Fevereiro do ano seguinte é nomeado cônsul-geral e encarregado de negócios na Bélgica, onde chega em Junho, mas é de novo abandonado pelo governo.

Regressa a Portugal em princípios de 1835, regressando ao seu posto em Maio. Estava em Paris, em tratamento, quando foi substituído sem aviso prévio na embaixada belga. Nomeado embaixador na Dinamarca, é demitido antes mesmo de abandonar a Bélgica.

Estes sucessivos abandonos por parte dos governos cartistas, levam-no a envolver-se com o *Setembrismo*, dando assim origem à sua carreira parlamentar. Logo em 28 de Setembro de 1836 é incumbido de apresentar uma proposta para o teatro nacional, o que faz propondo a organização de uma Inspeção-Geral dos Teatros, a edificação do Teatro D. Maria II e a criação do Conservatório de Arte Dramática. Os anos de 1837 e 1838, são preenchidos nas discussões políticas que levarão à aprovação da Constituição de 1838, e na renovação do teatro nacional.

Em 20 de Dezembro é nomeado cronista-mor do Reino, organizando logo no princípio de 1839 um curso de leituras públicas de História. No ano seguinte o curso versa a “história política, literária e científica de Portugal no século XVI”.

Em 15 de Julho de 1841 ataca violentamente o ministro Antônio José d'Ávila, num discurso a propósito da Lei da Décima, o que implica a sua passagem para a oposição, e o leva à demissão de todos os seus cargos públicos. Em 1842, opõem-se à restauração da Carta proclamada no Porto por Costa Cabral. Eleito deputado nas eleições para a nova Câmara dos Deputados cartista, recusa qualquer nomeação para as comissões parlamentares, como toda a esquerda parlamentar. No ano seguinte ataca violentamente o governo cabralista, que compara ao absolutista.

É neste ano de 1843 que começou a publicar, na *Revista Universal Lisbonense*, as *Viagens na Minha Terra*, descrevendo a viagem ao vale de Santarém começada em 17 de Julho. Anteriormente, em 6 de Maio, tinha lido no Conservatório Nacional uma memória em que apresentou a peça de teatro Frei Luís de Sousa, fazendo a primeira leitura do drama.

Continuando a sua oposição ao Cabralismo, participa na Associação Eleitoral, dirigida por Sá da Bandeira, assim como nas eleições de 1845, onde foi um dos 15 membros da minoria da oposição na nova Câmara. Em 17 de Janeiro de 1846, proferiu um discurso em que considerava a minoria como representante da “grande nação dos oprimidos”, pedido em 7 de Maio a demissão do governo, e em Junho a convocação de novas Cortes.

Com o despoletar da revolução da Maria da Fonte, e da Guerra Civil da Patuleia, Almeida Garrett que apoia o movimento, tem que passar a andar escondido, reaparecendo em Junho, com a assinatura da Convenção do Gramido.

Com a vitória cartista e o regresso de Costa Cabral ao governo, Almeida Garrett é afastado da vida política, até 1852. Em 1849, passa uma breve temporada em casa de Alexandre Herculano, na Ajuda. Em 1850, subscreve com mais de 50 outras personalidades um Protesto contra a Proposta sobre a Liberdade de

Imprensa, mais conhecida por “lei das rolhas”. Costa Cabral nomeia-o, em Dezembro, para a comissão do monumento a D. Pedro IV.

Com o fim do Cabralismo e o começo da Regeneração, em 1851, Almeida Garrett é consagrado oficialmente. É nomeado sucessivamente para a redação das instruções ao projeto da lei eleitoral, como plenipotenciário nas negociações com a Santa Sé, para a comissão de reforma da Academia das Ciências, vogal na comissão das bases da lei eleitoral, e na comissão de reorganização dos serviços públicos, para além de vogal do Conselho Ultramarino, e de estar encarregado da redação do que irá ser o Ato Adicional à Carta.

Por decreto do Rei D. Pedro V de Portugal, datado de 25 de junho de 1851, Garrett é feito Visconde de Almeida Garrett, em vida (tendo o título sido posteriormente renovado por 2 vezes). Em 1852 sobraça, por poucos dias, a pasta do Negócios Estrangeiros em governo presidido pelo Duque de Saldanha. Em 1852 é eleito novamente deputado, e de 4 a 17 de Agosto será ministro dos Negócios Estrangeiros. A sua última intervenção no Parlamento será em Março de 1854 em ataca o governo na pessoa de Rodrigo de Fonseca Magalhães.

Falece a 9 de dezembro de 1854, vítima de um cancro de origem hepática, na sua casa situada na atual Rua Saraiva de Carvalho, em Campo de Ourique, Lisboa. Foi sepultado no Cemitério dos Prazeres, em Lisboa, tendo sido trasladado a 8 de Março de 1926 para o Mosteiro dos Jerónimos. Os seus restos mortais foram posteriormente trasladados para o Panteão Nacional da Igreja de Santa Engrácia quando do término deste edifício. A cerimônia ocorreu em homenagem a si e a mais outras ilustres figuras portuguesas, entre os dias 1 e 5 de dezembro de 1966.

*Wikipédia
Janeiro, 2014*

ÍNDICE

| | |
|---|----------|
| NOTÍCIA DO AUTOR DESTA OBRA..... | 1 |
| | |
| LIVRO PRIMEIRO | |
| A PRIMAVERA..... | 21 |
| DESPEDIDAS DO CAMPO..... | 22 |
| A SOLEDADE..... | 23 |
| A SESTA..... | 25 |
| O ANIVERSÁRIO DE FILINTO..... | 27 |
| A UM JOVEM POETA..... | 28 |
| A NOIVA..... | 29 |
| O MONUMENTO..... | 30 |
| A MORTE..... | 33 |
| A INFÂNCIA..... | 39 |
| SONHO PROFÉTICO..... | 43 |
| PEDIDO A UM POETA..... | 48 |
| A ANÁLIA..... | 49 |
| FILINTO..... | 49 |
| AS FÉRIAS..... | 61 |
| A RECAÍDA..... | 64 |
| O VENTRÍLOQUO..... | 66 |
| A JÚLIA..... | 68 |
| A COR DA ROSA..... | 69 |
| | |
| LIVRO SEGUNDO | |
| A LIBERDADE..... | 72 |
| À PÁTRIA..... | 73 |
| SÃO MARTINHO..... | 74 |
| AO CORPO ACADÊMICO..... | 77 |
| OS MEUS DESEJOS..... | 79 |
| A SAUDADE..... | 80 |
| AO CORPO ACADÊMICO..... | 82 |
| O BRASIL LIBERTO..... | 83 |
| CONSOLAÇÕES A UM NAMORADO..... | 87 |
| MADRUGADA..... | 89 |
| A LIBERDADE DE IMPRENSA..... | 92 |
| LONGA VIAGEM DE MAR..... | 94 |
| A LÍDIA..... | 97 |
| O ANANÁS..... | 97 |
| O BEIJO..... | 98 |
| A DÉLIA..... | 100 |

LIVRO TERCEIRO

| | |
|---|------------|
| A MEU TIO D. ALEXANDRE | 102 |
| O AMOR MATERNAL..... | 103 |
| O AMOR PATERNAL..... | 105 |
| ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO DE 24 DE AGOSTO..... | 106 |
| AO REI JURANDO A CONSTITUIÇÃO..... | 109 |
| A ROSA..... | 111 |
| FAZ HOJE UM ANO..... | 113 |
| SAFO..... | 115 |
| O ROUXINOL..... | 121 |
| A GUERRA CIVIL..... | 123 |
| MELANCOLIA..... | 126 |
| O CÁRCERE..... | 128 |
| O EXÍLIO..... | 129 |
| A LIRA DO PROSCRITO..... | 131 |
| A MORTE DE RIEGO..... | 133 |
| O NATAL EM LONDRES..... | 138 |
| O ANO NOVO..... | 139 |
| | |
| NOTAS..... | 141 |

NOTÍCIA DO AUTOR DESTA OBRA

Debaixo de ruim capa se esconde um bom bebedor.

Rif. popular.

Do rifão que tomei para epígrafe desta memória, verá o leitor que mui bem senti os inconvenientes do nome esquisito e desconhecido que vai à frente da obra. Pior será se, parecendo ruim a capa, não parecer melhor o bebedor.

Quem é este novo e esdrúxulo poeta, este Sr. João Mínimo? – O mais que posso responder é contar tudo o que dele sei, que não é muito.

Eu estava a respeito do Sr. João Mínimo na mesma ignorância perfeita em que está o público: era poeta de que não tinha a mínima ideia. Ora todos sabem que para se adquirir este nome em Portugal é necessário andar maltrapido, viver vida cínica pelos cafés e bilhares do Chiado ou do Quebra-Costas, onde, com o charuto na boca e o ponche ou a filipina na mão, se discute de sonetos, décimas, odes pindáricas e ditirambos, que são os únicos gêneros hoje admitidos pela legítima, pura e ortodoxa poesia lusitana, fulminado terrível anátema contra toda e qualquer herética nequícia discrepante (*Escrevia-se isto em 1825*).

Além dos mencionados cafés e bilhares, os outeiros de freiras, e nas ocasiões públicas – como juramentos, pejoramentos, aclamações, desaclamações, usurpações, etc., etc. – os teatros são os meios de publicidade para os verdadeiros e legítimos filhos do lusitano Apolo que desprezam a ridícula glória de autores impressos.

Em nenhum destes sítios tinha eu visto ou ouvido falar do Sr. João Mínimo.

Tão-pouco não era ele poeta impresso; pois, graças a Deus, tenho corrido todos os folhetos e folhetaços de poesia – em todo o sentido fugitivas – que há vinte anos se têm impresso; e bem assim os volumes poéticos de papel pardo que regularmente constam, como é sabido, de algumas grosas de sonetos de anos, abadessados, etc.; logo, segundo a liturgia comum, as odes pindáricas e os ditirambos; acabando tudo com a miscelânea das glosas, colcheias, anacreônticos, e alguma écloga – se as há.

Portanto era-me perfeitamente estranho o nome deste novo poeta. E agora contarei como viemos a fazer conhecimento e amizade, e como, por uma extraordinária circunstância, vim a ficar universal herdeiro de todas as suas obras; das quais na presente coleção dou ao público pequena amostra.

No Verão de 182... sucedeu, uma tarde de Junho, que me encontrei no conhecido café do Marrare com uma súa de rapazes, leais filhos de Apolo; e, como é natural, a nossa animada conversação entrou logo pelos distritos poéticos. Veio-se a falar em outeiros – alegre e engenhoso passatempo de nossos pais, quase perdido hoje na barafunda das malditas políticas, desprezado e mal avaliado por uma mocidade estragada e libertina que tem o descoco de preferir as cartas da Nova Heloísa e do excomungado Saint-Preux às éclogas do pastor Albano e da pastora Damiana, – que ousam antepor os descompostos versos de Francisco Manuel e suas odes hieroglíficas aos retumbantes, altissonantes e nunca assaz louvados sonetos da escola elmânica! – Isto é, quando estes senhores se dignam de olhar para versos; porque hoje a moda é prosa e mais prosa, economias políticas, estatísticas, químicas, físicas, e outras inúteis frandulagens que nunca entraram nas topetadas e apolvilhadas cabeças de nossos pais, naqueles felizes tempos de Portugal em que a procissão de Corpo de Deus vinha pelos arruamentos abaixo, – e na véspera à noite, oh! que brilhantes outeiros por aquela Rua do Ouro! – quando todas as *blue-stockings*, *bel-esprits* e *précieuses* de Lisboa se requebravam pelas adamascadas janelas em motes alambicados e sublimes, fruto de muita semana de estudo nos preciosos volumes de João Xavier, da Marília, – e também, para honra e glória do meu pátrio rio, do Belmiro pastor do Douro!

Tempos, ditosos tempos que nunca mais heis de voltar! As vezes ponho-me a pensar comigo se os manes do pastor Albano, ou a alma parda do cantor Caldas (*Não se fala do grande poeta o padre Caldas, mas do mulato improvisador Caldas*), ou o energúmeno espírito do vate Elmano (*O vate Elmano é mui diferente coisa do poeta Bocage. O excêntrico, ininteligível, escatapafúrdico Elmano dos cafés e dos outeiros não pode ser o mesmo que o nobre poeta Bocage, o tradutor de Ovídio, o autor de Leandro e Hero, do Tritão e de tanta coisa boa e bela*) aparecessem de repente entre as cigarri-ponchi-ondulantes nuvens de um café do Rossio, – teatro de suas façanhas, templo de suas glórias! – e ouvissem e vissem a profanação e prostituição atual de tais lugares!... Gazetas, jornais, periódicos!... O Português (*Jornal dirigido pelo A. em 1826-27.*)

a matar a gente com a publicidade dos processos e com a traição do ministério; a Gazeta às unhas ao Português; – o padre José Agostinho – até este, o próprio Elmiro Tagideu! Tu quoque, Brute!... o padre José Agostinho às chalaças arrieirais com eles! Com menos escândalo, é verdade, este digno filho de Apolo se abaixa à vil prosa, porque em nenhuma matéria de ciência ou arte, ou literária (diga-se para honra do seu poetismo) o vemos entrar solidamente e como quem a sabe ou a professa: apenas uma tintura de florilégio para embasbacar os pataus, e fazer encaixe a descomposturas, insultos e pachochadas. Mas enfim é vil prosa, indigna do sesquipedal imitador de Estácio, que, com tanto crédito de seu delicado gosto, o antepõe ao sensaborão de Virgílio... ai! isso é o menos: que diremos do rival vencedor do torto Camões!

Oh! o que diriam aqueles ilustres manes! Com que maldições e esconjúrios não fugiriam eles outra vez para a habitação das sombras, fulminando, sobre a degenerada raça bastos sonetos de anátema, e pindáricas odes de confusão eterna!

Que é dos poetas portugueses de hoje? Que se não pode chamar poetas a esses fazedores de poemas e romances (Parece aludir a certas publicações modernas de esquisito feitio e anómala descrição que aparecem há três para quatro anos a esta parte, como o poema Camões, uma tal D. Branca, e outras modernices) enfronhados em românticos, ou a esses frios imitadores de Horácio no gênero lírico, que fazem odes com senso comum, – ou a esses prosélitos da escola de Gesner, em que tudo é natureza e verdadeira imitação dela, – ou a essoutros feitores de tragédias, salvo um ou dois cujos versos trágicos são dignos do soneto e da ode pindárica. Nada! isso não é gente a quem se chame poetas. Oh! que é daqueles famosos atletas que no circo poético lutavam infatigáveis com fúrias, Górgonas, Tisífonas e Megeras, e bramiam e pulavam e troavam e retumbavam, e faziam versos que nem eles entendiam, de tão sublimes, de tão guindados! – Tudo isso banido, tudo isso fora de moda por estes ridículos bonecos de hoje, para quem tudo é natureza e natural, que chamam à noite noite, e ao sol sol, e a todas as coisas pelo seu nome! Quais poetas, que se lhes entende tudo quanto dizem sem ir ao dicionário da fábula! Poetas que começam ou ode, ou seja o que for, sem invocar musas ou Apolo – até creio que nem Apolo nem musas reconhecem os excomungados.

E a isto chamam romântico; e diz que é importação de Madame de Staël e do ascético Chateaubriand, que nos estragaram nossa poesia do Sul com estas sensaborias do Norte. Pois a antiga escola Marino-gongorístico-italo-castelhano, que resistiu aos esforços de Garção e Dinis, que reviveu mais brilhante e triunfante em toda a seita Elmânica, lutou com Filinto e Filintistas, marimbou para antiquários-inovadores de toda a espécie, e por uma sublime ruse de guerre, com diferente nome e fingida aparência, capitaneia as falanges dos Elmiros e de não sei quantos mais miros e iros, contra os pretendidos restauradores das simplicidades camõesinas e sá-mirandinas – esta escola, que tamanhos gênios, embora esquecidos hoje, tem produzido há de acabar às mãos de quatro peralvilhos sem nome e sem glória?

O pior é que não é possível concentrar a atenção pública em ponto tão importante: as endiabradas políticas tudo absorvem. E eles, os romancistas, os nacionalistas, os racionalistas, os inimigos da brilhante antítese, do campanudo conceito, da fina e intrincada e ininteligível frase sublime... eles ganham terreno; e talvez, talvez não tarde a época em que se veja um dia de anos sem soneto, um aniversário real ou nacional sem ode pindárica; em que as églogas de João Xavier, e de muitos outros, causem sono, os sonetos elmanísticos fastio, e as epopeias agostinhas nojo.

Ah! de onde vem tudo isto, de onde procede todo este dano? – Do esquecimento e abandono dos antigos, respeitáveis e ortodoxos usos nacionais. Durassem ainda os outeiros, houvesse daquelas justas, daqueles torneios poéticos em que cada um fazia prova singular e pública de seu talento e finura, e em que nenhum insulso fazedor de versos soltos e frigidíssimas odes ousava intitular-se poeta... houvesse ele outeiros, e não veríamos o que vemos.

Tal era o tema e variações da nossa conversação, quando outro aluno da antiga escola, outro filho do outeiral Apolo, nos veio interromper agradavelmente.

– Rapazes! – correu ele para nós – muito estimo encontrá-los aqui. Súcia! Vamos a Odivelas ao outeiro de São João, que é hoje, esta noite.

– Quê! ainda ele há disso? Olha a nossa conversa... Pois deveras um outeiro?

– Outeiro, sim senhor, vamos; é brilhante coisa: há mais de dez anos que se não faz. Mas hoje temos tudo arranjado, tudo pronto. Vai N., N. e N., que hão de aterrar tudo com sonetos e colcheias, e já levam provisão de quartetos e

consoantes – disto que chamam de nariz de cera, que servem para todo o mote; mas não importa: o caso é fazer bulha e estalar como um foguete de lágrimas nos ouvidos destes pedaços-de-asnos.

Havemos de meter tudo num chinelo. Nem Bocage nem Malhão viram nunca no seu tempo um outeiro como este há de ser. Vamos, rapazes, que só faltam vocês. Toca, marcha!

E nós tocamos e marchamos capitaneados pelo nosso diretor; e eis-nos saltando e folgando, todos umas páscoas; e ele que dá conosco na redolente e viçosa Praça da Figueira, onde encontramos arreados e vistosos ginetes e hacaneias mordendo de impaciência – os dourados freios não – mas um resto de albarda velha. Eram burros.

Porém os mais pimpões e menos asinários animais-burros que trotam nas vizinhanças da ínclita Ulisseia.

E os rapazes burriqueiros conosco, e:

– Este, meu amo, isto é que é jumento!

– Este, o meu Junot! – Leve o meu Bonaparte. Isto é que é fera. – Leve o meu Lorde inglês, que nunca tropeçou na sua vida. – Para Sintra, fidalgo, para, Sintra? Está lá em duas horas, o muito; é ir no meu Doutor.

E com estas gritarias e desordem e encómios dos ruços travou bulha suja entre os donos e condutores da asinária; durante a qual, o tertius gaudet de uma boa velha, que creio que vende toucinho e queijos do Alentejo, aproveitou a ocasião e nos veio oferecer as suas cavalgadas – aliás burricaduras – que estavam ajaezadas e prontas atrás do lugar (*Lugar, para inteligência do leitor provinciano, é a barraca de madeira em que estão anichados os vendilhões da Praça da Figueira e de outras praças e ruas de Lisboa.*). Estipulou-se pronto o preço, montamos sem mais detença e partimos em garrido trote entre os gritos e assobios da rapaziada burrical, que vendo-se desapontados pela nossa repentina deliberação, largaram a bulha para nos rogar em coro um sem-número de suas chulas pragas, a nós e à mãe dos burros, a boa velha que nos acomodara tão bem, e que não teve o menor quinhão nas jaculatórias da rapazia.

E já passamos as sujas e enlameadas ruas, e já em campo aberto a gozar a mais bela e deliciosa tarde de Junho que ainda sorriu nos abençoados climas do nosso Meio-Dia.

O ar doce e temperado apenas se agitava de uma ligeira viração, tão branda como a que pode causar a trêmula vibração de ventarola asiática em mãos de formosa escrava, nos regalados jardins de algum nababo delicioso...

Apre! que esta foi poética de mais – romântica de mais.

Sejamos clássicos:

*Qual a suave ondulação mimosa
Que em torno à mãe dos lânguidos amores,
Em tarde estiva na estação calmosa,
Meneando os leques de cheirosas flores,
Fazem as Graças nos jardins de Gnido
Para embalar e acalantar Cupido.
Que tal! – o diacho é o maldito leque.
Parece-me prosaico e vulgar como o
Escreve a seu irmão que lhe mandasse
A fazenda com que se resgatasse.*

Paciência. – Abano, abanico... nada! Ventarola já está dito: leque... leque... Leque sempre é o melhor. E mais não é bom. Mas não diz lá o grande poeta da Fênix (*A Fênix Renascida, preciosa coleção do princípio do século passado, em que há mais versos e poesia gongorística e elmânica do que em todas as coleções poéticas imagináveis.*), – falando do ferreiro Polifemo:

*E porque só no vento se afiança,
Lhe servia de fole uma esperança?*

Pois fole não é mais poético do que leque: e em sublime, guindado, elevado e culto, se alguém sabia, era aquela gente da Fênix Renascida.

As digressões matam-me: é a minha terrível e imperdível manha. – Onde íamos nós? – No caminho de Odivelas: é verdade.

E íamos nós andando, andando, isto é, os nossos burros trotando, trotando, e o ar delicioso, e os campos lindos, e as vinhas e os pomares e os bosques exalando fragrância; e tudo alegre e risonho, respirando saúde e vida e contentamento; e nós discutindo consoantes, questionando sobre rimas, ventilando metros, e outras que tais coisas de sublime importância.

– E quem conheces tu lá para te dar mote? disse um da súcia para outro.

– E para dar doce?... que é um pouco mais interessante.

– Em que tu falas! Vergonha...

– Falo no que penso, que já tenho fome: e que será lá para noite velha, quando os consoantes começarem a faltar, – as ideias a fugir, e um pobre homem com o fecho do soneto atravessado na garganta, que nem para trás nem para diante! Aí é que os eu quero ver: o estômago vazio, e o parto de um soneto atravessado! Ninguém resiste a isso: eu por mim...

– Fuma-se.

– Bom é: mas fumar não enche.

– Querem vocês ouvir um soneto que eu fiz em Coimbra, de consoantes forçados, a um maldito que estava a jogar a ronda comigo, ganhando-me o dinheiro, e não me quis dar um pontífice em que eu tinha o olho, que me danava por ele?

– Venha! – disseram todos.

– Pois aí vai – continuou o autor do soneto:

*Dá cá desse cigarro uma fumaça
Antes que a lata a cachações te meça:
Dá-o por bem, antes que a mal to peça;
Passa cá o pontífice, louraça.*

*Isso agora é de mais, isso é pirraça,
Dou o cavaco, azoo com tal peça;
Se não mo dás já já com toda a pressa,
Desconfio, enquizilo coa chalaça.*

*Deixa estar que inda um dia quando eu possa,
Se algum diabo, meu ratão, te atiça
A pedir-me um cigarro, é logo coça.*

*És herege, infiel, não vais à missa,
Uma ponta negar não te faz mossa
Porque a alma tens de estopa ou de cortiça.*

Bravos gerais e unânimes e sinceros. Tenho observado que entre autores – e poetas, que é a pior raça de autores – as coisas joco-sérias, de galantaria, são geralmente apreciadas sem inveja, e aplaudidas sem aquelas frias restrições do amor-próprio que impedem os filhos de Apolo de acharem gosto e prazer no que é belo ou grande nas obras de seus confrades. Não é afetação, não é maledicência; é que gostar é gozar, e quem não goza não gosta. E como há de um poeta gozar no merecimento e na glória de outro poeta? Coitados! As obras de mera brincadeira não têm pretensões, não disputam lugar a ninguém; todos lhe acham graça por pouco que elas valham. E assim foi esta.

Mas sempre houve quem viesse com a reflexão:

– Ah! sonetos deste gênero, o Bocage: aquele

*Cara de réu com fumos de juiz,
Figura de presepe ou de entremez...*

– Não, senhor, eu prefiro o outro:

*Da minha ingrata Flerida gentil
Os verdes olhos esmeraldas são...*

– Isso não são consoantes forçados.

– São, sim, senhor. – Não são, não, senhor. – Essa é boa! não sei eu o que são consoantes forçados? – Não sabes; que esses nunca o foram.

*São, não são; trava questão renhida,
Cada qual seus amigos favorecem.*

E rédeas que se descuidam, e o quadrúpede de um dos principais questionadores de joelhos a terra, e o cavaleiro atrás dele – mas de narizes em vez de joelhos, – e o burro imediato que tropeça no cavaleiro – aliás burriqueiro – e no burro; e zás, a terra também – como um regimento de cartas de jogar. E risota; e ai meu braço! e ai meu nariz! – E um dos burros que se levanta e foge, e o cavaleiro coxeando atrás dele, e nós todos a cercar, e o liberto animal ao galope e relinchando e pinoteando e escaramuçando em todo o sentido e por todos os órgãos que estes generosos animais costumam... E nós fazendo um alarido de todos os diabos. E se não é um pobre saloio que vinha do mercado e agarrou o burro, algum dós outros animais tinha de ser comum de dois para o resto da jornada.

Felizmente o resto era bagatela; e sem mais questões nem incidentes, chegamos ao cruzeiro gótico que fica na pequena eminência, de onde tivemos ampla vista do antiquíssimo e celebrado convento de Odivelas, em cuja igreja jaz o grande rei D. Dinis, e em cujo dormitório tantas vezes jazeu outro rei – que não sei se foi grande ou pequeno – D. João V de freirática memória.

Entramos solenemente pelo portão de ferro que fecha a grande praça do convento, como uma banda de cavaleiros em estacada de torneio. Pelos modestos e pacíficos ginetes bem se deixava ver – quando por al não fosse – que mais eram trovadores do que justadores os que assim chegavam aos venerandos muros do antigo castelo monástico.

O mosteiro com efeito, ainda que situado em uma baixa pouco pitoresca, seus ares tinha de castelo nos edifícios primitivos; mas um sem-número, de irregulares acrescentos de diversas datas destroem a ilusão romanesca.

E nós às cortesias às madres que apontavam a espreitar pelas janelas, – e alguns a visitar o padre confessor,

Gordo-cachaci-pançudo Bernardo, (*Este verso não é meu, e não me lembro de quem é.*) que, segundo uso usado, habita uma cómoda e confortável vivenda defronte do convento. – E eu que me escapo da súcia, e por meu natural curioso e amigo de antigualhas, fui-me sumindo pelo antigo e lajeado corredor, ou claustro externo, formado pela balaustrada para o lado da igreja. Estava aberta a porta, e eu entrei com a imaginação exaltada no solene e majestoso espetáculo do interior de um templo gótico: tal o prometia o exterior dele. – Em

geral a arquitetura gótica é para mim um quadro de solene tristeza que me absorve os sentidos todos num gozo indefinível, num estado que não sei explicar, porque se não parece com nenhuma das sensações que os monumentos de outro gênero, que as outras belezas das artes me excitam.

Mas esta espécie de arquitetura – e a mais simples mais se embeleza-no interior de um templo solitário, com uma luz escassa, como eles geralmente a têm, enche-me a alma de um certo não-sei-quê entre gozo, respeito, devoção, melancolia e suavidade, que posso ali estar horas esquecidas sem me lembrar nem me importar mais nada.

Muitas vezes me sucedeu entrar na antiga e veneranda catedral de Coimbra, deserta e desamparada, – rico monumento gótico, um dos mais antigos da Europa, talvez anterior à conquista dos árabes, e que está no desprezo e abandono porque nós somos uma nação desmazelada: – não éramos, mas assim nos fez a monocracia que apodreceu a nação até o âmago. O retábulo da capela-mor da Sé, chamada a Sé Velha de Coimbra, é o mais fino e perfeito e delicado lavor gótico em talha de que tenho notícia, e talvez, que exista.

Haverá oito anos estava ainda perfeitamente conservado.

E então, os ricos monumentos sepulcrais dentro e fora da igreja! – que em

Inglaterra ou noutra país cristão seriam conservados com respeito e veneração de relíquias! – ali, estragados, as inscrições ilegíveis, alguns cobertos de emplastos modernos... Que vergonha, que desonra nacional!

E mais ainda bem que o bispo de Coimbra e o seu cabido cometeram (*Na extinção dos Jesuítas em Portugal, o bispo e o cabido de Coimbra abandonaram a sua antiquíssima catedral e foram ocupar a igreja dos Jesuítas.*) a vergonhosa ação de abandonar a antiquíssima e veneranda Sé da que foi por séculos capital do reino, em que floresceram prelados ilustres por ciência e virtudes, varões de tanto nome e mérito – a que não hão de chegar decerto os modernos desertores do venerando e augusto templo! Ainda bem, digo eu, que eles o abandonaram: senão já estaria a esta hora aquele interessante monumento da antiguidade estragado e desfigurado com as modernizações greco-galas (*Greco-galas faz cacofonia em português, mas não importa. Chamo greco-galo uma espécie ou estilo de arquitetura do tempo de Luís XVI, que nem é grega, nem romana, nem oriental, nem gótica, mas uma mistura florida e recortada de*

diversos gêneros, muito carregada de ornatos e muito mesquinha e inelegante. É estilo ainda hoje predominante em Portugal em retábulos de capelas e que tais.) que emplastram e emascaram em Portugal as mais belas relíquias da antiguidade gótica – e sueva – e romana – e grega, que de tudo isso havia por nossos templos e palácios e edifícios públicos. Se eu tivesse autoridade pública, mandava un beau matin desemplastrar tudo isso, descaiar as pirâmides, colunas e monumentos que abundam pelos montes do Minho e charnechas da Beira, pelos baldios do Alentejo, por toda a parte, e que por toda a parte o mau gosto tem caído e emplastrado, quando não destruído pelos fundamentos: não sei porquê. Só se porque a estupidez desonra dos netos se envergonha da memória dos avoengos – tão diferentes! – Talvez.

Mas nada disto me lembrou ao entrar a porta da antiquíssima igreja de Odivelas; e com a imaginação toda cheia das pacíficas glórias do grande Dinis, entrei possuído de respeito no santuário em que repousam suas cinzas.

Desapontamento – desapontamento inglês – que não há outra palavra em língua nenhuma que expresse o que eu senti – desapontamento tão triste e tão aguado, nunca o provei. O interior da igreja é exatamente o tal misto hermafrodito de arquitetura anfíbia e ridícula, de dourados e mármorees fingidos, de colunas anómalas que a nenhuma ordem pertencem – ou mais exatamente, formam a nova ordem asnática, adotada para a construção de quase todos os novos edifícios em Portugal, e para a emplastração e degradação de todos os antigos.

E o sepulcro, o túmulo de D. Dinis, que é dele? – Não é nenhuma destas sepulturas rasas, espero eu ao menos. Não. – No altar-mor? Não. Absolutamente não aparece. Enfim deparei com um pobre homem, assim coisa de sacristão muito velho e muito bruto, que me valeu de cicerone: – Há de ser naquela capelinha velha à esquerda.

– Como! nesta aqui, abandonada, cheia de teias de aranha, indecente!... E era nessa; nessa estava o túmulo de D. Dinis; uma espécie de sarcófago meio moderno afrancesado, meio antigo agregado ou egipcianado, feito de estuque, pintado a morte-cor, fingindo pedra lioz; as armas de Portugal, também pintadas na frente, mas pintadas como hoje as pinta e grava e esculpe a geral e descuidada ignorância, – escudo redondo que nunca foi escudo real, coroa da Senhora da Conceição, que nunca foi coroa portuguesa: sensaboria e ridicularia

vulgar nos selos públicos, na moeda, nos edifícios do Estado, em tudo; – que até nestas coisas pequenas está Portugal degenerado, mudado e parodiado.

Pois nem o singelo monumento do grande rei D. Dinis escapou à emplastragem universal? Nem o respeito à sua memória, nem a veneração a tão honradas cinzas, nada valeu! – Coitadas, as pobres freiras, e o toucinhudo confessor (o convento é Bernardo e governado por Bernardos) cuidaram talvez fazer uma obra meritória, uma honraria à memória do fundador, caiando-lhe, encalçando-lhe, borrando-lhe e sarapintando-lhe o monumento.

O meu cicerone teve a bondade de se ir embora, e de me deixar só à minha vontade fazer de meu vagar estas reflexões, em que não levei pouco tempo.

Quando eu mais embebido estava nelas, e com os olhos maquinalmente fitos no monumento, senti de repente ao pé de mim sinal de fôlego vivo. Acordei do meu quase letargo, e ao voltar-me encarei com um homem moço ainda, mas desbotado de toda a flor da idade, mal trajado, mas de uma figura não vulgar, destas que ficam, olhos vivos e penetrantes, e com certo não-sei-quê extraordinário em todo ele que me tocou. Tinha-se aproximado de mim sem o eu sentir, e com os braços cruzados sobre o peito, como que me media com uns olhos tão vivos que pareciam entrar-me até o mais recôndito do coração. Observamo-nos algum tempo em silêncio. Rompeu-o ele:

– É a primeira vez que vem a esta nossa igreja?... se não sou confiado em perguntar...

– Faz-me muito favor. – A fisionomia do homem, o som da voz, certo quer que fosse particular mo prevenia em favor dele. – É certamente a primeira; e com grande mágoa e desconsolo meu, a primeira que vim ver este monumento do nosso grande rei, que o vim achar...

– Desfigurado, mascarado pela ignorância e perverso gosto destes monges das idades bárbaras; que tais ou piores são estes aqui. Estes vândalos fizeram a essa veneranda relíquia nacional o mesmo que faziam seus confrades da meia-idade aos manuscritos dos autores gregos e romanos, que os raspavam, ou lhes comiam a tinta com suas esconjuradas drogas, para aproveitarem o pergaminho e escreverem nele suas fradarias místicas e glosas teológicas. *(Entre outras obras clássicas da Antiguidade que se têm recobrado fazendo reviver nos*

palimpsestos a antiga escritura e apagando a dos monges, é o interessante tratado de Cícero De República, que há pouco se imprimiu.)

A comparação engenhosa trazida sem pedantismo, e que mostrava ao mesmo tempo instrução e gosto, causou-me viva admiração: involuntariamente – tal é o poder dos maus hábitos e preconceitos! – voltei a contemplar a malroupida figura do homem, o ar humilde do seu corpo e trajo, que tão notavelmente contrastava com a expressão nobre do rosto, a pureza e correção da pronúncia, o escolhido da frase, e mais, agora, esta mostra de ilustração tão pouco equívoca. O desconhecido penetrou-me o ânimo:

– Bem sei em que pensa, e não me admira o seu espanto. Parece-lhe impossível que uma fraca figura como eu fale nestas coisas com algum senso comum. Tem muita razão, e eu muito pouco juízo em ceder assim ao primeiro impulso voluntário com que me desmandei de meu silêncio e estupidez habitual. Seduziu-me o êxtase em que o achei contemplando esse monumento, e a comunhão mental de nossas ideias. Quantas vezes tenho eu feito essas mesmas dolorosas reflexões em que o achei embebido, sobre nossa atual miséria e degradação!

Eu pasmava de olhar e ouvir o homem.

– Dá-me licença – lhe disse – que pergunte com quem tenho a honra de falar?

Sorriu-se com uma espécie de afetação filosófica; mas bem se via que era o amargor misantropo quem lhe franzia os lábios naquele sorriso... amarelo.

– Sou um pobre homem, senhor: para que quer saber minha humilde condição? Para perder algum pequeno conceito que lhe eu tenha merecido? Mas eu não sou homem que oculte a baixeza da minha esfera. Nisto sou bem pouco português. Pois, senhor, saberá que sou sacristão-menor desta igreja, e o mais é, que muito contente e satisfeito da minha sorte.

É escusado notar que as palavras sublinhadas foram ditas com certo tom enfático muito particular e expressivo.

Arregalei uns olhos muito pasmados: o homem tornou a sorrir, mas agora mais naturalmente, isto é, menos filosoficamente; e continuou:

– Sim, senhor; mas eu não faço nunca meias confidências; a minha história é curta, e quando a conto é toda. Este velho que lhe mostrou o túmulo de D. Dinis, é meu tio; ele é que é o sacristão principal do convento. Meu pai era lavrador abastado da vizinhança, quis-me cônego ou juiz de fora, fez-me estudar, mandou-me para a Universidade, onde pouco aprendi; – saí do reino, viajei por países estrangeiros, onde aprendi muito. Assentei de não ser ministro nem da Igreja nem do Estado – por muitas razões, que são longas e fora daqui. Enfim voltei à minha pátria, mendigo, sem proteção (meu pai tinha morrido no entanto coberto de dívidas) e para maior tormento e desgraça, com cabedal de letras, que é a mais ruim fazenda que neste país se pode ter... contrabando, moeda falsa, pior. Vi-me sem mais achego nem amparo que este meu tio sacristão, velho rústico e ignorante, mas excelente alma. Foi a única mão que se estendeu para me alevantar da miséria. Beijei-a com lágrimas, e hei de servi-lo e ajudá-lo até o último dia de sua vida, que, inda mal! me não parece longe. Lá se empenhou com os frades e com a abadessa, de modo que me fizeram seu ajudante, uma espécie de subsacristão ou coisa que o valha. Tomei resolução, conformei-me com a minha sorte, mais, assentei de tirar partido dela. Todos aqui me têm por mais rude, mais ignorante que meu próprio tio: varro capelas, acendo velas, ajudo missas, – nos intervalos dou meu passeio por estes formosos arredores, vegeto de dia; e às noites... à noite é que eu vivo. Sozinho, fechado no meu quarto, leio, escrevinho, medito, rabisco, gozo, vivo enfim. E ninguém me amofina, ninguém me intriga, me rala, me mata – porque ninguém me conhece. Vivo feliz, Diógenes num tonel de nova espécie, e um Diógenes que não dá nos olhos – verdadeira felicidade. Acredite-me, meu rico senhor: ninguém se esconjurava de sua sorte se soubesse anivelar-se com ela. Eu defino desgraça e pobreza – a desproporção entre o desejo e os meios de o satisfazer. Quem não pode ensanchar os meios, não lhe resta senão cercear o desejo. Mas a quantos lhe chega força de ânimo para isso?

Não sei pintar a admiração e a espécie de pasmo e absorção de todos os sentidos em que eu estava. O meu filósofo de gênero novo continuou:

– Meu rico senhor N... (o meu nome! quem lho diria?) eu conheço-o de Coimbra; era muito criança quando entrou para a Universidade, mal se pode lembrar de mim: eu formei-me no seu segundo ano; mas fui companheiro de um amigo seu, e conheço-o.

Estou certo que me não há de trair: seria perder-me para toda a minha vida...

– Descanse: dou-lhe minha palavra de honra mais sagrada. Porém não seja esta a última vez...

– Bem: mas isto é tarde, os seus companheiros hão de vir por aí em sua procura; e eu com eles não quero nada. Deixe-lhe mostrar o que é ainda visível do túmulo de D. Dinis!

Passamos com dificuldade por entre um dos lados do monumento e a parede da capelinha, e descobri a face oposta do sarcófago, a qual não estava emplastrada e se conservava em sua primitiva rude elegância: – um lavor gótico simples, com sua orla semeada dos escudos de Portugal ao uso antigo, de muitos castelos (i. é, mais de sete no escudo algarvio exterior) e várias inscrições latinas em letra monacal. A luz do crepúsculo escasseava já; não pude decifrar nenhuma das inscrições; e era impossível, creio eu, porque os começos e complementos estavam nos outros três lados do túmulo enterrados no maldito estuque iconoclástico.

Eu que teimava ainda a ver se podia interpretar alguma das inscrições, quando sentimos entrar gentes na igreja e ouvimos muitas vozes. Eram os meus companheiros que me procuravam. O filósofo sacristão sumiu-se como um espectro: e eu, depois de muitos motejos pela minha devoção que me tinha há mais de hora e meia na igreja, voltei com eles para o adro ou largo do convento, onde já as fogueiras anunciavam a folgança e alegrias da abençoada noite de São João, e chamavam o povo da vizinhança, que acudia aos magotes com violas e festas, e tangeres e cantares, segundo os permite e requer a ortodoxa solenização de tão bem-aventurada noite. Começaram logo a iluminar-se as janelas das freiras, e a luzir pelas rótulas, pelas grades, as airosas toucas e os feiticeiros véus – certamente pouco avaros – que de vez em quando o lampejo de um lindo rosto, de matadores olhos inflamavam a imaginação dos nossos jovens poetas e lhes faziam dizer milhares de coisas bonitas. Era eletricidade que se estava desperdiçando.

– Vamos a isto, a isto, rapazes! – foi a voz unânime. E brados de mote, mote! Aos quais, depois de breve silêncio, respondeu uma voz flautada e sonora, que parecia mesmo de um querubim, – de quem não está costumado a coisas deste mundo:

Amor seu facho nesta noite apaga.

Debandou toda a falange poética; passeou-se, esfregou-se a testa, roeram-se unhas até o sabugo, e afinal – palmas, lá vai! E saiu o soneto seguinte, que transcrevo para divertimento, instrução e edificação do leitor – que veja como nós estávamos devotos e bons rapazes.

Amor seu facho nesta noite apaga.

GLOSA

*Parabéns, parabéns, devotas belas;
Cupido converteu-se, e mui contrito
Vem, abjurando do paganismo o rito,
Festejar esta noite em Odivelas.*

*O arco e setas – atirou com elas,
Quebrou tudo. Como elevem bonito!
Tira-lhe o carro um alvo cordeirito,
E na aljava só traz flóreas capelas.*

*Franqueai-lhe, não temais, vossa clausura.
Que ele hoje não faz mal a quem o afaga,
É pombinha sem fel, todo é doçura:*

*Tudo o contenta, qualquer coisa o paga;
Extinguindo ao desejo a chama impura,
Amor seu facho nesta noite apaga.*

Seguiram-se colcheias, e mais sonetos, e muitas versalhadas outeirais de toda a espécie e calibre, com muito e mui guloso doce que as madres nos deitavam, e que – ao menos para mim – não foi a menos agradável circunstância da noite. Já bem adiantada ia ela, quando ainda eu brigava muito embirante com uma maldita décima que nem pela fortuna se queria encaixar no mote. Era o sobredito o seguinte:

É doce alívio chorar;

Feliz quem pode fazê-lo!

Eu que tinha minhas certas razões para brincar com este mote, porque sabia de onde ele vinha, estava martelando *rime et raison* para o fazer com algum jeito. Mas nunca em minha vida fui tão infeliz: nem para trás nem para diante. Passeava só e assim engasgado no meio do largo, a turbamulta dos vates e espectadores acumulada ao pé do ângulo que formam as duas alas do convento, quando senti alguém atrás de mim, e que me tocavam no braço...

– Adeus! lá se foi o consoante! Valha-o a breca.

– Pois não está farto dessas sensaborias! Se quer continuar, perdoe, eu me retiro. Mas cuidei...

– E cuidou bem; que é grande loucura com efeito estar-me eu aqui a moer, e a tais horas da noite. Basta de outeiro. Mas eles estão encarniçados, e primeiro que acabem...

– Se quisesse vir honrar a minha pobre casa e entreter até que acabem (eu moro aqui ao pé), conversávamos... Eu também gosto de versos, e por desgraça até os faço... os fiz.

– Bravo! estou com a minha gente: vamos.

Escuso dizer que um dos interlocutores deste diálogo era o meu sacristão filósofo, o outro eu, que imediatamente aceitei o convite, com dobrada vontade depois que soube que o homem era poeta. Voltamos costas ao outeiro, e entramos – logo em uma casita pequena e humilde à saída do largo. Fomos para o quarto do meu novo amigo, que era mui confortável e asseado em sua pequenez e modesto arranjo. Deu-me guapa ceia de saboroso peixe frito e salada, com delicioso, vinho do sítio, puro e sem aguardente – coisa que abomino, perversa moda portuguesa de conservar o vinho, que equivale a perdê-lo. Conversamos largamente e vagamente sobre diversos objetos, e viemos a descair naturalmente no capítulo dos versos.

– Que lhe parece – disse eu – o que se tem feito aí no outeiro? Os rapazes ressuscitaram hoje com todo o brilho a antiga usança nacional.

– Sim; algumas faíscas de engenho têm vislumbrado por entre uma corja de sensorias e disparates, que é o de que sempre se compõe um outeiro.

– Oh que blasfêmia! se os meus companheiros o ouvissem... Já vejo que é da tal escola estrangeira: dos horacianos, ou dos românticos?

– Não sou nada disso: não gosto de escolas e detesto estrangeirices. Em tudo sou português velho, e assim hei de morrer. Mas a nossa diferença toda vai no fixar a época dos verdadeiros modelos. Os primeiros portugueses alfonsinhos eram gente semibárbara, e em literatura, em costumes, em linguagem, têm pouco que se imite; os degenerados portugueses que sofreram o jugo castelhano sessenta anos a fio e desprezavam já a sua língua bela, sonora e natural, para escrever na empolada e presunçosa língua dos tiranos, quem os há de imitar? Tão-pouco o merecem os que se seguiram e que não sabiam senão alambicar conceitos e guindar frases descomunais e desnaturais. Outro tanto direi dos ultrafilintistas, dos ultra-elmanistas e dos ultras de toda a espécie que hoje infestam e infetam a literatura portuguesa. O que fica, tiradas estas épocas, são os bons tempos da monarquia, são os reinados da raça Joanina antes do cativo castelhano, e depois dele, o curto mas glorioso período que se compreende na última parte do reinado de D. José e na primeira do de D. Maria. Costumes nacionais, linguagem (a dos bons autores), tudo é português legítimo, com as variações que o século, as luzes e a, diferente civilização produziram. E restringindo à espécie em que estamos, de versos, nos poetas dessas duas épocas é que aparecem os nossos únicos, mestres e modelos. Estudá-los cuidadosamente é indispensável a quem quiser fazer versos portugueses; imitá-los cegamente, não; já porque eles têm muitos defeitos que convém evitar, já porque há muitas belezas que eles desaproveitaram e que nós não devemos. Este é o meu credo poético nacional.

“Quanto a estrangeiros, convém estudá-los, convém imitá-los no que é imitável, nacionalizando-o: mas o que faz gala de imitar às tontas os estrangeiros e desprezar os seus, não é só tolo, é ignorante e estúpido. Eu fiz muito verso, muito verso mau, alguns sofríveis. Tenho queimado milhares, ainda aí tenho muitos. Mas fiz sempre por fugir do vício das escolas: nem sempre o consegui; geralmente é coisa que detesto. Que quer dizer horacianos, filintistas, elmanistas, e agora ultimamente, clássicos, românticos? Quer dizer tolice e asneira sistemática debaixo de diversos nomes. Pois quando quero fazer uma

ode genial – ou elegante de qualquer gênero simples e natural, não é O estilo, a maneira de Horácio o melhor modelo? Se faço um soneto ou um epigrama porque não hei de tomar Bocage por meu exemplar? Se se trata de sublimes raptos líricos, quem chegará tão alto como Francisco Manuel? Se o meu assunto é clássico, se o talho e adorno no gênero grego da arte antiga, se invoco sua elegante mitologia, porque não hei de ser eu clássico, porque não hei de afinar a minha lira pela dos sublimes cantores que tão estremados a tocaram? Mas se escolho assunto moderno, nacional, que precisa um maravilhoso nacional, moderno, se em vez da lira dos vates, tomo o alaúde do menestrel ou a harpa do bardo, como posso então deixar de ser romântico! Que ridículos não serão os moldes e adornos clássicos do Pártenon ou do Panteão embrechados neste edifício gótico?... Não acha que tenho razão?”

– Tanta, que me converteu. E não me vou daqui sem ver, sem estudar os seus versos. Por força...

– Por vontade será, e muita boa vontade; que – deixo-os falar – não há poeta nem autor de casta nenhuma que não folgue de mostrar as suas lucubrações, por mesquinhas que sejam.

O meu filósofo abriu uma arca afonsinha, em que havia imensa papelada de todos os tamanhos e descrições.

– Prosas, versos, um totelimúndi de escrevinhaduras – disse ele – está aqui nesta arca de Noé. Este é o primeiro bicho que sai da arca, e Deus queira que lhe não suceda como ao corvo da sagrada história.

Dizendo isto, tirou um grosso e pesado cartapácio informemente cosido a modo de livro, e deu-mo. Abri no princípio e dizia: – Versos de João Mínimo.

– Pois este é o seu nome?

– É o nome por que todos me conhecem. Quando eu andava no mundo chamava-me N.; João Mínimo foi o que adotei quando me fiz sacristão, e com que provavelmente me hei de enterrar debaixo de uma daquelas lajes, se Deus quiser, ou meu tio não morrer antes, que então...

Comecei a ler; e interessou-me sobremaneira a leitura. Pedi para trazer o livro, e obtive com certas condições que tenho cumprido à risca. Despedimo-nos com

promessas de nos tornarmos a ver cedo; e não tardei a ir reunir-me aos meus companheiros, que, já fartos de versos, de doce e de freirear, montavam os quadrupedantes ruços. Voltamos a Lisboa sem mais aventura nem coisa digna de se contar.

Li de meu vagar os versos do Sr. João Mínimo, em que realmente achei, segundo ele dissera, muita coisa má, muita coisa boa, e muita coisa nem má nem boa.

Tinham passado alguns meses, e andava eu fazendo tenção de ir uma tarde a Odivelas ver o meu Diógenes sacrista, quando inesperadamente me entrou pela casa dentro um saloio carregado com uma arca enorme, o qual me apresentou a seguinte carta, que vai fielmente trasladada para informação do leitor:

“Muito meu Sr. – Bordo do navio N. – de Janeiro 182...

– Quando esta lhe chegar, terei dito um eterno adeus à minha pátria. A morte de meu tio cortou os únicos laços que me prendiam a este malfadado país. Não sei ainda aonde irei dar comigo: mas sei que há de ser para longe de portugueses. Deles e de tudo quanto é português me despeço.

Neste número entram os meus rabiscos, de que o instituo legatário universal com autorização absoluta para deles dispor como entender – com a condição única de que, se algum se publicar, nunca será senão com o nome de – João Mínimo.”

Em virtude desta autorização me resolvi a publicar o presente volume, que é a escolha do que me pareceu melhor de entre a imensa farragem de versalhada conteúda na vasta coleção de versos de J. M. que eu tinha trazido de Odivelas.

Das outras obras, que são muitas e de mui variado gênero, prosas, versos, novelas, história, moral, direito, etc., etc., darei pelo tempo adiante ao público o que as minhas circunstâncias – e as do público permitirem.

Birmingham, em Warwickshire,

Inglaterra, Dezembro 15 – 1828.

LIVRO PRIMEIRO

I

A PRIMAVERA

Come, gentle Spring, ethereal mildness, come!

Thompson.

Que estância tão feliz, de Flora alvergue,
Mimo da natureza!
Que saudável bafejo de aura estiva
Me renova a existência!
Doce a mansão das Dríades florentes
O olfato lisonjeia;
Ledo cos filhos o cantor plumoso
Gorjeando esvoaça
De raminho em raminho, e vai na relva
Colher o tenro gomo
Da ervinha que desponta, e vem trazê-la
Ao fabricado ninho,
Onde a mole penuge apenas cobre
Os caros pequeninos
Tudo é vida, que pula, que germina
Na alegre natureza.
Quase se antolha, ao reviver dos troncos,
Ao nascer de mil plantas,
Ouvir a voz que ao caos tumultuário
A face deu primeira,
bar de novo, recriar os entes
Das sêmines do nada.
Ah! vós, que respirais ar empestado
Entre o múrice e o oiro,
Que ignorais os prazeres da existência,
Vinde, vinde comigo
No seio da risonha natureza
Conhecê-los, gozá-los.

Ela, que é simples como a flor dos campos,
Não criou para o homem
Doirada habitação, mentida estância
De prazer depravado.
Aquele a quem razão limpou dos olhos
Do preconceito as névoas,
Preza seus dons, desliza a turba inchada
De estúpidos pavões:
Enquanto eles o vácuo insaciável
Do ingênito apetite
Errados buscam saciar à toa.
Ri de sua lida o sábio:
Furtando-se ao clarão de Febo irado,
Entre louçãos verdores,
No mistério da vida, nos prodígios
Da criação se embebe.
Olha o matiz da flor, olha esse luxo
De púrpuras e de oiro!
Nem Salomão em toda a sua pompa
Trajou galas tão ricas.
Este campo, esta vista apura na alma
Os sentimentos nobres,
Virtuosos, singelos; restitui
O homem à essência de homem.
Assim, latino Orfeu, cantor das Graças,
Nas módicas Sabinas,
Coa filósofa musa ao lado, ao peito,
Passavas áureos dias.

Ilha Terceira – Abril 12, 1815.

II

DESPEDIDAS DO CAMPO

É forçoso deixar-te, ameno asilo,
Solidão deliciosa;

Mas fica-te, em penhor, minha saudade,
Minha lembrança eterna.
As doces horas que passei contigo,
Inocentes prazeres,
Que em teu seio de paz gozei tranquilo,
Jamais hão de esquecer-me.
À sombra de tuas árvores viçosas
Veio a divina Euterpe
Dar-me a provar os meles venusinos;
Em tuas soledades
A musa austera que ao terror preside,
Na lira envolta em luto,
Os modos me ensinou que à Grécia culta
Lágrimas arrancavam,
Em remoto porvir, teu chão pisando
Gênio votado às musas
Os ecos ouvirá de meus primeiros,
Meus inocentes cantos,
E adorando piedoso o teu recinto,
Dirá: – “Selva felice,
Em que habitou do Pindo o santo coro,
Salve eu te adoro humilde!”
Assim dirá: e tua soberba fama,
Deixando longe os términos
Do pequeno terrão que o mar rodeia
Se espraia no mundo:
A ti virá de longe o peregrino,
Como a Sabina e Tíbure,
Pendurar pelos ramos dessas faias
As votivas capelas.

Ilha Terceira – Setembro, 20, 1815.

III

A SOLEDADE

*Haec incondita solus
Montibus et silvis studio jactabat inani.
Virg.*

Oh como dilatar-se
Sinto no peito o espírito oprimido!
Como nova existência
Deste ar da solidão vou recobrando!
Não sinto das cidades
O ar pestilente carregar-me os olhos,
Nem oiço o burburinho
Rugir-me em torno, do insolente povo,
E a turba petulante
De ociosos vadios circundar-me.
Aqui neste recanto,
Que mal o errado vulgo olhar se digna,
Desfrutando prazeres
Só concedidos a gozar do sábio,
Da vida afadigada
Repoiso brandamente, no regaço
De cara Soledade.
Oh! porque já, na aurora de meus anos,
No despontar primeiro
Do crepúsculo tênue da existência,
Te quero eu tanto e busco,
Ó solidão, amparo de infelizes,
Confidente de mágoas?
De paixões virgem, sossegado ainda
Não tem meu coração
Que vir contar aos ecos de teus vales,
Às brenhas de teus montes:
E já te busco, e já tão docemente
Me embebo nas delícias
Da suave tristeza melancólica
Que de teu seio espira!
Mau sinal é, mau agoirar (me dizem)

Este fugir da vida
Às portas dela. – Embora: hóspede antigo,
O cara Soledade,
Me acoitarás então quando, fugido
A pesares e angústias,
Te for pedir consolação e alívio
Dos porvindouros males.

Ilha Terceira – Outubro 30, 1815.

IV

A SESTA

Veniam merridiatum.

Catull.

De um sereno ribeiro às frescas margens
Bordadas de boninas,
Na mão nevada repoisando a face,
Lília, a mais bela das gentis pastoras
Sossegada dormia.
Ela dormia; e zéfiro ligeiro
Tímido e respeitoso
Nem se atrevia a sussurrar-lhe em torno.
Mais plácida corria a débil onda
E o plumoso cantor nem murmurava.
O Sol, que no zênite
Vibrava raios da mais alta esfera,
Parecia afastar-lhe ao longe a calma.
Espesso freixo, que rodeiam mirtos,
Longe estendia a cúpula frondosa,
E, vaidoso do abrigo que prestava,
De namorado requebrava os ramos.
Aos pés da ninfa a medo se beijavam,
Quase afogando o gozo,
Sem lascivo arrulhar, meigas pombinhas.

Mal Lhe cobria os membros delicados
Pouco avaro sendal cândido e fino:
Via-se a perna, resvalando a furto,
De polido marfim que de alvo cega;
Via-se a forma do elegante corpo,
E o delicado seio
Suave palpitando
Em doce, voluptuoso movimento.
Dos lábios entreabertos Lhe 'spirava
Mais divino perfume que a ambrosia;
Pouco restava ao sôfrego desejo
Débil imaginar de almos tesouros.
Julguei da equórea Chipre nas florestas
Ver a meiga Ericina de cansada
Por Adônis chamar que adormecera.
Manso e manso aproximo, em cada passo,
Confuso, arrebatado,
Cuidando cometer um sacrilégio.
Afasto a medo os ramos invejosos,
Ah!... Lília reconheço, Lília, a ingrata
Que há muito me fugia: corro a ela,
Começo a Lhe beijar as róseas faces,
Beijo-Lhe as níveas mãos e os garços olhos:
Nas velas me pulula ardor celeste...
Osculo ardente
Do brando seio
Já sem receio
Lhe ouso roubar:
Prazer celeste
Lhe entr'abre os lumes,
E mil queixumes
Ia a formar:
Vou a aplacá-la,
Balbuciamos...
E ambos ficamos
Sem respirar...

Ilha Terceira – Maio 5, 1815.

V

O ANIVERSÁRIO DE FILINTO

A um amigo

*Cuncta festinat manus: huc et illuc
Cursitant mixtae pueris puellae:
Sordidum flammae trepidant rotantes
Vertice fumum.
Horat.*

Teremos do bom Porto os copos tintos,
Também virá Madeira,
O saudável, ameno Carcavelos,
E o topázio brilhante
Dos campos de Tubal, cheiroso e belo,
Co recendente Pico;
Não em doiradas esquisitas taças,
Mas em puros cristais.
Corre, amigo, que o lombo acostelado,
Coroadado de batatas
Já lá vejo do espeto retorcido
Fazendo-me negaças.
A meiga Armia, a minha doce amiga,
Doirará nossos gostos:
Vem, não tardes, que os copos já retinem.
Vem, que por mor festejo,
À memória do nosso grão Filinto
Já levantar mandei
Suntuoso mausoléu de alto relevo:
Acude e corre, amigo,
Antes que no-lo pesquem lambareiros:
Vem, que é de trouxas de ovos.

Porto – 1817.

VI

A UM JOVEM POETA

Não librado em dedáleas, céreas asas,
Ousaste o Pindo cometer dum voo,
E do olímpio cantor,
Sem medo ao vítreo pego,
Altíssimo emulaste o arrojo altivo.
Teus versos lendo numerosos, fortes,
Do vivo imaginar senti o impulso,
Do êxtase brilhante
Que ardido, que enlevado
Os homens levantou a par dos deuses.
De ações heróicas, discorrendo a teia
Antigos vates, alheada a mente,
Na confusão sublime
Do ímpeto divino,
Aos céus ergueram a impetuosa lira.
De Élida às palmas, ao suor honroso
Corre turba de heróis: na meta férvida
Eis o vate após eles...
Lidou no pó brioso,
E colhe os loiros com que lhe orna as frentes.
Vingando o espaço de alongados mares,
Do Tejo ao Indo, o denodado Gama
Vai tremular as Quinas
Vitoriosas sempre
No oculto berço da remota aurora.
Já de Albuquerque aos temerosos golpes
Goa sucumbe e Ormuz; fuzila a espada,
E troveja a vitória;
Por entre a grita horrenda
Pávida ulula pelo campo a morte.
Se na campina Eleia voou Píndaro;

Soltando o pano à majestosa lira,
Imenso rui Elpino
Pelos mares do Oriente
E troféus ergue que não vence o tempo.
Tal Filinto depois, igual com eles,
Após as Quinas lusitanas corre.
E tu, que os segues, voa
Por esse esteiro lúcido:
Não temas, vai, que hás-de encontrar coa glória.

Coimbra – Janeiro 12, 1818.

VII

A NOIVA

Já no primeiro oriente desfolhando
Suas rosas vem a aurora,
Já pouco a pouco o manto desdobrando
Da névoa que evapora
Vem o Sol pelas altas cumeadas
Dos elevados montes
Acordando ervas, flores esmaltadas
E alvejando nas fontes.
Mais galas não trajou nem mais beleza
Nas bodas de Peleu
À voz de Jove toda a natureza,
Quando tredo escondeu
No pomo tão formoso e cobiçado
O malfazejo nume
Faíscas desse fogo que, ateadado
Em chamas de atro lume,
Da miseranda Tróia, que abrasava,
Para a Grécia lavrou,
E os dilatados campos lhe assolava,
As cidades lhe ermou...
Oh! não vem esta aurora assim pejada

De tão negro porvir:
Que o pomo da beleza disputada
Quem no há de aqui renhir
Coa linda noiva que hoje amor coroa?
Contenda, bem na houvera
Entre os que invejam Páris... e aguilhoa
O ciúme que lacera:
Mas Himeneu e Amor – rara aliança!
Lhes fecharam as portas da esperança.

Coimbra – Maio 15, 1818.

VIII

O MONUMENTO

Ao Doutor J. F. A. Fortuna

*Absint inani funere naeniae.
Luctusque turpes, et querimoniae
Compesce clamorem, ao sepulchri
Mitte snpervacuos honores.
Horat.*

Esmeros de ambição pomposa, inchada,
Monumentos de glória imaginária,
Fastosos mausoléus, onde forçadas
A ceder à vaidade, as belas artes
Entalharam no mármore sombrio
Prodígios do cinzel, da arquitetura,
Quais vira Mênfis, admirara a Grécia
E Roma triunfante erguera aos Césares!
Ao som da minha voz lúgubre e rouca,
Que a singela verdade descarnada
Hoje em acentos rígidos me inspira,
Patenteai um momento à minha vista
O pavoroso, cinerário seio.
Eu vos vejo... Ah! mentidos epitáfios!

Adriano aqui jaz, ali Augusto?
Não; só contemplo de asquerosas cinzas
Mesquinhos restos, míseros sobejos
De esfomeados, odiosos vermes.
Tebas, Roma, Cartago, Atenas, Esparta,
Onde são teus heróis? – Ao nada horrível
Do esquecido sepulcro baquearam.
Juntos se densam no funéreo acervo
Os evos desiguais; vão de mistura,
Entre o esquálido pó, jazer coa morte
Lanças de heróis, cajados de pastores.
Come a terra os andrajos do mendigo
Coa púrpura dos reis. Impérios, tronos,
Portentosas facções, riquezas, glória,
Tudo a campa invejosa oprime a um tempo.
– Só tu, sabedoria, tu, virtude,
Sobre a pira da morte acrisolada
Mais nítida refulges, só te isentas
Da lei universal da natureza.
Inda existe Catão, se Augusto é morto,
E, se Crasso morreu, Cícero vive.
A fama lhes prolonga eternamente
Nas gerações futuras a existência.
Volvem no longo curso inteiros séculos,
E na roda incansável das idades,
Ao tempo sobranceiros vivem, fulgem.
– Oh! Lusa Atenas, deixa o pranto fúnebre,
Lança da frente o lúgubre cipreste:
Louros te cumprem – redivivas palmas
Ao teu sábio incansável, ao teu mestre,
Ao teu Fortuna. Venerando nome!
Nome que de meu peito excitas grato
Lágrimas doces de lembrado afeto,
De saudade eterna! Quantas lidas
Para nos ilustrar, quantas fadigas
Constante não sofreu! Quantas barreiras

Ousado franqueou co facho vivido
Da sã filosofia! Ah! vós o vistes:
Método obscuro, na região das trevas
Por subtilezas vãs, vãmente urdido,
Despe à sua voz a forma enredadora.
Já ousa o jovem, que estudioso anela,
No acadêmio seio, entrar o arcano
Da moral natureza, as leis e a essência,
Co fio Luminoso, que teceram
As sábias mãos do esclarecido mestre,
Seguir audaz na enrevesada senda
Metafísico, antigo labirinto.
O colosso caiu de árduas quimeras,
A tocha da razão vive, e dissipa
A inextricável noite da ignorância.
O homem vê mais distintos seus direitos,
E a ser homem aprende cos mais homens.
Quanto lhe deve a academia, a pátria!
Quanto lhe deve a humanidade inteira!
Ah! que em vão clamas, ruidosa inveja,
Silvando embalde coa vipérea língua
Tentas enodoar com teu veneno
Os lúcidos troféus que ergueu Minerva.
Oh! grita embora; ninguém te ouve os brados.
Setas que vibras no pavês embatem
Que a fama ilustre perenal resguarda.
Sobranceiro a teu ódio, a teus embustes,
Pela estrada da glória foi ao Olimpo.
Oh! vê lá da estelífera morada,
Onde, altaneiro à rotação dos astros,
Vês girar a teus pés milhões de mundos,
Olha como entre nós ainda vives,
Olha a multiplicar tua existência
Por milagre de amor unida à nossa.
Eia! corramos: toda a natureza
À voz da gratidão há de seguir-nos.

Já do centro da Terra o mármore duro
Em medidas porções se talha e ajusta;
Altas colunas de per si se alisam,
Se lavram capitéis, cornijas pulem;
Pouco a pouco se espalma, e brune o jaspe;
Estátuas se erguem, desencurvam, pousam,
De em torno à campa majestosa e bela.
Ali se vê a cândida amizade
Com a ciência nobre; ali avulta
Em franco aspecto a sã filosofia;
Ali... Novo prodígio observo, e pasmo:
Mão invisível em lustrosa tarja
Em áureas letras a gravar começa
O nome de Fortuna... Oh! não, suspende:
Injúria à gratidão fora gravá-lo,
Impresso em nossos peitos vive há muito;
Que em cada coração lhe ergue a saudade
Um busto, um mausoléu, talvez um templo.

Coimbra – Março, 1819.

IX

A MORTE

A D. M. J. Vanzeller

*How deep implanted in the mind of man
Is the terror of death.
I sing it's sov'reign cure.
Young.*

A morte!... Sim a morte; ouvi-lhe o brado,
Senti ranger-lhe a formidável foice
Com que as mirradas mãos lhe armou o Eterno.
Porque, Senhor, do caos tumultuário
Tão bela e esperançosa ergueste a vida,
Se ao pé da vida colocaste a morte!

.....
Surge do abismo a face do Universo,
Rotam no espaço rutilantes astros;
E, sobre o eixo revolvendo, a esfera
Em compassado e fixo movimento
Das leis se rege de imutável ordem;
Viceja a terra e se enflora e brota
O útil dos frutos co prazer das flores;
A natureza inteira vive e cresce;
Brilha a mão do Criador nas obras suas;
E tudo... com um – golpe extingue a Morte!
Basta-lhe um sopro, e o sopro da existência,
Que do Eterno emanou, se esvai ao nada!...
Musa das trevas, do pavor, do espanto,
Que os sons, que os ais da gemedora lira
No silêncio da noite, à luz tremente
De froixa Lua, em soledade esparzes,
Que os fúnebres lamentos inspiraste
Ao herdeiro cristão de antigos bardos,
Ao profeta, ao filósofo da noite,
Que ensinaste as endechas do sepulcro
Ao sublime cantor da eternidade
E do gelo da campa à mente erguida
Lhe dardejavas cintilante fogo,
Agora as fauces do medonho abismo
Me rompe, ó deusa, ao báratro insondável
Desce da Morte, vem: sigo-te afoito.
Ei-la sentada no horroroso sólio
De amontoados, ressequidos ossos!
Aos escamados pés se apinham, jazem
Infundas gerações em cinza e vermes.
A um lado o tempo, com veloz compasso,
Lhe bate as breves, fugitivas horas;
E a cada golpe, que um instante marca,
Desce um golpe da foice carcomida,
Que milhares de vítimas lhe prostra.

Cai co trêmulo ancião tenra donzela,
Co pastor desvalido o rei potente...
Em voraz sorvedouro, aos pés do trono,
Se precipita e some em vã torrente
Riqueza, formosura, esforço, glória...
Sabedoria, e tu também acurvas
À lei universal da natureza.
Mas porque de repente no seu trono
Vacilou e tremeu a onipotente,
Implacável rainha do Universo?
O longo braço descarnado e seco,
Mas certo no golpe, ensaia e move;
Três vezes tenta, e três recua e silva;
De raiva os ossos com estridor lhe rangem..
Às tuas leis, ó Morte, alguém se atreve
A resistir?... Já vibra o golpe e fere...
Não, não chega a ferir... – Súbito horríveis
Tremedores trovões nos ares troam,
Rui rápido o raio, as nuvens fende,
E do Senhor a voz soou na altura.
De um baque o trono, o monstro, o horror e as trevas
Caíram, dissiparam-se: em bonança
Raia sereno, luminoso dia.
Azul safira os horizontes vestem,
E com o Sol no céu se junta a aurora;
De flores a verdura se recama,
E o prado, os montes matizando cobre;
Amenas fontes, plácidos ribeiros
Caem das penhas, cobrejando correm
E entre fulvas areias se deslizam;
Pelas selvas o zéfiro sussurra,
E o plumoso cantor ledó gorjeia,
De sobre o verde ramo que baloiça,
Angélica, suave melodia.
Tal do Éden nos jardins, do orbe na infância,
Do homem sem culpa habitação ditosa,

Sorria de inocente a natureza.
Que amena estância!... Se outra vez se abriram
Aos degredados as vedadas portas
Que o primeiro pecado lhes cerrara?...
Já leio em caracteres rutilantes
Fulgurando no ar – “Mansão dos justos:”
Vejo em cândidas vestes refulgentes,
Pelo prado em coreias divididos,
Entes quase divinos... Quem são estes?
Oh, se vós sois os justos, ensinai-me
A essa estância feliz qual senda guia.
Com voz como de mãe que o filho ameiga
Me responde um de angélico semblante:
– “Só conduz para aqui uma vereda
Espaçosa e suave, amena e grata,
A da virtude; estreita, enrevesada
Do mundo os sábios vão a imaginaram.
Desvairada moral o finge à mente:
Sombra enganosa da razão soberba
Que à virtude chamou difícil, árdua
Por fazer glória vã do que é ventura!
Não, filho, só no crime há dor e angústia,
Só delícia e prazer há na virtude:
Um preceito de amor suas leis são todas;
Deste principio os outros se derivam,
Nele, no só amor se encerram todos.
Ama os homens e a Deus amarás neles,
Ama-os, socorre-os; e a virtude na alma,
E os céus no coração terás com ela.”
Disse, e do gesto divinal aceso
Lhe transluzia a fêrvida virtude
Que do instinto do amor fez lei suave.
Absorto, embevecido, os olhos fitos,
Extasiado contemplo, e a pouco e pouco
Distinguir me parece... Oh, sim que é ela!
– “Anjo consolador, alma celeste

Es tu – clamei – e ao mundo, aos desgraçados
Te roubaram os céus! Ai do órfão triste,
Ai da mesquinha, mísera viúva,
Ai da aflita donzela desvalida
Que assim ficam sem mãe e ao desamparo!
O pátria minha, Porto venturoso,
Oh, desgraçado agora!...”
Ia eu por diante,
Mas súbito rubor lhe cobre as faces;
De humildade corou, e os olhos baixos
Vai-se afastando em vagaroso passo.
A celeste visão desaparece.
Esvai-se a amena, deliciosa estância;
Só num deserto árido me vejo.
Abrolhos, sarças, rúbidos espinhos
Em solta areia apenas se divisam;
Montes a pino, de escavada rocha,
Metem ao longe horror à natureza.
Pinheiro esguio, a espaço e espaço, erguido
Coas oiriçadas, verde-negras comas
Vai topetar nas carregadas nuvens.
Aqui o Sol, que os raios benfazejos
Presta à vegetação, dá vida aos gomos
E excita o gérmen das nascentes plantas,
Aqui, só quando ardendo em rubro fogo
No cão rábido as fúrias dobra e punge,
Raio consumidor dos céus dardeja.
Tal na arenosa solidão de Zara
Está morta e queimada a natureza.
Mal começava a revolver na mente
O que vejo, o que sinto – eis braço oculto
Me segura; alta voz das nuvens rompe:
– “Mortal, a imagem vês do mundo inteiro
Quando o egoísmo pelo mundo impera.
Foge dos crimes o mais negro e horrível,
E a primeira das cândidas virtudes

Segue em tuas ações, canta em teus hinos.”
Disse, e a invisível mão na minha lira
Senti batendo ressoar nas cordas:
A medo as pulso, melodioso acento,
Som mais que humano me saiu da lira.
Nem doçuras de amor, nem ais, nem prantos,
Glórias, feitos de heróis, já tudo esquece;
Só da virtude amor e amor dos homens,
Só de filantropia heróis entoa.
E a ti, boa Isabel, a ti primeira
Tecerei com meus hinos a grinalda
De imorredoiras, sempre vivas flores.
Das praias de Álbion, da pátria ingente
Da glória, da razão, da liberdade,
Te mandaram os céus em dom piedoso
A estas nossas praias que adotaste,
Que órfãs te choram, deserdadas hoje.
Aqui, planta de bênçãos e virtude,
Cresces, e amparas com a sombra amena
O adotivo terreno; aqui teus braços
Delicados e tenros se encostaram
A antigo tronco já copado, e fundo
De longas, salutíferas raízes,
Que em nossos doces climas esquecido
De sua batava origem, nos adorna
As majestosas ribas deste Douro.
Tal em vergel mimoso acobertado,
Fruto de assídua vigilante indústria,
A esforços de arte e esmero de cultura,
Que os climas, estações, que os tempos muda,
De longas plagas, de apartadas terras
Se encontram juntas estrangeiras plantas;
Por mútua inclinação se estreitam, se unem,
E com seus castos, cândidos amores
Nova se criam deliciosa pátria.
Deste par virtuoso – o Porto o sabe,

Sabem-no os infelizes – que virtudes
A união bem-fadada coroaram!
Oh! corram, pátria minha, de teus olhos,
Eternas corram saudosas lágrimas.
Se ela mais venturosa existe agora,
Se nos seios da glória coroada,
O prêmio colhe das fadigas suas;
Se em cópia digna dela – aos seus amigos,
Os infelizes – deixa vinculado
O tesouro de amor e de piedade
Que no materno coração guardava.
Oh! nem assim a dor se nos ameiga,
Não pode diminuir nossa saudade.
O anjo consolador voou da Terra;
A mãe do pobre, a mãe do desvalido
Foi, voltou para o Céu que no-la dera.
Mas neste vale, aonde tantas lágrimas
Enxugou sua ardente caridade,
O nome ficará perpetuamente,
O doce nome de Isabel gravado
Nos corações da gente portuguesa.
E de século em século contadas
Suas memórias, que morrer não podem,
Serão modelo às gerações futuras
De virtude, de amor da humanidade.

Coimbra – Dezembro 31, 1819.

X

A INFÂNCIA

A um menino

*Tel dans un secret vallon
Croît à l'abri de l'aquilon
Un jeune lys, l'amour de la nature.
Racine.*

Aurora da existência, infância amável,
Idade abençoada
Da mão que rege, que aviventa os dias;
Mimo da natureza,
Da cândida inocência bafejado;
Breve, mas linda flor
– Sobre o gomo da vida despontada,
Infância! – oh meiga idade!
Tu no fácil prazer de simples gosto,
De mui sinceros brincos
Estreitando mentidas esperanças
Ao prazo dum momento,
E aos desregrados voos do desejo,
À mesquinhez do enjoo
Ignorância feliz sem força opondo,
Vês no porvir remoto
Sem asco, sem desdém, porque mui longe,
O pavoroso aspecto
Da aborrecida, mísera velhice,
Que os mal seguros passos
Vai na fouce da morte abordoando,
E os membros engoiados
Ao gelo do sepulcro estende, e treme
Co frio horror do nada.
Infância! oh quadra mais gentil da vida,
Risonha primavera,
Quanto mais doce que o fervente Estio,
Que o tormentoso Outono!
Avara natureza! ela é tão breve,
A manhã da existência!
Quão tênue, pouco e pouco, a flor desbota,
Esvai, murchando, e seca!
Eis o calmoso Estio: – brilha em fogo
Clarão sulfúreo e rúbido,
Sol de ardentes paixões, astro sem órbita,

Tumultuário planeta,
Que ao bem negando as criminosas luzes,
Presta fulgor terrível
A solapados, encobertos males,
A falsários prazeres.
Paixões! bárbaro dom da natureza!
Carniceiros verdugos
De humanos corações, que em vossos grifos
Espedaçais cruentos.
Ah! longe o bafo pestilente e sórdido,
O hálito da morte!
Longe do império vosso existe e folga
A mui fagueira idade.
Infância! doce, carinhoso enlevo,
Objeto suspirado
Da minha saudade, dos meus prantos,
Dos crus, amargos prantos
De acerba dor, no venenoso cálix
Do tormento vertidos!
Prantos que um deus cruel, o deus das mágoas,
O refalsado númen
Dos secos, roxos, macerados olhos
Vaidoso arranca ainda;
Que sobre a campa, que escavou coas setas
E sorrindo me aponta,
Folgando atraído, zomba e mofa
De meu gemer e angústias;
Um déspota, um cruel... Amor – sossega,
Não chores, tenro infante.
Ah! já tremes de ouvir-lhe o nome horrível?
Sentas o som estridente
Da pejada fáretra? – Oh! longe és dele:
Teus olhos inocentes
Não podem ver-lhe a face desabrida.
Amor (descansa) é monstro;
Mas, se um deus benfazejo, um deus amigo

Lhe embebe a furto as setas
No suave licor de alma virtude,
De inocente desejo;
Então, em vez de horror, dos tiros brotam
Inefáveis delícias:
Então, falsado o intento ao sevo númen,
(Mas quão raro prodígio!)
Nectário favo de ventura e gozo
Doce do peito estila;
Foge o bando cruel de infidos zelos;
Pura, suave chama
Em virtuoso altar recende e brilha;
Áurea, gentil cadeia
Sinceros corações enlaça e prende.
Tais o céu bondadoso,
Tenro menino em prosperados dias,
Prazeres te future.
Tal conheças amor, qual puro e cândido,
Inocente rebrilha
No seio à Divindade. Oh! fixa os olhos
Descriminosos, simples
No mui ditoso par de teus ingênuos,
De teus amantes pais:
Vê como em santa união mutuum férvidos
Suavíssimos deleites;
Como ternos suspiram, como existem
Nos braços da ventura.
Lê nos olhos gentis da bela esposa
Seu fado lisonjeiro
O satisfeito esposo: ei-los se espelham
Na cópia suspirada.
Dom tão pedido aos céus, dom grato e meigo
De mui caroáveis numes.
Ninfas do Lima, dai, trazei alegres
Recendentes boninas:
A mãos cheias vertei, coroi-lhe as fronte,

Matizai-lhe as pisadas:
E, se o vosso poder se estende ao olvido,
Se da tenaz memória
Co mago encanto das formosas águas
Cortais lembranças vivas,
Não corrais por aqui, deixai piedosas,
Para memória grata
Das virtudes dos pais, na cópia amada,
No mimoso transunto
Do filhinho gentil, vivo traslado
De exemplo à Humanidade.

Coimbra – Dezembro 1119.

XI

SONHO PROFÉTICO

Dabit deus tandem.

Virg., Aen.

Sombras espessas da calada noite
O matutino albor vinha rasgando,
E da lúcida estância, onde apontava
Lânguido e froixo ainda o Sol nascente,
De incerta, fraca luz vestígios cândidos
Desparzia no pólo; o dúbio aspecto
Corava a pouco e pouco a natureza.
Do renascente dia a mensageira
Já nos balcões surgira do oriente
Dentre os amplexos do marido anoso;
Soltas ao vento as crespas, áureas comas,
E envolta em roxo, resplendente manto
Que interlaçadas pérolas bordavam.
O pesado vapor do grave sono,
Que em olvido tranquilo a alma sepulta,
A dissolver-se lento começava;

Meio aberto e fechado estava ainda
O usado trato entre a alma e entre os sentidos;
As suspensas ideias ressurgiam.
Mas sobre asas ligeiras vagueando,
Soltas do império da razão que as guia,
Em caos novo e estranho amalgamadas,
Mudavam, cada instante, aspecto e forma.
Por este doce tempo a ebúrnea porta
Se abre no Elísio, e a turba grata e leve
Dos lisonjeiros, dos voláteis sonhos
Asas cor de íris para o mundo estende.
Neste dúbio, confuso e brando estado
De esquecimento o espírito suspenso,
Voar cuidei a solitário, inculto,
Ermo, sombrio vale: alta e fragosa
Escalvada montanha o fecha a um lado,
E à negra boca de hórrida caverna
Desfalecida e lânguida pousava
Veneranda matrona: armas, bandeiras,
Luas, Águias, Leões, troféus guerreiros
A seus pés se apinhavam. Olho atento:
Pesavam em seus pés grilhões de ferro,
Férreas das mãos algemas lhe pendiam.
Como de forcejar cansada há muito,
Jazia em languidez, e as alvas roupas
Tinha o sangue dos pulsos salpicado.
Despertou-se algum tanto, e em ais sentidos
Do intimo peito rompe. Absorto e mudo,
Ouvi que em froixa voz assim falava:
– “Prantos! prantos! Já nada mais sobeja!
Eu a flor das nações, eu que, outro tempo,
Contava pelos dias meus triunfos!
Que em cada um de meus filhos tinha um númen,
Eu agora... ai de mim!... só gemo e choro!
Só ais, só prantos, só gemidos restam
A quem do mundo governou o império!

Estas mãos vitoriosas, que, outro tempo,
Empunharam o cetro do Oceano,
Donde o fado pendeu de África e de Ásia,
Agora em vez do cetro, em vez das palmas,
Grilhões!... férreos grilhões! e os pulsos roxos
E as vis algemas com meu sangue e lágrimas
De continuo lavadas!... miseranda!
A mesma inda serei? Tenho inda filhos?
Filhos! Oh nome que me rasga o peito!
Oh lembrança de dor, ideia amarga!
Passadas glórias de que serve à mente
Na angústia recordar? Essas bandeiras,
Esses despojos, triunfais relíquias
De esquecidas venturas... fado horrível,
Para o peso aumentar de meus tormentos,
Só mos deixa o cruel, só mos conserva.
Águias soberbas, remontadas Luas,
Açulados Leões, por quantas vezes
Ante mim já prostrados, confundidos,
E submissos no pó, trementes, pávidos
Não me adorastes curvos! quantas vezes,
Ao só brandir a minha dextra um ferro,
Alfanges mil e mil se espedaçaram,
Lanças caíram! bastiões de rojo,
Soberbas grimpas, elevadas torres,
Altas muralhas súbito baquearam!
Tal fui; tais foram filhos meus outrora...
Ah! senhores então, escravos hoje...
Escravos! oh! que nome abominável!
E há céus que mandem tal, deuses que o ordenem?
Sem leis, sem pátria, na opressão, nos ferros
Não vedes, filhos meus, não tendes peito,
Olhos não tendes para ver o abismo
Que vos abre ante os pés a tirania?
A tirania, esse execrando monstro
Que, ladeado de fúrias, de maldades,

De sobre o trono, que lhe ergueu a intriga,
Que o fanatismo vil, que a cobardia,
Que á bárbara ignorância lhe sustentam,
Punhais, venenos, cárceres reparte!
Esse monstro!... e das garras sanguinárias
Não lhe roubais a miseranda pátria?
Não tendes lábios já, não tendes braços
Para bradar vingança e executá-la!...”
Aqui gemeu de novo, e amargo pranto
Pela face já pálida desliza;
Nas contorsões da dor, na ânsia do peito
Moveu-se um pouco, e vi... brasão fulgente
Tinha no seio venerando... as Quinas!
As Quinas, sim; e Lísia era a matrona.
Senti o coração todo estalar-me
Coa dolorosa vista... Eis repentino,
Como das nuvens súbito caído,
Desmesurado, esqualido gigante
Em mole imensa e colossal se amostra:
Férrea lhe cobre os membros a armadura,
Férrea na dextra lhe fulmina a espada,
E férreo todo no semblante e gesto.
Ao vê-lo correr à triste vitima
Co ferro em punho, conheci quem era,
E tremi do execrando Despotismo.
Falou-lhe o monstro assim com fero cenho:
– “Bradar vingança! executá-la! E ousas
Proferi-lo sem pejo e sem remorsos?
Quem eu sou, quem tu és já te esqueceste?...
Queres forçar a espada da justiça?...”
– “Justiça! E em nome tal és tu quem falas!
Justiça adonde impera o Despotismo! Onde as leis...”
– “Meu prazer, minha vontade;
As leis são estas. Ao vassalo cumpre
Executá-las só, não conhecê-las:
Os direitos do cetro a vós não cumpre,

Mesquinha plebe, examinar audazes.
Cegos obedecer, tremer ante ele,
Curvar-se e respeitar...”

– “E esse direito,
E a nossa obrigação donde é provinda?”

– “Da força.”
a força é lei?”

– “Dos céus à terra
O supremo poder aos reis proveio. Seus direitos...”

– “E Deus, se lhos outorga,
Nenhuma obrigação lhe impôs com eles?
Aos desgraçados, miserandos povos,
Que aos ferros condenou e à desventura,
Coa eterna obrigação do sofrimento
Nenhum direito deu?”

– “Altos decretos
Do Eterno examinar vos é vedado.”

– “É boa por essência a Divindade.”

– “É justa.”

– “Sim.”

– “E vingativa.”

– “Opróbrio
Que só vós lhe fazeis, blasfêmia horrível!”

Mal soaram pelo ar os sons extremos
Eis repentinos, rápidos fuzilam
Raios, coriscos; troa o céu tremendo,
E em fumo e fogo se me esconde o vale.
Vai-se aclarando a cerração; e em breve
Vejo em mais pura luz que a tocha de alva
A matrona gentil brilhar já livre.
Morto a seus pés o monstro lhe jazia
Que em negro sangue se escoava ainda.
Exultei de prazer... acordo... e vejo
Que era sonho a visão, fantasma o gozo.
Maldisse os ferros que me pesam inda,
E aos tiranos jurei ódio implacável.

Coimbra – Dezembro, 1819.

XII

PEDIDO A UM POETA

O meu amigo J. E. De Oliveira Leitão

Tu, na difícil mas segura estrada
Que o nosso bom Ferreira nos trilhara,
Corres, fitando a meta luminosa,
Do mestre de Venusa,
Sinceros e de lei teus versos puros
O brilhante ouropel não têm da moda;
Despreza a tua bela e casta musa
Meretrícios enfeites.
Quais igrejinhas de infantil folguedo
Se armam no ar, de papelão e talco,
Essas trovas tafuis por ai tinem
Nos ouvidos dos néscios;
Outras inda mais ocas, assopradas
De tola afetação, de vã ciência
Pilhada, aqui, ali, nos dicionários,
Pedantes Mévios louvem.
Eu quero de teus versos regalar-me,
E descansar o ouvido fatigado
De tanto descompasso e destempero,
Em sua doce harmonia.
Sei que um novo penhor das áureas musas
Houveste agora: – deixa-me admirá-lo;
Com o profano vulgo não me afastes
Dos mistérios divinos.

Coimbra – 1819

XIII

A ANÁLIA

Salve dia de amor sempre jucundo!
Anália encantadora
Nesta risonha aurora
Para me aventurar vieste ao mundo,
Quando assomar no apavonado oriente
Amor te viu fagueiro,
As frechas prazenteiro
Aguçou, e sorriu todo contente:
Fugiu da mãe aos amorosos braços,
E em teu rosto divino
Depor foi, de contino,
Encantos, filtros e amorosos laços.
Assim me enfeitiçaste! – assim rendida
Trago alma e coração,
Que, sem esta prisão,
Nem eu já sei viver nem quero a vida.
Anália, amado bem, tão fausto dia
Celebremos contentes;
E as flores inocentes
Colhamos desta vida fugidia:
O tempo voa, as horas despedidas
Tão ligeiras decorrem,
Murcham tão breve e morrem
Rosas que do prazer não são colhidas!...

Porto – 1819.

XIV

FILINTO

*À pátria sagrou tudo,
Tudo sagrou a ingratos.
Fil. Elís.*

Portugueses, morreu!... Daqueles lábios,
Donde manavam de Hipocrene os meles,
Donde angélicos sons coavam na alma,
Saiu o último alento.
Aos mui carpidos, dolorosos brados
Em que o Sena rompeu, um pouco ainda
Lavrou no coração mágoa sentida
Ao Tejo envergonhado.
Filinto é morto. As derradeiras vozes
Do vate, já coa morte à luta extrema,
Foram, entre ais de amor, de saudade,
O adeus à pátria ingrata.
Desamorada mãe, o filho egrégio...
Um filho tal!... Não, musa, o véu do olvido
(Se é possível corrê-lo) à ação nefanda
Com dor sobreponhamos.
Pátria é dos sábios o universo inteiro:
No eterno alcáçar de estremada glória,
Sobranceiro aos vaivéns de homens, de fados,
Seguro existe o vate.
Ah! lágrimas, só lágrimas nos restam:
Afrouxo os olhos se debilhem nelas,
Inunde a campa que lhe guarda as cinzas
O pranto do remorso.
Oh! nem vos peje, ó Lusos, derramá-las:
Vede o coro gentil que impera aos evos.
Das fatídicas virgens coroado
Em feral rama as frentes,
Alquebradas de dor, ei-las em turma,
E o deus que tanto o amou, mudo, a desleixo,
Descoroado da luz que inflama os peitos,
Que a mente lhe avexara,
Tardio os passos, demudado e triste
Após elas caminha... Aonde, ó musas!
Fugidias?... Ah! sim, longe da terra;

Sim, que Filinto é morto.
– “É morto”, em som funéreo, em voz de luto
Brada o coro donzel, viúvo, aflito.
Morta é com ele a sonora lira
Que dera aos Lusos vida.
Desentoadas as divinas cordas
Esbambeadas, frouxas, nem dão visos
Das que ao Letes, à morte, ao tempo, ao fado
Tantos heróis roubaram.
A lira onde, entonando o colo erguido
Aos gritos da razão e da virtude,
Alçou troféus a liberdade augusta,
Tremulou estandartes;
E de Penn a moral, e o esforço ardido
De Washington, de Franklin soou com glória,
E a mui lidada, pertinaz constância
Do povo Filadélfico:
Onde em sublimes, arrojados êxtases
O vate embevecido alteia os voos,
E audaz a par e par cos novos Gamas
Topeta o firmamento.
Clama no enlevo do aquecido engenho
Que é roubo aos penetrais da natureza,
Mas que, sem medo ao pego, Icárias artes
As leis hão de inverter-lhe.
Já sons mais doces lhe aprimora a deusa
Que entorna a vida aos gomos do universo;
E em néctar voluptuoso derretidos
Dos lábios lhe deslizam.
Languidez do prazer lhe embebe a mente,
E em devaneio doce transviado,
Com mão incerta tentando as cordas
Fita gozoso a diva.
Como no rapto os olhos mais que humanos
Mistérios divinais perscrutam, fitam!
Ei-lo rival do vate de Epicuro

A natureza abraça.
Mas oh! que a mãe dos cândidos amores,
De agradecida aos dons, aos ais maviosos,
Lhe doa a que o pastor vencera do Ida,
Enfeitiçada zona.
A rodo as nuas Graças prazenteiras
Risos, jocos brincões lhe vão esparzindo
Quando ele entoa namorados metros,
Desleixadas cantigas:
E a que tão doce ri, bela Delmira,
E a Safo-Alcipe, e Dafne, e a quantas coube
Ternas beldades a ventura ilustre,
Vivem nos sons divinos.
Mas já firmado em sólida exp'riência,
Nos vaivéns da fortuna acrisolado,
Da virtude, da sã filosofia
Nos ditames se embebe:
Aos amigos louvor, louvor a Horácio,
A virtude, à razão, à liberdade,
No mestre de Venusa os olhos sempre,
Hinos entoa sacros.
De longe incita os ânimos briosos
Dos tão amados seus, tão caros Lusos;
Do acobardado, mísero letargo
Os chama a glória e punge.
Em geniais, agradecidos cânticos
A benfazeja mão celebra e louva
Que às mãos grifanhas de açulados tigres,
O roubou denodada. Ou galhofeiro, por despir angústias,
Dar largas ao espírito oprimido,
Ao fausto Brómio entoa cos amigos
Festivais Evoés.
Ah! que limites desconhece o engenho
Do vate a quem fadou no berço a musa!
Francos lhe abriu do Pindo almos tesouros,
Quantos encerra, Apolo.

Centelha em fogo do cantor de Olímpia,
Arde, ferve, trasborda e rompe e rui;
Dá-lhe rebate ao sangue o êxtase de alma,
Transpõe a natureza.
Qual deliriosa em contorsões fatídicas
Co deus que a preme a Fébade reluta,
E ansiada, os olhos envesgando, ulula
Mal entendido orác'lo.
Já de Albuquerque a temerosa dextra
Rompe alfanges de Ormuz, xaras de Goa,
E ao som tremente do terrível bronze
Malaca esbroa os muros.
De em torno ao ferro lhe esvoaça a morte
As férvidas falanges ladeando;
A um bote português se apinham cento
De escalavrados Índios;
Derrocam torreões, alcáçar's ruem;
Curvam déspotas mil joelho altivo,
E sobre as ruínas triunfais tremula
Mão vencedora as Quinas.
Castro, o Fabrício luso, o Quíncio, o Fábio,
Pacheco, o Cipião na glória e esforço,
Cipião nas virtudes, na desdita
Do ingrato ostracismo;
Vós, honrados de Lísia e honra dela,
Também da lira as cordas lhe afinastes;
Também, lidando em canto ardente e novo,
Vos engrinalda a fama.
E qual há i nos fastos Portugueses
Que digno fosse de estremado nome,
Que não lhe deva incenso, altares, templo
No bipartido monte?
Ou na trompa marcial vitórias troe,
Ou pátrios cisnes descantando à lira,
Nos harmônicos sons arrebatado,
Imitando os admire.

Ora clamando aos hospedeiros Galos,
Ora aos pesados Batavos, sombrios:
– “Meônias tubas, Mantuanas cordas
Também possuem Lusos:
Primeiro que entre vós já nos luziram
A aurora, o sol das artes, do bom gosto.
Godofredo e Salém não vira o orbe,
Nem donaires de Armida,
Nem vizinho aos confins do Éden vedado
Chorara o pai da triste humanidade,
Nem Davídicos sons a harpa germânica
Pulsara ao Deus já homem;
E nós à mestra, à douta antiguidade,
Nós ao porvir mostrávamos soberbos
O Gama abrindo as emperradas portas
Da não sabida Aurora,
Galgando cabos, arrostando em face,
Cos reveses lutando arca por arca,
Fitando ardido, desdenhando ameaços
De Adamastor irado.
Inda nas margens do afamado Sena
Ervadas setas em delírio, em crimes
À esposa de Teseu do peito ansiado
Não arrancaram prantos;
Nem sons carpidos da infeliz Zaira,
Esvaecida de amor, firme à virtude,
Deram ao vate, em lágrimas, suspiros,
O aplauso do universo;
E já nas brandas veigas do Mondego,
Na soidão formosa extasiado
Um Luso empunha o cetro de Melpómene
E a Eurípides se eleva.
Beldade aflita em pranto se definha,
Clama em vão pelo esposo que a não ouve,
E os olhos turvos devolvendo ainda
Aos tão caros filhinhos,

Inda estendendo amortecidos braços,
Inda aflagando imagens do seu Pedro,
Entre os amplexos maternais expira
Balbuciando o esposo.”
Tal inflamado em zelo o vate exclama,
Tal brada à Europa: ferve-lhe nas veias,
Brioso na alma lhe pulula e vive
O amor da pátria cara.
Por ela empunha açacalada foice
E afouto corta os vícios enfezados
Que de arrebique estranho afeiam sórdidos
A tão formosa língua;
A língua de Camões, que ousaram bárbaros
Com mescla vil manchar, turpar-lhe as galas;
Tal que se a vira a deusa que a amou tanto,
A descrera latina.
Por ela alteando mais o plectro à lira,
Aos Lusos mostra os séculos famosos,
Evos de glória, de estremados feitos,
De afamados prodígios;
Do ócio cobarde os ânimos argúi,
E pela voz do déspota dos mares
Agros convícios desatando iroso,
Lhe excita os peitos frouxos.
Mostra-lhe as ricas plagas do Oriente,
Tão regadas do sangue lusitano,
E o cetro augusto dos cerúleos mares
Nas mãos do Daco e Bátavo.
Oh vate, oh númen, oh brasão perene
Do português renome! em seio às musas
Bebes-lhe na alma altíloquos mistérios
De remontados êxtases!
Ei-lo rival do voluptuoso Ariosto
Cavalga afouto hipógrifos alados,
E áureas, priscas ficções de heróicos tempos
Renova em doce metro.

Co auxilio amigo do fiel menino,
Huol co a espada de encantado gume
Talha gigantes, despedaça a esmo
Ruins, descridos moiros;
Grisalhas barbas ao Soldão arranca,
Rouba-lhe em troco a donairoso Amanda;
E aos magos sons do portentoso corno
(Especial condão!)
Com afanosa, derrengada dança
Austeros cenobitas poleando,
O pranto, admiração, piedade e riso
No vário canto junta.
Ingênuas graças de nativo pico,
Ático sal do brando La Fontaine,
Mimoso encanto de gentil simpleza,
De loução desalinho,
Com arte mais que humana aos Francos rouba:
De opostas línguas os tesouros abre,
De par em par franqueia-lhe os segredos,
Pasma coa Lísia a Gália.
Musas, o canto é longo, a voz fraqueia...
E agora quando intento erguer-lhe os voos,
Beber no seio a Febo almos segredos,
Patentear-lhe o sacrário;
Agora... oh dai socorro ao vate ansiado,
Subi-me à esfera que domina os orbes;
De Apoio um raio fulminante no canto...
Não: dai-mo de Filinto.
É dele... já nas veias se me embebe,
Corre, pulula, ferve, espuma, agita-me...
É dele... A mente alheia acode ao peito
A vida... o fogo... os êxtases...
Quais firos novos céus! que estrelas topo!
Que mundos estes são!... Fugiram de homem
Ideias, sensações... o Findo, o Olimpo...
Elísios... não são estes.

Coam divinos sons do ouvido na alma...
Eternos aleluias! Face a face
Quase que o vejo... o Ser que impera aos seres,
O Deus, o númen único!
O brilho, a luz da glória me deslumbra;
Curva coro de anciões a frente ao Agno;
Abre-se em par septisselado livro...
Quais decretos escuto!
– “Jovem ditoso, os crimes se apagaram;
Eis a coroa, a palma...” É ganho o mundo:
Triunfa a luz, e as trevas acossadas
Já de rondão no Báratro.
Oh que formosa, cândida donzela!
Que meneio gentil no ade'mã tão simples!
Alva dos ombros lhe devolve a veste,
Cinge-lhe a frente o louro.
Homérea virgem, ai quanto mais linda
Sob os trajos de Inês! quanto mais ternas
Dos meigos lábios vozes se deslizam,
Ávitos soam cânticos!
Como as coreias festivas guiando,
Garbo donoso a sobressai a todas!
Como, transviada na tortuosa senda
Do monte que descia,
Clama em vão pelas Naias que a não ouvem,
Amesquinha-se em vão, chora...
Eis depara A luz dos raios trêmulos de Febe
Co adormecido jovem.
“Não és Endimião?” – “Não és um anjo?”
Dizem. – Já de ambos puro amor nos peitos
Setas varara que embebera em doce,
Celestial arrobe.
Com que suaves práticas enganam
As fadigas da estrada! Como esplende
Na boca pura do Árcade mancebo,
Luz de verdade eterna!

Que ameno quadro aos olhos se afigura,
Coa no coração doçura e gozo,
Quando em contraste com ficções idólatras
O do cristão viver!
Oh! na singela narração que encantos!
Soam-me na alma ainda os ecos ocos
De abobadadas catacumbas lóbregas
Quando o silêncio fúnebre
Contrita devoção lhes corta em hinos.
Como é terso e viril e grande o estilo
Quando nos pinta o Capitólio erguido
Cos despojos vergando!
Quando Romanas denodadas hostes
Com as cabildas Francas baralhadas,
Quando a simpleza dos costumes rudes
Vigoroso descreve!
Inda de horror as carnes se arrepiam,
Inda cos roucos sons retreme o ouvido!
De par em par do Inferno em brônzeos gonzos
Rugindo as portas rompem...
Oh que espantosa confusão de abismos!
Tormentos uns sobre outros se amontoam,
E em pé sobre eles, requintando angústias,
Se alonga a Eternidade!...
Ouço aldravadas nos portões da morte;
Vejo um ramal de lágrimas gelado
Pender de olhos já secos, já queimados
Do ardor acre do pranto!
Vejo... Não, cerra, ó musa, a negra estância,
Tapa-lhe o boqueirão co atro penedo
Que a separa do caos. Leva o rumo,
Guia a visões mais branda.
Os meigos sons de amor volve-me à lira,
Volve-me o doce metro desleixado,
Ais deliriosos, lágrimas sentidas,
E a dor que afaga e punge.

Mostra-me à toa pela selva escura
A inculta virgem, desfraldando ao vento
Os não cuidados já, sacros adornos,
Que a paixão desalinha:
Quando entre anosos, descarnados troncos,
Coa simpleza de amor que ignora enfeites,
Mostra sem arte o coração que anseia
Ao tão esquivo amante:
Diz-lhe (e entre as ramas escondido a furto
Sorriu maldoso o deus que lho ensinara)
Diz-lhe que é ela que murmura na aura,
Que suspira na fonte.
Como, ao sentir o coração do ingrato,
Sob a tremente mão pulsar tão lento,
Lhe esfria a esp'rança, lhe regela na alma,
Corta-lhe a voz nos lábios!
Já devaneia trêmula, e suspira,
Já sobre o pico de rochedo alpestre
Nova Safo a arrojá-se ao mar que freme,
Que em fragas ocas quebra.
Quase... quase... Ah! suspende. Ingrato Eudoro!
Tanto amor!... tanta fé... veda-lhe um crime.
E não é crime o teu? Mais desumano
Mais ímpio tu não foste?
As doçuras de amor, vivos prazeres
Com negro fel de esquálidos remorsos
Misturaste, infeliz! Viste (e no peito
A férrea mão da angústia
Sentiste o coração ir-te afogando)
Viste o ancião desonrado, o pai tremente
Vibrar o dardo imbele, e moribundo,
Horrendo amaldiçoar-te.
E ela!... Ao colo gentil eis volve a foice;
O sangue, que a bolhões desata o golpe,
Lhe murcha as rosas, lhe enoitece o lume
Dos olhos já tão belos.

Qual flor mimosa ao sol do estio ardente
Pálida inclina a hástea delicada,
Morre, e inda bela no delíquio extremo
Suspira Eudoro... Eudoro!...
Deusas do Pindo, oh! já não ousa o vate
Nem rastejar-vos! De cansada, a lira
Incertos sons confusos, desvairados
Mal entoar já pode.
E pude tanto! e ousei cantar Filinto!
E ainda ousarei seguir-lhe o voo altivo,
Já nas do Nilo catadupas bravas,
Já nas soidões do Egipto,
Onde em furor profético extasiado
O solitário ancião futuros rompe;
Ou pelos sacros de Salém vestígios
Prodigiosos, divinos?
Direi memórias da guerreira Esparta.
Ou do austero Licurgo, – ou de Leônidas
Que o ferro, outrora defensor da pátria,
Ao novo amante esposo
Presta à defesa da virtude amada?
Direi as falas concertadas, nobres,
Com que, ante a cúria que ladeiam ímpios,
Orador denodado
Ousou a pró da causa da verdade
Expor-se às iras sanguinárias, cruas
Do fanático vil, do ateu soberbo,
Do atraído hipócrito?
Direi, na arena entre açulados tigres,
O adeus, o extremo adeus do amor mais puro?
E a morte já não feia, não terrível
Entre as lúcidas palmas
Não, musas, não: baldado o arrojo ardido,
Em despenhada, vergonhosa queda
Fora dar nome a não sabidos mares
Coas atrevidas penas.

Criai, criai na minha pátria, ó deusas,
Novo engenho que ombreie coa alta empresa,
Dai-lhe, inda mais que a quantos bafejastes,
Os paternos tesoiros;
Dai-lhe altíloquo e doce e puro estilo,
As cores, os pincéis da natureza;
Seja um deus... ou – se tanto inda pudésseis! –
Seja um novo Filinto.

Coimbra – Abril, 1819.

XV

AS FÉRIAS

A um amigo

*Vejo, mas longe, vir surgindo um dia,
Que há de pôr entre mim, entre estes Getas
Terra em meio.
Filint.*

E em que pensas, amigo, que se ocupa
Neste grande aldeão que chamam Porto,
O teu G... amigo? – Come e ronca,
Come, e torna a dormir.
Dormir! que bela vida! E nos pequenos,
Lúcidos intervalos, por debique,
Duas odes de Filinto, uma de Horácio,
Três cenas de Racine.
Que vida! A longe e longe, um róber de whist,
Mais longe ainda, breve passegiata
Ao monte das irmãs, castas donzelas.
Castas, sim, que não obsta
A autoridade de Camões brejeiro:
Porquê, se Orfeu pariu a linda dama,
Como dantes ficou donzela e casta,
Virgem depois do parto.

– “E o namoro? (dirás) Abunda o Porto
Em Delmiras, em Márcias, grato emprego
A um rapaz amador do belo sexo,
Entusiasta e cálido.”

Foi bom tempo esse tempo do namoro:
Muitas já me roubou horas e dias,
E da amiga pachorra à gorda pança
Me cerceou bom naco.
Acabou-se: num cercle o mais luzido
Passeio agora os olhos indif'rentes;
Qual arrotando, espreguiçando os braços,
Bocejando amiúde,
Inda sabendo a boca a ferros velhos,
No outro dia de longa comezana,
Mui disputado toast, em lauta mesa
Fastiento atentara.

– “E a súcia galhofeira dos rapazes?”
– Rapazes! Não conheces esta terra,
Que perguntas por tal. Aqui o gérmen,
Aqui os elementos
Escondidos estão que a vida nova
Hão de chamar a abastardeada espécie
Da corrompida gente lusitana.
Daqui, donde houve nome
O velho Portugal, seu nome ainda
Honrado surgirá. Pressago vejo
Na geração crescente ir despontando
As feições renovadas
Com que a antiga família portuguesa
Se distinguia outrora: o brio, a honra,
Os são costumes, puro amor de pátria,
A singela franqueza,
A nobre independência de outras eras
Ressurgirão daqui. – E então o aspecto
Desta formosa terra, hoje encoberto
De nevoeiros britanos,

Resplenderá coa natural beleza,
Que vilões fidalguinhos de má medra
Cockneys caixeiros, frades ignorantes
Agora lhe deturpam.
Oh! quando te hei de eu ver, pátria querida,
Limpa de ingleses, safa de conventos,
E varridas tuas ruas da imundície
Do fidalguesco lixo! Irá com ele a sórdida ignorância,
E o seu teimoso bê, nasal resfol'go
Que arreperia, nauseaia, aturde e zanga;
Irá co esses galegos
Coaxar no lodo vil donde a mofina
Nos trouxe o sestro brácaro maldito
Que o “rotundo falar” da nossa origem
Tão feio corrompeu.
Rústicas Misses, Ladies sensabores
Em tola afetação de inglês bronquice
Enfronhadas à força, à força gebas,
Desairosas bonecas!
Arrojai-me no Douro co esses trajos,
Portuenses donzelas. – Quem pudera
Pleitear convosco em formosura e graças
Se quais sois vos mostrásseis?
Formas que Vênus para si tomara,
Dessa mortalha de invenção fradesca
Quem as libertará? Bioco negro,
De donde mal vislumbra
Raro lampejo de celeste face,
Oh quem o rasgará? Purpúreos lábios
Em que o Desejo coa Inocência riem,
Donde Amor seus tesouros,
Alvo dos beijos de sequioso amante
Coa mão divina dadivoso esparze;
Lábios que entr'abrem folgazãos e alegres
As nuas Graças lindas,
Quem lhe há de restituir o som canoro

Que torpes fradanhões desafinaram
Co ensino ignorante – e o presunçoso
Morgado lá de cima
Acostumou às inflexões galuchas?
Oh! será teu poder, celeste númen
A quem por ora, como a “Deus ignoto”
Tácito adora o Luso
Em misterioso altar erguido a ocultas
De sáfaros patricios, de ímpios flâmines,
E oh! mais que tudo, do estrangeiro odioso
Que no insofrido jugo
Nos rebitou os cravos que abalavam,
E, mercador chatim, de nosso sangue,
De nossa honra fez tráfico e ganância
Cos baxás do tirano.
Sim, amigo; esta corja odiosa e bárbara,
Opressora da Lusa liberdade,
Esta canalha de Al-b-on soberbo
Aqui fixou seu trono.
De botelhas coroadas, e de olhos, boca,
Das orelhas, nariz e doutras partes
Esguichando cerveja, numa glória
De espesso nevoeiro,
Pousou seu gênio bruto em nossos muros;
Co nacional God-damn, e o frasco a pino,
Nos bebe o vinho, nos esbulha as bolsas,
Dá-nos em troco os sestros,
Dá-nos as manhas, os costumes ferros,
As ridículas modas, enfim tudo
Quanto não é o amor de certa coisa
Que a bonzos, naires fede.

Porto – Junho 15, 1819.

XVI

A RECAÍDA

Agnosco veteris vestigia flammae.

Virg.

Vênus! Vênus! ainda no meu peito,
Inda acha que atear teu filho ingrato?
Do fogo que, ai de mim! – julgava extinto,
Do fogo, que ardeu nele,
As solapadas cinzas
Desprezada faísca inda encobriam!
Tenho inda coração? Não mo arrancaram?
Feito pedaços pelas mãos dos zelos
Não acabou de todo?
Inda ousa o desgraçado,
Inda se atreve a suspirar de amores?
E ela! a perjura! Não a vi sem pejo
A prometida fé quebrar tranquila?
E os tão ditosos laços
Que a mão pérfida atara,
Ímpia coa mesma mão despedaçá-los?
Não vi aqueles lábios, donde outrora
Tantas vezes pendeu minha ventura,
Que amor, por tantas vezes,
Constância me juraram,
Não os vi pronunciar minha desgraça?
Dos olhos, donde amor me cravou na alma
Ervadas setas em delírio, em gozo,
Dos negros, lindos olhos,
Em que só me espelhava,
Que a mim só viam, só de amor falavam,
Não vi, fugindo, a lealdade cândida
As níveas asas desprender ao longe?
Os lânguidos suspiros,
Que, em doce devaneio,
Mandava outrora o coração aos lábios,
Ante mim sem piedade não fugiram,

Inconstantes não foram noutro peito
Buscar traidor abrigo?
A nívea mão formosa,
Do acre beijo de amor já devorada,
Não a vi?... Não; que os olhos desvairados
Tinham a luz perdida. – Amor perverso,
E ousas mostrar-ma ainda!
Mostra embora, não temo:
Não temo o teu poder, desprezo o dela.
Filtros apura, nos farpões embebe
Quantos enganos lhe puseste na alma.
O alvo das frechas tuas,
O coração que buscas...
Ela mo espedaçou. Atira embora.

Porto – Julho 18, 1819.

XVII

O VENTRÍLOQUO

Ao meu amigo N. da Arronchela

*Dar-lhe-ão os escritores
Doze milhões de louvores.
Camões.*

Qual entre velhas, empeçadas rumas
De negociais papéis,
Entre gordos, pesados calhamaços
Do deve – e – há de haver,
Aflito sua, sem achar-lhe o rumo
De arranjar os credores,
Comerciante infeliz, que já falido,
Vendeu cavalos, seges;
Tal me vi eu pejado de bilhetes,
Que obsequioso amigo
Me enviou das margens do sombrio

Douro. Oh! mal haja mil vezes
O que primeiro ousou roncar na pança!
Mal haja o chulo Momo
Que tal ideia lhe verteu no bojo!
E tu, Rich'rand facundo,
Pudeste letras dar a tal sandice!
E o douto, guapo livro
Com tão nojenta coisa emporcalhá-lo!
Oh! nunca os doces pratos
Dos sucosos, opíparos manjares
A tais barrigas cheguem!
Brómio, se entrar a logrativa goela
Que nos agacha os cobres,
Fuja irritado os sons ventri-strepentes
Das grazinantes tripas.
E queira deus (se há deus que reja os fados
Das humanas barrigas)
Ao loquaz charlatão com mão piedosa
Torcer-lhe o rumo aos ventos:
Volte-lhe acima o som que vai por baixo,
E almiscare os narizes
Da curiosa, pedantesca turba,
Que ousar dar-lhe um só X.
Desgraçado de mim! vítima triste
Eu fui da tal ciência;
Vi-me coalhado de louçãos bocados
De papelão brunido:
Lidei, suei, dei voltas ao miolo,
Por espalhar – amigo
Do bem comum, das boas, belas artes,
Os bonitos impressos.
Oh tempos! oh costumes doutro tempo!
“Não há quem faça bem,
Nem sequer um:” diz a sagrada página,
Que, é de fé, nunca mente.
Nem sequer um! – Um houve: e este meu canto

Lhe erga padrão eterno,
Padrão que arrote os ventríloquios todos
Que houver por esse mundo.
Pregoem-te nos ocos das barrigas
Quantos panci-falantes
Deitar Deus nos quadris deste universo.
Irás, ó Nicolau,
De bilhetes impressos coroados
Dar vaias ao porvir.

Coimbra – Janeiro, 1820.

XVIII

A JÚLIA

(Sáfica)

Volvem, ó Júlia, séculos e séculos,
Em longos evos amontoando os anos;
Correm as horas açodadas, breves,
Que em tênue espaço
Uma sobre outra gerações apinham;
A extinto império sucedendo novos,
Dentre as ruínas de finados remos
Súbito avultam...
Foge à memória limitada e fraca
A longa teia de enredados fastos,
Enturvam sombras de confuso olvido
Tão longa história.
Mas pôde a arte resistir ao tempo;
Cortou-lhe as penas que a lembrança apagam,
E épocas certas, memoráveis, grandes
Lhe atou nas asas.
Assim do mundo subjugado outrora
Duros senhores, déspotas romanos,
Dos fundamentos dos romúleos muros
Seus anos contam;

Destarte a Ibéria, agradecida a César,
Deduz suas eras das vitórias dele;
E na Ásia crédula as contadas luas
Volvem da Hegira.
Porque até agora, nos anais confusos
Desse deus cego que domina o mundo,
Não fixa as eras de tão longa história
Época certa?
Porque os triunfos são contínuos sempre,
Fáceis vitórias sucedendo a outras,
Já os não conta seus vulgares feitos
O ávido númen.
Oh! se em teus lábios desprendendo um riso,
Nos meigos olhos despontara, ó Júlia,
Faísca tênue do que me abrasa
Vívido fogo!... Desse momento venturoso e belo
Amor contara nova glória eterna:
Em néscio olvido sepultaras,
Júlia, A sua história.
Mas eu, ai triste! de esperanças louco
Conto delícias de sonhadas glórias...
O sonho acaba, leva-me a ventura,
Só ficam mágoas.
Safo extremosa, na divina lira
Pranteando injúrias de Fáon ingrato,
Assim, carpindo, tresvaria as cordas,
Mísera e geme.

Coimbra – 1826.

XIX

A COR DA ROSA

Alvejava de neve outrora a rosa,
Nem como agora, doce recendia;
Baixo voava Amor sem tento um dia,

E na rama espinhosa
De sua flor virgínea se feria.

Do sangue divinal gota amorosa
Da ligeira ferida lhe corria,
E as flores da roseira onde caia
Tomavam do encarnado a cor lustrosa.

Agora formosa
A rúbida flor
Recorda de Amor
A chaga ditosa.

Para os braços da mãe voou chorando;
Um beijo lhe acalmou penas e ardores:
E tão doce o remédio achou das dores,
Que Amor só desejou de quando em quando

Que assim penando,
Com seus clamores
Novos favores
Fosse alcançando.

Súbito voa, pelos ares fende;
As rosas viu de sua dor trajadas,
E que só de suas glórias namoradas
Nada dissessem com razão se ofende:

A mão lhe estende,
E delicioso
Cheiro amoroso
Nelas recende.

Vós que as rosas gentis buscais, amantes,
Nos jardins do prazer,
E, em vez da flor, espinhos penetrantes

Só chegais a colher,
Resignados sofrei, sede constantes,

Que a desventura,
Que a mágoa e dor
Sempre em doçura
Converte Amor.

Coimbra – Fevereiro. 1820.

LIVRO SEGUNDO

I

A LIBERDADE

Em vinte e quatro de Agosto

Quae sera tandem

Nos respicit.

Virgil.

Os ferros.. os grilhões? E as mãos já livres!
E os descamados pulsos
Desalgemados, soltos!... Nós escravos
Já míseros não somos?
A pátria é pátria já, nós somos homens!
Homem! tal nome é dado
Proferir sem vergonha! – Os santos foros,
O eterno jus sagrado
Que, da origem do ser, nos soprou na alma
A natureza augusta,
Já não são crimes! Já não sorve o abismo
De esquálidas masmorras
Ao que intrépido ousou clamar por eles,
E com livres acentos
Aos homens disse: “Erguei-vos que sois homens!”
Oh prodígio, oh ventura!
Oh nobre arrojo de esforçados peitos!
Tu, doce liberdade,
Solta dos torpes laços da ignorância,
Tu despredeste o voo,
E em nossos corações, na voz, nos lábios,
Oh suspirada há tanto!
Vieste enfim pousar, vives e animas
Co almo bafejo os Lusos.
Tu do nosso horizonte as densas trevas,

O enfiado manto
Da hipocrisia vil, do fanatismo,
Da tirania acoissas;
Tu nos franqueias da existência o gozo;
E as aferrolhadas portas,
Que o sacrário das leis da natureza
Árduas até aqui fechavam,
Tu nos abres em par – homens já somos!

Porto – Agosto, 1820.

II À PÁTRIA

Des lois et non du sang.
J. Chesnier

Aos pés do mármore de Pompeu, exangue
César triunfador caiu de rojo;
Ergueu-se Roma, e a sombra despeitosa
Nos Elísios exulta.
Ao golpe audaz do intrépido mancebo
Liberdade folgou, gemeu natura...
Trajando galas, arrastando lutos
Parricida virtude.
E os ferros? – Outra vez aos pulsos roxos,
Ei-los, novo opressor os volve à pátria...
Foi breve sonho a liberdade, a glória:
Crimes só gera o crime.
Vês lá nas praças de Álbion soberba,
E nas tuas, ó douta, ó culta Gália,
Dentre as mãos vis do algoz jorra, ensanguenta
Régio cruor a terra:
Calca-se aos pés o cetro já pedaços,
Rebenta o dique à popular licença,
Veste a anarquia as cores da igualdade...

Eis Cromwell, Robespierre.
Horror do caos, confusão da noite,
Em que elementos relutantes pugnam
Antes que a voz do Criador de tudo
Lhes dê num sopro a ordem.
Imagem, froixa imagem sois do abismo
Que sob os pés cavou de tantos povos
O êxtase, o frenesi de liberdade
Que não regrou prudência.
Razão, virtude, sacrossantos numes,
Quantas vezes a veste pura e cândida,
Vistes nódoas do crime enxovalhá-la
Por mãos da irmã querida?
Da irmã!... da augusta liberdade! É sonho:
Sois iludidas, ó nações do mundo;
Rasgai a venda que vos cobre os olhos,
Que atou perversa dextra:
Vereis, vereis sob os atares dela,
Solapada a ambição, a intriga, a inveja;
Queimando incensos (que levara ao trono,
Se o trono inda existisse)
Sórdido adulator, o baixo int'resse.
Liberdade! – Ah que a máscara só vistes,
Que horrível fúria sobre a face pérfida,
Vos iludiu, compondo.
Lísia, Lísia, não tremas, não receies,
Que um novo facho a liberdade acende:
Pelos alheios erros ensinados Saberemos fugi-los.

Porto – Agosto 30, 1820.

III

SÃO MARTINHO

Siccis nam omnia deus proposuit.

Horat.

Rapaz, que bulha é essa de chocalhos
Que me rasca no ouvido?
Que matinada, que barulho é este?
Vai ver, anda. Tu ris-te,
E ficas-te! Não ouves? – Mudo e quedo
O magano a sorrir-se.
Sabes o que é? – Pois fala. – “O repertório”
Diz o moço “aí está”.
O repertório! – Sim, e o Borda-d'água:
Vejamos de quem reza.
São.. São Martinho... Hoje! isso é impossível!
O São Martinho! E copos,
E garrafas, barris não há na casa?
E eu rapaz maldito,
Eu coa barriga empanzinada de água!
Com estas sopas magras!
Eu de dieta! – Sim, dieta. Oh! louco,
Oh! parvo que estou hoje.
Pela brecha do caco o pouco resto
Se evaporou da bola:
Nem me lembrava já o tal saltinho
De andante folestria.
Que mal haja mil vezes o primeiro
Que ousou com mão danada
Sobre o espinhaço cavalariço,
O atraído couro!
Mal haja esse patau de Dom Quixote,
Ou quem quer que antes dele
A moda introduziu das Dulcineias
E de andar atrás delas!
Mal haja a párvua sécia de ir buscá-las
À Foz, ou ao Inferno!
E que tinha eu que ver coas tais meninas
Ou co seu fazer de anos?
E, se o tinha, não era mais bizarro,

Em felpudo jumento
De guapa albarda, aperaltado Sancho,
E sem medo aos manteios
De encantada estalagem, teso e crespo
Pela rua Direita
Mui direito fazer a minha entrada,
Mais falada e brilhante
Que a do Marialva na imperial Viena,
De régias vodas núncio?
Disse brilhante? – Sim, brilhante, e guapa;
Que a grazinante súcia
Da assobiadora, basta rapazia
Em garotal triunfo
Mui ancho havia acompanhar-me à porta
Da senhora dos anos.
E os assobios e a risota? – Oh! fossem
Escarros e chapadas,
E não me visse agora assim tão murcho
Almejando garrafas,
Sonhando copos, delirando frascos,
E ai! tudo, tudo em falso!
Condoei-vos de mim, festiva malta,
Galhofeira caterva
Do vinífero, plácido Mondego,
E com piedosas fauces
À saúde bebei (antes por alma)
Do pobre irmão caríssimo
Que chucha cá de longe pelos dedos,
E, encarquilhando os beiços,
Coa alma nos copos que brindais alegres,
De vossos gostos goza;
E aposentado, inválido chupista
Só folga na taberna.

Porto – Novembro, 1820.

IV

AO CORPO ACADÊMICO

(Recitada na sala dos atos grandes em Coimbra.)

Ergo tardia voz, mas ergo-a livre
Ante vós, ante os céus, ante o universo,
Se os céus, se o mundo minha voz ouvirem.
Inda a braços coa esqualida doença,
Mal posso o brado alçar débil e froixo.
– Já lá estão sobre os cumes da alta glória
Coroados os heróis que, ao forte impulso
De seus invictos, denodados braços,
O bárbaro colosso derrocaram
Do despotismo atroz, da tirania,
Que à hipocrisia a máscara traidora
E a cega venda ao louco fanatismo
Com destra mão impávidos rasgaram.
– Tão nobres feitos, tão sublime arrojo
Assaz dos vates ressoou na lira;
De sobejo entre nós do Pindo os cisnes
Com louro eterno ao porvir mandaram;
Em nossos peitos, de sobejo, há muito
Em caracteres os gravou de fogo
A eterna gratidão de um povo livre.
Não posso eu tanto, não me atrevo, ó sócios;
Mas tenho um coração que é lusitano,
Mas tenho um coração que é livre e é de homem.
Livres, como ele, minha voz, meu brado
O que alma sente vos espalhe na alma,
E o grito da razão troveje ao mundo.
Livres... ah! livre um Português foi sempre,
Que a morte, que os grilhões nunca o renderam.
– Sim, que essa infame, sórdida caterva,
Esse rebanho vil de vis escravos
Que ao cetro da ignorância acurvam tímidos,
Do nome português vergonha e opróbrio,

Portugueses não são, jamais o foram.
Sê-lo-ão esses que, envoltos nos farrapos
Da avita glória que trajar não sabem,
Julgam virtude o mérito da sorte,
E em si pretendem concentrar direitos
Que ao povo inteiro, que à nação pertencem?
Réus do crime maior que a terra há visto,
Réus do crime maior que os céus puniram,
Réus do crime maior que urdiu o Inferno,
Esses... Lusos serão ou serão homens?
– E o nome português, o nome augusto
Ante o qual se prostrou rendida a terra,
O nome português cabe a tal gente?
Cabe nessoutros que, afumando o trono
Co torpe incenso de venal lisonja,
Olhos no int'resse, ao paternal Sob'rano
Lhe impedem ver as públicas desgraças,
Gemer nos males de seu povo aflito?
Ó rei, ó pai, ó suspirado há tanto,
Ah, rompe de uma vez da intriga as malhas,
Denso negrume que te envolve o sólio
Co cetro vingador dissipa, e vinga
As injúrias do povo que te invoca.
Ó flor da pátria, ó mimo de seus filhos,
Ó lusitana ilustre juventude,
Jugo de ferro, que pesava outrora
Nos insofridos colos, já desfeito
Em pedaços quebrou; e a mão soberba
Da ignorância fanática e opressora,
Que os insofridos lábios nos tapava,
Ao golpe audaz caiu da Liberdade.
Anos de escravidão vingue um só dia,
Séculos ganhem fugitivas horas;
Em livres brados à virtude, à glória
O froixo peito aos cidadãos movamos.
Pode mais do que a espada a voz e a pena;

Mas, se a espada cumprir, cinja-se a espada,
E veja o mundo com terror e espanto
Em cada filho de Minerva, um Marte.
Tremam à nossa voz, caiam por terra
Aos nossos golpes, quantos se atreverem
A usurpar os direitos deste povo
Que em nós, sua escolhida juventude,
A melhor esperança tem da pátria.
Oh! não lhe malogremos esta esp'rança.
Sejamos como sempre Portugueses,
Vivamos livres... ou morramos homens.

Coimbra – Novembro, 1820.

V

OS MEUS DESEJOS

*Id arbitrator
Adprime in vila esse utile, ne quid nimis.
Terent.*

Se entre os diversos dons da natureza
Me fora dada escolha,
Não me atraíra o fasto das riquezas,
Nem a pompa da glória.
Brilhante engenho, divinais talentos,
Quanto folgara tê-los!
Mas ai! tantos no mundo os possuíram,
E foram desgraçados!
De Aquiles o cantor de terra em terra
Foragido esmolava;
O primeiro brasão da nossa glória,
Vate de Inês divino
Entre as garras da esquálida penúria
Desamparado expira;
Ao sublime cantor da maga Armida,

De Hermínia, de Clorinda
Sobre o cume do erguido Capitólio
Já o esperava o louro,
Do cisne de Vauclusa a sombra arguta
Já revoava em torno,
Quer ser-lhe guia, dirigir-lhe os passos
Na difícil vereda...
Eis após longa teia de infortúnios
A morte... E a morte é tudo!
E a ti, britano bardo, não bastavam
As trevas e a cegueira?
Tu que da miseranda humanidade
Na harpa de Sião choraste
Primeira perda, tudo enfim perdeste:
Tudo!... Restou-te a filha,
Sobejou-te a razão: que importa ao sábio
O resto do universo?
Empunhando a cicuta é grande ainda
O modelo dos sábios,
Consolando os amigos que o pranteiam
É venturoso ainda.
Guardai os vossos dons, glória e fortuna,
Vossas mercês levai-as;
Deixai-me um coração puro e sensível,
Um peito generoso,
Dai-me a ventura num fiel amigo,
Na razão dai-me um guia.

Coimbra – Dezembro. 1820.

VI

A SAUDADE

*Desiderio... nitenti
Nescio quid charum.
Catull.*

Saudade! Oh saudade amarga e crua,
Númen dos ais, do pranto!
Deusa que os corações sem dó, sem mágoa
Tão cruel dilaceras!
Sinto, sinto o teu ferro abrir-me o peito,
E na chaga que abriste
Roçar-me as tranças desgrenhadas, úmidas,
Que da pálida frente,
Sobre os torvados, macilentos olhos,
Sobre a face te descem.
Continuamente os bárbaros ministros
De teu furor tirano,
(Duras lembranças de passados gostos,
De fugidia glória)
Batendo as negras, as funéreas asas,
Dentro me esvoaçam na alma.
Piedade! oh! por piedade um só momento
As angústias suspende;
Da já convulsa vista um só momento
Oh! tira esse retrato,
Tira esse gesto que adorei, que adoro,
Que amor por meu tormento,
Que a natureza pródiga formaram.
Da branda voz tão meiga
Porque imitar-me o som, coar-mo ao peito
Dos cortados ouvidos?
Porque lembrar-me os ditos engraçados?
Porque na face pálida
Renovar-me a impressão, que foi tão meiga,
Dos ósculos lascivos?
Porque aos lábios, que em fel azedo escumam,
De teu sopro crestados,
Mandar assomos dos tornados beijos,
Do saboreado néctar!
Risca... Mas ah! perdoa, á sacra deusa,

As sacrílegas vozes
De blasfemo delírio! Volve ao peito
O pungir de tuas dores:
Teus ais, teu pranto são delícias, mimo
Dos corações sensíveis,
Os gemidos que arrancas dentro de alma
São desafogo às mágoas.
Ternas memórias, deliciosas, meigas,
Sem ti que fora delas?
Sem ti que fora do prazer gozado?
Sorveria um momento
Séculos tantos que ajuntou de gosto,
Que acumulou sobre ele,
Que, novo Prometeu, roubou do Olimpo
Amor coa mão piedosa.

Coimbra – Dezembro, 1820.

VII

AO CORPO ACADÊMICO

(Na festividade pública em que se celebrou a revolução de 1820, com distribuição de esmolas e com outros atos de caridade.)

Banha-se o coração em santo júbilo
De vos ver, sócios meus, neste momento.
Transluz em vossos peitos
A alma, virtude divinal, sublime
Que eleva, exalta, que emparelha e une
Aos céus a terra, a humanidade aos numes.
Lá da etérea mansão, o Ser dos seres
Vos viu dar este exemplo que envergonha
O egoísmo dos grandes:
Viu-se adorado nas imagens suas,
Viu-se imitado, refletido nelas,
E a dextra onipotente a nós estende.
Da Divindade o culto é a virtude,

São leis da natureza as leis divinas:
Disse-o a Palavra de Ele,
Diz-no-lo a voz do coração que é sua.
O incenso que se queima nos altares,
Não vai tão alto, que o receba o Eterno!
Mas o perfume de suave cheiro
Que das boas ações, que da virtude,
Incruento holocausto!
'Spira, e se eleva acima das esferas,
Esse é fumo de grato sacrifício
Que aceito apraz ao Árbitro dos mundos.
Oh! de tal religião, oh! de tal rito
Sejamos sempre apóstolos; preguemos
Na terra esta doutrina.
Alumie-se a terra, e a terra é livre;
Abram-se os olhos do embaído povo,
E o povo pugnará por seus direitos.
A vós, á sócios, bem nascida esp'rança
Em que já se revê da pátria a glória,
Sua antiga liberdade,
A vós incumbe a empresa. Esta em que entramos
Guerra é da luz coas trevas: – eia! à guerra!
À guerra, que a vitória há de ser nossa.

Coimbra – Dezembro, 1820

VIII

O BRASIL LIBERTO

*Na quarta parte nova os campos ara,
E, se mais mundo houvera, lá chegara.
Camões.*

Houve Grécia, houve Itália, e Esparta e Roma;
Houve, e morreram, jazem.
Séc'los de ferro de enrugadas fronte

As sorveram no abismo.
Crespas de abrolhos, hirtas de ruínas
As terras venerandas
Que os pés calcaram de Licurgos, Brutos,
Envolveu-as no opróbrio,
No olvido as sepultou, sumiu-lhe a glória,
Fugindo, a liberdade.
Cruéis ministros do aborrido Inferno,
Reinai, reinai sem medo;
Sobre montões de cinzas, de cadáveres
Estendei férreo cetro;
Ervai no azedo fel das taças negras
Os punhais sanguinários.
Eis em auxílio vosso armado, eis corre
Pejado de flagícios,
Afiando os grifos de empolgar sedentos
O traidor fanatismo.
O Inferno, que os uniu, tremeu de vê-los,
E viu no mundo o Inferno.
Lá fervem bonzos, remurmuram, fremem...
Lá co facho da morte
Estala crepitando a flama horrissona
Da hipócrita fogueira...
Ai do infeliz que viu a natureza,
Que a viu, que ousou segui-la!
Ei-lo, aos pulsos grilhões, aos pés algemas,
Arremessado às chamas
Lá torce em convulsões torrados membros:
Redobra a morte horrores.
Oh virtude! oh razão! oh liberdade!
Deuses! de todo extintas
Sobre a terra as deixais? Não resta ao mundo
Senão gemer, carpir-se?
Ah! primeiro, coa dextra onipotente
Que outorgou ser ao nada,
Primeiro ao nada lhe volvei a essência;

Acabai-lhe coa vida,
Que a vida em crimes não é vida, é morte.
Morra... Mas quê! de novo
A novos mundos dilatais o globo?
Quereis mais crimes, vícios?
Ousadas quilhas de Cabral, Colombo,
Aonde, aonde o rumo?
Prenhes de ferros, de punhais, de fachos,
Aonde as dextras cruas?
Que quereis dessas terras inocentes?
– Ouro! – Responde a sórdida
Cobiça do homem. – Ouro! – Ah! fome indigna,
Não sagrada, inumana,
De quanto há i sagrado, quanto há santo
Profanadora ímpia!
Montezuma, Ataliba, os vossos gritos
Me retumbam no ouvido.
Que horror, oh natureza! – Em novos campos,
Não arroteados inda
Da ervada charrua da maldade,
Degenerada espécie
Da terra já caduca, vai, faminta
De sangue e atrocidades,
Coas esmirradas mãos semear, colhê-la,
Ampla ceifa de crimes!
Corre-te, humanidade; o velho mundo
A larga se duplica
Para teu mor opróbrio. – Não: lá surge
Nesse mesmo terreno
Quem vingará a opressa natureza,
E a mão lhe dá que se erga.
Lá campeia Franklin, Washington fulge,
La Penn, o esmero, a honra,
O lustre, a admiração do nome de homem.
O brado – ingente brado! –
Vem retumbar na encanecida Europa:

Cos sons retreme a terra,
Cai a pedaços à ignorância o trono,
À hipocrisia a máscara.
O Lírio ajudador, que foi a auxílio
Da nascente república,
Volta reflorecido, e já viceja
Co prolífico pólen
Doutra mais pura flor, doutra mais cândida,
Que é flor de liberdade.
Facho, que acendes, inexperta Gália,
Em tuas mãos se queima:
Esse clarão que dá, também é chama
Que abrasa o que alumia.
Mas em teus erros a acertar aprendem
Os povos que só querem
Alva tocha de luz, não tição negro
De labareda e fumo.
A pátria de Viriato assim conquista
A avita liberdade.
Espadas... para quê? – Guerra... qual guerra,
Se paz queremos todos?
Oh! virgens plagas de Cabral famoso,
Se bárbaros outrora
Vos levamos grilhões, levamos ferros,
(Que também arrastávamos)
Hoje convosco alegres repartimos,
Irmamente vos damos
Parte igual desse dom que os céus nos deram,
Que a tanto custo havemos.
Lá vai, lá surge em terra, avulta e cresce
A lusa liberdade.
Folgai, folgamos: Portugueses todos,
Em laço igual unidos,
Sobre o seio da pátria reclinados,
Como irmãos viveremos.
Oh! seja eterna tão feliz concórdia:

Mas, se em má hora um dia
(Longe vá negro agoiro!) dessa escura
Caverna onde o prendemos,
Ressurgir férreo o despotismo ao trono,
Então hasteai ousados
Os pendões da sincera independência. Sim, da paterna casa
Salvai vós as relíquias, os tesoiros,
Antes que os roube o monstro.

Coimbra – Janeiro, 1821.

IX

CONSOLAÇÕES A UM NAMORADO

*Ne doleas plus nimio, memor
Immitis Glicerae, heu miserabiles
Decantes elegos cur tibi junior
Laesa perniteat fide.
Horat.*

Consola-te comigo, meu Sarmiento,
Consola-te comigo,
Também eu fui patau, também as Márcias,
As Análias, Armias,
Me deram que fazer, me atarantaram
Nos meus tempos de amante.
Também duns olhos já pendeu meu fado;
Também já num sorriso
Se estreitou de meus sôfregos desejos
O círculo acanhado.
Num desdém, num suspiro, ou morte ou vida
Me deram meus delírios;
Alvejou-me a esperança entre dois lábios;
Também entre dois lábios
Me negrejou terrível desespero
C'roado de ciúmes.

Como tu me esqueci de que era um homem;
Esqueci-me, e chorei.
Não me envergonho; derramaram lágrimas
Meus olhos enturvados:
Mas foi meu pranto o pranto que desliza
Quando arrasados nele
Os cegos lumes no porvir se colhem
Desventuras e morte.
Sim, fui; mas já não sou. Correu, desfez-se
Mago véu da ilusão:
Olhei pasmado, e conheci de novo
Dif'rente a natureza.
Ai encantos de amor e os filtros dele,
Vi seu império, e ri-me.
Vi de mil belas adornar-se o mundo,
Qual vejo pelo prado
Matizar-se o verdor com lindas flores
Para enlevo dos olhos.
Votei-lhes desde então, Sarmento amigo,
Quantos me deu sentidos
A mão do Criador, às belas todas:
Mas reservei prudente
Dentro do peito, coração e afetos
Para melhor emprego.
Picou-me o coração, ficou ferido
Da porfiada luta;
Mas pouco e pouco, o bálsamo do tempo
Nas úlceras do peito
Foi acalmando a dor, foi-a ameigando,
E alfim cicatrizou-as.
Fomos, fomos iguais nos desvarios,
Igual nos seja a emenda.
Deixa tu Márcias como eu deixo Análias,
Ri-te como eu me rio.
E, se inda assomos de prazer, ventura,
De encantador delírio

Vierem sorrateiros assaltar-te,
Lembrem-te os meus conselhos,
Faze-lhe cruces, deita-lhe água benta;
São tentações do Diabo.

Coimbra – Fevereiro, 1821.

X

MADRUGADA

No Jardim Botânico de Coimbra

*Como é grato o passeio entre boninas
Aljofradas das lágrimas da Aurora!*

Filint.

Neste sagrado a Flora, almo recinto,
Trono e delícias dela,
Aqui onde o perfume saudável
Respiro de mil flores,
Como sinto embeber-se-me a existência
Em cada trago de estes
Que os sequiosos pulmões, até aqui só fartos
De ar pestilente e mau,
Deste suave e puro ávidos sorvem,
E com ele o remédio
Ao trabalhado, enfraquecido peito,
Ao mui pausado sangue!
Quanto é doce à fagueira, amena sombra
Dos variados arbustos,
Coa fresquidão das plantas rociadas
Das lágrimas da Aurora,
Nos prazeres cevar da Soledade
O descansado espírito!
Como então pela mente se revolvem
Já passadas ideias,
E vêm umas trás outras, acudindo

À lembrada memória!
(Domo depois no espaço desmedido
Se espraíam do futuro!
A cada objeto... Aqui esta palmeira:
Da eternidade o símbolo
Lhe chamou a sabida antiguidade.
Vede-a; a cabeça airosa
Sobr'ergue altiva ao circunstante povo
Das variegadas plantas.
Qual jazem nas soidões do Egito ou Grécia
Desparzidas, confusas
Aqui, ali ruínas venerandas,
Já sem nome esquecidas;
Passa o viajante e indiferente as olha:
Mas se entre elas alçar-se
Coríntio mármore vê, coluna dória,
Que em pé sem medo ao tempo
Parece desafiar a eternidade
E desdenhar dos séculos,
Então pára, respeita a mão dos homens,
Folga de ser um deles.
Tal entre o imenso vegetal cortejo
Que me rodeia agora,
Involuntária a vista só contempla
A nobre, alta rainha
Do vicejante império. Alma se expande,
Se engrandece como ela.
Sinto crescer-me, avigorar-se o espírito:
E o coração no peito
Pulsa com mais vigor, bate mais forte.
Homem! a natureza
Quão grande te criou! quanto puderas
Se não fugisses dela!
Quanto és grande se à voz caroável sua
Prestas ouvidos sempre!
Aqui junto à frieza desta serra

A palmeira do Oriente!
Como puderam dar-lhe vida e pátria
Em tão distante clima?
Longe, longe talvez dos seus amores
A triste se amesquinha;
Talvez, surdos queixumes espalhando
Aos solitários ventos,
Lamente o fértil pó neles perdido,
Que levaria a vida,
O gérmen da existência a novos filhos.
Homem, sê mais piedoso,
Concede um companheiro aos seus amores.
Quão terno, quão sensível
Foste, Lineu divino! tu que às filhas
Da amena Primavera,
A flor lhe deste que a existência doira,
O favo dos prazeres.
Cora ao desabrochar, tinge-se a rosa
De virginal pudor
Já presentindo os ósculos lascivos
Do voluptuoso amante;
Sorri no cálix a açucena, o lírio
Ao sentir o bafejo
Da aura lasciva que lhe traz nas asas
O penhor suspirado
De seus ternos, castíssimos amores.
Fugi, fugi, ruidosos,
Crus ministros de horrendas tempestades:
Lá na deserta Líbia,
Queimadores Suões, bramantes Euros,
Lá na torrada Arábia
Rolai sem medo os movediços pegos
De infrutuosa areia:
Gire em nossos vergéis suave e puro
Zéfiro amigo e doce,
Que ao consórcio gentil das lindas flores

Ajude prazenteiro.
Não tenham que chorar a pátria amada
As hóspedes fragrantas
Que de Ásia os montes, de Colombo os plainos
Deixaram saudosas
Por vir embalsamar co ativo aroma
Nossos jardins e orná-los,
E a dar-nos vida, restaurar saúdes,
Co próvido específico.
Lineu! e a pátria, o mundo agradecido
De rojo aos pés não viste?
E aqui teu busto, o de Brotero e Serra
Não vejo colocados!
Ah gente indigna, ah povo desalmado!
Pátria... – Não, pátria é deles
A Europa e o mundo que os conhece e admira.
Ide co sacro louro,
Que ao mérito, à ciência, que à virtude,
Com mão roubastes ímpia,
Coroar os simulacros odiosos
Ao despotismo, à inércia,
À cruel ambição, à hipocrisia,
À sórdida ignorância.
Ide; queimai-lhe o incenso da vileza:
Ide... sois dignos deles.

Coimbra – Março, 1828.

XI

A LIBERDADE DE IMPRENSA

*Do seio do alto Deus, donde descendes
Raras as terras visitas.
Filint.*

Verdade! Oh! vem da escuridão que há tanto

De em torno aos raios teus se embastecia,
Negro, enfiado véu rasgar do engano
E da calúnia pérfida.
Vem: mostra enfim ao mundo a face austera;
Traze ao lado a Razão, traze a Justiça;
São filhas tuas, foragidas ambas,
Contigo desterradas.
Do facho, ardente luminar que empunhas,
Desparze em raios o clarão a Elísia;
Mostra-lhe a natureza, que vendada
Sem teu lume não viam.
Homens que o forem – folgarão contigo;
E os que o não são... que tremam, que se arrojem
Ao caos da ignorância e dos fantasmas
Onde o crime despenhas.
Raios que vibras fulminantes, rápidos,
Fofos em cinza os códices dispersem
Que a ignorância lavrou, sagrou cobiça
E endeusou maldade.
Mas ah! primeiro veja-os o Universo:
Sopra-lhe o pó dos amontoados séculos,
Leiam-lhe os povos nessas notas bárbaras
O aviltamento antigo:
Corem, pejem-se enfim de seu ludíbrio,
Ao jugo acurvador o peso tomem,
E coa vara da Lei, desafogados
Meçam o seu e o alheio.
Mas não vês essa turba murmurante
De homens que aos homens declararam guerra,
Não vês como orgulhosos se encastelam
Nos profanados templos?
Não os vês com que horrendo sacrilégio
Estão detrás do véu do santuário
Um negro monte de maldade e horrores
Pérfidos a escondê-lo?
Ah! coa mão descarnada à face horrível

Rasga a máscara vil do embuste hipócrita;
Deixa ler-lhes no gesto horrendo os crimes,
As traições, o perjúrio.
Oh! não consintas, não, que as sacrossantas,
Cândidas vestes Religião lhe empreste,
Lhe empreste!... ousem roubar-lhas os perversos,
Salpicar-lhas de infâmia.
Sim, vem, ó númen, vem; cede benigna
Aos sons carpidos da liberta Elísia.
Um povo inteiro, um povo amesquinhado
Por ti clama e suspira,
A ti clama, a ti brada, em ti só espera:
Tu só, filha do Eterno, em tanta névoa
Que nos embarga os passos mal seguros,
Podes abrir caminho.

Coimbra – Março, 1821.

XII

LONGA VIAGEM DE MAR

*Nequiequam deus abscididit
Prudens oceano dissociabili
Terras, si tamen impiae
Non tangenda rates transillunt vada.
Horat.*

Esse doudo Jasão, tãful de esposas,
Como, certo no alcunhar, lhe chama
O nosso bom Filinto,
Que perversa mania
Se lhe encaixou no âmago do casco?
Como na tresloucada fantasia
O fado avesso e mau
Dos míseros humanos
Lhe foi pintar as recurvadas quilhas,

A aguda proa, os mastros, as antenas,
As côncavas cavernas
E os voadores linhos!
E tu, padre Netuno, nem ao menos
Lhe soubeste co maldito tridente
Pregar uma figada?
Tão a salvo o deixaste
Levar ao cabo a desvairada empresa,
Que, a pouco e pouco, de teu vasto império
Ousada os mais escuros
Foi pesquisar recantos?
O teu velho Proteu nos seus cantares
Não te soube avisar que um dia um Vasco,
Um Colombo haveria,
Um Magalhães, um Cook?
Que, as magas cifras combinando, um Nunes
Ao Universo admirado mostraria
O pasmoso instrumento? Mui desleixado andaste,
E mui pouco zeloso do teu reino,
Netuno, rei das encrespadas ondas,
Ah! se mais justo
Houveras castigado
O quebrador primeiro de teus foros;
Se as marulhosas vagas sacudindo,
E o vendaval ruidoso
Soprando das procelas,
Tiveras sua audácia sepultado
No insondável abismo de essas águas,
Não viera eu mesquinho,
Não viéramos tantos
Pagar por ele agora, e sem remédio
Sofrer balanços, amargar enjoos,
Sedes curtir ardentes,
Rapar caninas fomes;
Ver só entremear consigo e a morte
Frágil tabuinha, que o bater das ondas

Pode num só momento
Fazer em mil pedaços!
Ai de mim! Trinta vezes no horizonte
O pai das luzes despontou radioso,
E coa tocha brilhante
A meus cansados olhos
Nada mais amostrou que o quadro imenso
De soledade infinda – os céus e os mares!
Já trinta para os braços
Correu de alva Anfitrite,
E os froixos raios, que na irmã reflete,
Nada alumiam mais que os céus e as águas.
Vós, nítidas estrelas,
Em meu cortado peito
Que mais vistes senão saudade e mágoa?
No coração ralado de amarguras
Que mais pudestes ler-me
Senão tristes lembranças
Dos amigos fiéis, do trato ameno,
Das horas doces que passei ditoso
No ameigador regaço
De amor e da amizade?
Delícias, que eu gozei, tinha eu de vê-las
Tão algozmente lacerar-me o peito!
Memórias tão fagueiras
Na alma cravar-me a morte!
Oh! se um dia, feliz, a amada terra
Beijando religioso, e descansado
Nos braços dos amigos
A salvo torno a ver-me,
E... Mas que é isto? – Lá me fuge a pena...
Lá me voa o papel. – Baloíço ingrato
Té este me cerceia
Extremo desafogo.

No mar, em Abril, 1821.

XIII

A LÍDIA

*Ingratam Veneri pone superbiam,
Non te Penelopem difficilem procis
Tyrrenus genuit pater.*
Horat.

Basta de crueldades, Lídia bela,
Que das castas Penélopes a moda
Há muito que se foi;
Nem tanta há já de procos abundância
Nos dias de escassez em que vivemos:
Que esses que outrora em Ítaca
Aos pares, nas vacâncias pretendiam
De oposição levar o benefício
Do falador Ulisses,
Não têm cá entre nós quem os imite:
Que assim se abastardeia o velho mundo,
E os usos bons se perdem!
Já benefícios tais são todos simples,
E os leva de barrete a todo o instante
Qualquer padre de requiem.

Angra – Maio, 1821.

XIV

O ANANÁS

*Tal vive o sábio, estrangeira planta,
Em terreno ignorante.*
Filint.

Coroado rei dos filhos de Pomona,
Quão galhardo e formoso
Entonas essa frente de monarca,

E a púrpura doirada
Vestes na linda cor com que te envolve
A rica natureza!
Oh! como pôde as leis assim cortar-lhe
Arte engenhosa de homens,
E, desvairados climas confundindo,
No acobertado encerro
A pátria dar-te, e fecundar-te os germes
No mui feliz exílio!
Destarte o sábio, que rodeiam gelos
De ríspida ignorância,
O hálito fuge dos ruins que o cercam;
Cria-se nova pátria
Na solidão, cos livros, coa virtude,
E no olvido dos néscios.
Tal nos pântanos de Haia o bom Filinto
Co seu Horácio e Musas,
Áureos frutos da lira sazouava
No solitário albergue.

Angra – Junho, 1821.

XV

O BEIJO

*Melons ces baisers, ô ma vie!
De leur nombre je veux douter,
Et si souvent les répéter,
Que l'oeil courroucé de l'envie
Désespère de les compter.
Molevaut: – Catull.*

Quando, entre o alegre, festival cortejo
Das ondas namoradas,
Saiu a aventurar os céus e o mundo
A meiga Vênus linda,

As lisas Graças cândidas, despidas
Logo em torno a cercaram.
Singelo e puro ainda, Amor fagueiro,
Formoso inocentinho
Que num suspiro lhe nasceu do peito,
Entre os maternos braços
Com as tenras mãozinhas afagando
Lhe vinha a face bela.
Sorria para o filho docemente
A lânguida Ciprina;
E os derretidos olhos voluptuosos
No filho se reviam.
Nos lábios de ambos sussurrava a medo
O enxame dos prazeres,
E doce por entre eles lhe emanava
Todo o mel das delícias.
Por divinal instinto se aproxima
A face à face do outro,
Brandamente seus lábios se tocaram,
E do prazer celeste
Que no mago contato saboreiam,
Eis que súbito nascas,
Filho ardente de amor, de Vênus filho,
Suavíssimo Beijo.
Logo das três irmãs a mais formosa,
A prazenteira Aglaia
No lindo seio te escondeu de neve;
E na mansão fagueira
De amorosos desejos rodeado
Viveste espaço longo.
Té que, do furto sabedora a deusa,
Te emplumou níveas asas,
Com que voaste para a mãe lasciva,
E andas de seio em seio,
Entre as belas que amor fere coas setas
Furtivo demorando.

E ora atrevidos, inflamados lábios
Cobiçosos te roubam;
Ora és o prêmio de ferventes súplicas
De respeitoso amante.
– Prêmio tardio e raro e mal seguro,
Quanto és ditoso roubo! –
E quantas vezes no virgíneo seio,
Que alveja de inocência,
De entrar não ousas, que a modéstia o guarda,
Que to veda o recato?
Corrido foges um momento, e triste;
Porém súbito voltas,
E vens pousar-lhe lânguido nos lábios
Meio infantis e abertos.
Não tarda que o desejo lhe cintile
Nos olhos descuidados;
E então virá não tímido mancebo
Os arcanos franquear-lhe,

Angra – Junho, 1821.

XVI

A DÉLIA

Lembras-te, dize, ó Délia, do momento
Que aos teus formosos lábios
Voou dos meus o filho de Ciprina?
Acaso não sentiste
Abrir-se um céu de amor para nós ambos?
Não te bateu no peito
Ansiado o coração de gozo arfando?
Tenro menino ele era,
Tímido ainda, envergonhado infante:
Quanto depois, ó Délia,
Cresceu de ousado, e se atreveu a quanto!
Quais penetrou sacrários!

De virgíneo pudor que véus teimosos
Não ergueu confiado!
Os prazeres o sabem, e a ventura
Que nos teve no colo...
Eles que o digam – dêmos-lhe licença,
Que o ensinem àqueles
Que tanto como nós inda se amarem,
Se é que os houver no mundo.

Angra – Junho, 1821.

LIVRO TERCEIRO

I

A MEU TIO D. ALEXANDRE

Da Sagrada Família

Lousa da morte! as lágrimas não podem
Amolgar-te a dureza:
Nem mais sobeja do que tristes lágrimas;
Que o mais, tu o roubaste.
A enferrujada chave do sepulcro,
Mal deu a fatal volta,
Some-se, e afunda ao pego das idades...
Nem há tornar a vê-la.
A mui pesada mão da eternidade
Carrega o selo eterno
Nos ângulos da campa; e sobre a lajem
Mui breve se condensam
Geladas águas de lodoso olvido.
Acaso alguns momentos
Morredoiras saudades em torno adeja,
Que mal de escasso pranto
Amor ou gratidão lhe rociaram
As curtas, débeis penas:
Até que, pouco e pouco, ao longe a afasta
A viração do tempo,
Ou do ingrato assetear de cru desprezo
Acinte malferida,
Cai de asa morta às ribas descuidadas
Do paludoso Letes.
Ah! que os olhos ainda se me arrasam,
Ainda agradecidas
Em fio e fio as lágrimas deslizam!
Tu varão estremado,
Tu não morreste ainda no meu peito:

Tu que em minha alma tenra
As primeiras sementes desparziste
Das letras, da virtude,
Que à sombra augusta de teu nobre exemplo
Tenras desabrochando,
Cresceram quanto são. Infante ainda,
O ânimo singelo
Me avigoraste da constância tua,
Da nobre fortaleza
Com que, dignos de Roma, a Lísia deste
De alto valor exemplos.
Oh! que o meu coração sobre essa lajem
De angústia se espedaça!
Eu não te verei mais, rugosa face
Do venerando velho
Que da existência na vereda íngreme
As primeiras pisadas
Me endireitou no trilho da Justiça!
Órfão de tal amigo
Terei de ir sé avante, onde é mais árdua,
Mais difícil a estrada!
Sagrados manes, alumiai-me a vida
Cum facho lá do Elísio:
Sede-me guia na escabrosa senda
Que temeroso enceto,
Porque vossas pegadas retilhando
Qual fostes seja, um homem.

Angra – Junho, 1821.

II

O AMOR MATERNAL

*Of nature's gifts thou may'st with lilies boast,
And with the half blown rose.
Shakespeare.*

Que doce que é ser mãe! – Que meigo quadro
É ver a esposa ao lado do consorte
Nos braços lindos embalando o filho,
Seu único desvelo,
Que largou de cansado o níveo seio
E foi suavemente adormecendo
No amplexo maternal. – Inda invejoso
Não encobriu de todo
O casto véu segredos pudibundos
Só do esposo sabidos: enlevada
Nas doçuras de mãe, toda prazeres,
Só para o filho atenta.
Vede-a sorrindo ao tenro inocentinho,
Como se espelha nas mimosas faces,
E colhe nas feições, uma por uma,
O transunto do esposo.
Com que graça lho diz! como suspira
Magoada e triste se o consorte amado
Toda, toda não vê a semelhança
Que a ponto ela distingue!
Oh! se pálida ousou tocá-lo a febre,
Aqui são os desvelos, os extremos,
As não dormidas noites, os cansados,
Afadigosos dias.
Ei-la que se definha junto ao berço,
Que as lágrimas retém, que os ais sufoca
Se condoído Morfeu nos tenros olhos
Pousou do filho caro.
Que promessas, que votos tão do peito
Se um deus compadecido... E os deuses ouvem
Mais que rogo nenhum maternas preces.
Já visos de melhora
No semblante infantil vão despontando,
Ai que alegrias! – recortadas inda
De enternecidos sustos, que os prazeres

Aguados emurhecem.
É salvo enfim: já cresce e ao lado folga
Da carinhosa mãe; já coas mãozinhas
Lhe trava da orla ao cândido vestido,
Ou travesso lho rasga.
Os anos correm, graças vão medrando
No corpinho gentil, na alma embebida
Em suaves lições de sã virtude
Co exemplo avigorada.
Tal esmero de Flora e mimo dela,
Cresce alvo lírio em vale deleitoso;
Brando zéfiro o ameiga, a aurora o rega,
E as belas o cobiçam.

Angra – Julho, 1821.

III

O AMOR PATERNAL

A love that makes the breath poor and speech unable.

Shakespeare

Natureza, que deste ao sexo belo
As feiticeiras graças,
O mimo atraidor, e as mui fagueiras,
Carinhosas meiguices,
Que lhe orvalhaste os lábios com sorrisos
De mélica doçura
Que entram no coração, que esparzem na alma
Delícias e prazeres;
Que nos olhos da mãe puseste o afago,
E no materno peito
Acrisolaste esmeros e desvelos,
As ânsias que suspiram
De estremecido amor e de ternura
Tímida e receosa,

Toda meigas caricias, toda extremos
De apaixonado afeto;
Tu mais viril porção doaste ao homem
De constante firmeza,
E em menos terno coração puseste
A solidez, e afinco
No levar certo o rumo compassado
Dos negócios da vida.
Tu nos olhos do pai, tu em seus lábios
Providente juntaste
Os severos ditames da virtude
E da verdade rígida,
Cos amorosos ralhos, cos amigos
E prudentes conselhos.
Tu lhe adornaste a face veneranda
Da majestade augusta
Que ao filho respeitoso espelha a imagem
Dos soberanos deuses.
Olha como na voz lhe troam ásperas
Repreensões austeras,
Enquanto os seios de alma se lhe rasgam,
O coração lhe chora.
Amor que não deixou cingir-se a venda,
Terno mas justo;
Que o facho acende à tocha da virtude,
Facho que não deslumbra,
Faísca desse amor que a pró dos homens
Arde de um Deus no seio.

Angra – Julho, 1821.

IV

ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO DE 24 DE AGOSTO

*Jure solemniter mihi, sanctiorque
Natali proprio.*

Como vens, linda aurora,
Formosa desdobrando
Por esse azul dos céus o róseo manto!
Coas lágrimas de gosto que desparzes
Abres cortejo ao dia
Que inda viram maior os Lusitanos.
Dize-me, á bela esposa
Do remoçado velho:
Na pátria minha, na ditosa Elísia
Quais fitos viste em ti olhos, semblantes,
Que jubilosos vivas
Desse berço de heróis aos céus erguer-se.
Dá-me esse único alívio
A mim, que malfadado
Nem me outorgaram invejosos numes
Ver-te assomar nos pátrios horizontes,
E desse povo ilustre
O meu tênue clamor juntar aos brados.
O páginas da História,
De par em par abri-vos,
Que a mão lá vai gravar da eternidade
Em caracteres rútilos de fogo
O dia augusto e grande
Que a Lísia trouxe liberdade e glória.
O pátrio Douro altivo,
Espedaçando os ferros,
Nega o tributo ao mádido oceano;
Só guerra quer levar: guerra, que Lísia,
Do tridente senhora,
De novo o cetro recobrou dos mares.
“Ondas, tremei – lhes brada: –
Trema o tirano vosso;
Que as Quinas outra vez se erguem, se hasteiam
E vão das vagas legislar ao mundo,

Vão do orbe às partes quatro
O jugo antigo renovar coa espada.”
O duro som terrível
Toa de pólo a pólo,
Os eixos do Universo estremeceram,
E sobre a face da convulsa Terra
Pálido o susto frio
Horrendo estende as asas cor da morte.
Sossegai, nações do orbe,
Recobrai-vos do medo,
Que Lísia os ferros seus, que espedaçara,
Não leva em dom cruel aos outros povos.
Da ambiciosa Roma
A criminosa glória não procura.
Romanos, oh! não foram
Os Césares e Augustos,
Romano foi. Catão, romano Cévola;
E quais esses então são hoje os Lusos:
Nem cabem num só peito
Avareza e ambição coa liberdade.
Oh pátria, oh pátria minha,
Que dia de ventura!
Que sincero, que puro regozijo
Em praças, em teatros não rebenta,
Em sinceros prazeres,
Festas condignas de um liberto povo!
E eu mísero e mesquinho,
De mágoas retalhado
Só vejo a vasta solidão dos mares,
Só a mudez dos céus no azul monótono,
E um sol que as luzes balda
Nessa imensa soidão que me circunda.
Lembranças, que me afogam
De angústia e de martírio,
Vêm recordar-me a pátria, amigos, tudo,
E deixar-me depois – se é que me deixam,

Em vão pelo horizonte
Rastrear de olhos longos a esperança.
Assim o vago Ulisses
Longe da cara esposa,
Do filhinho, do pai, todo saudades,
Só pede aos deuses crus por graça extrema
Ver dos paternos lares
Erguer-se o fumo, e morrerá de gosto.

No mar – Agosto 24, 1821.

V

AO REI JURANDO A CONSTITUIÇÃO

*Ordinem
Rectum, et vaganti froena licentiae
Injecit, amovitque culpas.
Horat.*

Celeste emanção do Ser primeiro,
Verdade, oh luz eterna! alfim puderam
Ante olhos régios fulgurar teus raios;
Pôde tua voz severa
Dos enganados reis soar nos paços;
E o grito da calcada natureza,
Do amesquinhado, miserando povo
Ao coração bater-lhes.
Nos lábios o sorrir, no seio a morte,
De traidoras perfídias coroadas
A vil Adulação, o negro Embuste,
A cavilosa Intriga
Já de ante o sólio espavoridas fogem,
Tremendo aos brados teus lá vão no abismo
Do averno sepultar crimes e horrores
Com que o trono infestavam.
De vesgos olhos macilenta Inveja

Coa pálida Ambição de balde intentam
Valer-lhe ainda, sustentar-lhe o império
De tão compridos séc'los.
Embalde o manto enganador lhe estende
Falaz Superstição, que as vestes santas
À augusta Religião, ousou sem pejo
De trajá-las, roubadas;
Que as trevas que ante o sólio condensavam,
Teu brilho as dissipou, e entrou risonho
O dia da razão nos paços régios
Coa aurora da virtude.
Fulgiu do amado Rei na frente augusta
O calcado até aqui, sacro diadema;
E a que mancharam veneranda púrpura
Da tirania as nódoas,
Ei-la de novo nítida se arregaça
Do oiro puro da lei, da sã justiça,
Até aqui do Vício escravas fugidias,
Corridas, insultadas.
Já livre do grilhão, solto dos ferros
Pode o monarca segurar na dextra
O cetro que mil pérfidos amigos
A seu sabor moviam.
Sem venda os olhos, pela vez primeira
Olhou de em torno a si, e viu... Oh! quantos
De horror, de execração, de atrozes crimes
Milhares descobriste!
Quantos não viste, ó Rei, junto a teu sólio
Monstros de sangue as garras empolgando
Nas míseras entranhas de teu povo,
Palpitantes ainda?
E não viste esse povo miserando
As lágrimas beber, conter no peito
Cortado de amarguras os suspiros
Que algozes lhe arrancavam?
Deixando-se esvair no sangue a vida

Só porque em nome teu lha arrebatavam,
Só porque em nome teu lhe agrilhoavam
Braços, razão e vozes!
Sim, tu os viste; e o coração paterno
Sentiste retalhar-to a piedade:
Tu gemeste nos males do teu povo,
Gemeste, e a mão benigna
Dadivosa outorgou remédio aos males
Que em férreo acervo sobre nós pesavam.
Recresceu nosso amor, dobrou tua glória!
Serás eterno e grande.
Maior império que os avós ganhaste:
Seus súbditos fiéis, leais e amigos
Já te não chamam rei, só pai te chamam,
Que em corações só reinas.

No mar – Agosto 26, 1821.

VI

A ROSA

A Délia

*Rodin w feriston andoj
Rodon earoj melpma.
Anakp.*

Vênus! às lindas flores que rainha
Tão bela lhes não deste!
Nasceu-te no alvo seio, inda mais alva,
A Rosa namorada;
E a reinar pelos prados a mandaste
Da Primavera às filhas.
Tão pura como a virgem das florestas,
A neve da inocência
No botão meio aberto branquejava;
E a candidez singela,

Tímida inda, lhe embuçava as folhas,
Pelo matiz dos campos
Zéfiro de lascivo sussurrava,
E ao vê-la tão formosa
Ávido corre, vai furtar-lhe um beijo:
A inocente rainha
Corou de pejo, e a cor envergonhada
Na alvura se lhe embebe.
Triste, ao ver-se no próximo regato,
Da perda se lamenta.
Acaso passa Amor, que à mãe fugindo
Vagava nas campinas;
Dos sentidos lamentos condoído:
“Não pranteies – lhe disse –,
Não chores, linda flor; males que eu faço
Sempre em delícia os pago.”
Docemente a bafeja, e doce aroma
Eis súbito recende
Do seio à maga filha de Ericina.
Desde aquele momento
A inocência, o prazer e a formosura
De rosas se coroaram,
Prêmio da singelez que orna beleza,
Desde então consagrada
Ao sexo amável que nos doira os dias
Foi e há de ser a Rosa.
És, minha Délia, mais gentil do que ela,
Mais singela, mais pura;
Para ti esta flor nasceu no prado,
Ei-la, recebe-a, é tua.
Ternura, candidez, beleza e mimo
Para ti a colheram.
Amor lhe despegou coa mão divina
Os espinhos traidores;
Ia a dar-ta... olha... e vê... rápido foge,
Que a mãe te viu nos olhos.

Oh que dor tão gentil, oh que ais tão meigos,
Então soltava Délia!
De cm torno aos lábios que o lamento entr'abre,
Os risos feiticeiros
Revoando lhe estão, e as Graças nuas
No seio que palpita
Lhe andam, por consolá-la, desparzindo
Os jasmims cor de leite.
Desejos mil, e mil coas vestes lindas
Da símplice pastora
(Com as vestes, que a mais se não atrevem)
Lhe folgam como a medo.
Vê que suave, mélica harmonia
Soa na meiga boca!
Que prazer voluptuoso lhe humedece
Os olhos derretidos!
Que sons do coração lhe vêm tão brandos
A conquistar os nossos!
Que ações, que gestos, que expressão do peito
No rosto se lhe pintam!
Amor, não te enganaste, é ela, é Vênus.
Mas não receies, volta;
Ou, se temes voltar, dá-me essa rosa,
Deixa-me venturoso
Entre a neve do seio ir esconder-lhe
A flor tão cobiçada.

Lisboa – Setembro, 1821.

VII

FAZ HOJE UM ANO

A Délia

Um ano já correu, foi hoje mesmo,
Por estas horas, Délia, neste instante
Que nasceu nosso amor – hoje tão doce,

E tão amargo já, que tantas dores
Tantas lágrimas, Délia, tem custado:
Esse amor que hoje é favo delicioso
Do mel suave de prazer fagueiro,
Mas que já foi torrente escura e negra
Do azedo, amargo fel de agros tormentos.
Parece-me que o vejo... oh foi agora:
O coração me diz que este momento
Foi o próprio, o feliz, aquele instante
Em que te vi primeiro. Estão no ouvido
Inda a tinir-me os sons melódiosos
Que banhavam aquela estância amena
Nessa hora fadada. – Inda era livre
O coração no peito, inda os meus olhos
Giravam soltos... o fatal momento
Soou – e em teus olhos se cravaram;
Tua linda imagem refletiram nele,
E para nunca mais sair do peito.
Parou-me então o coração – não minto,
Parou-me o coração do sobressalto:
Minha sorte, o meu fado, a minha esp'rança,
Todo o meu ser, a minha vida toda
Nesse momento para ti voaram.
Pois dize: não sentiste no teu seio
Ir o meu coração ao teu juntar-se?
Oh! nunca mais voltou. – Correram tempos
E o benigno primeiro acolhimento
Que ao principio lhe davas, quantas vezes
Repetidas mudanças alteraram!
Ele só não mudou, foi sempre o mesmo...
Mas deixemos lembranças importunas:
Volve os teus olhos para os meus, querida,
Coa doce languidez, coa graça ingênua
Com que a primeira vez me olhaste, ó Délia.
Oh quanto amor não brilha nesses olhos!
E é meu todo esse amor? Toda, querida,

É toda para mim essa ternura?
Que excesso de prazer!... trasborda-me a alma,
Não tenho coração onde ele caiba.
Não tenho coração... Que é dele, ó Délia,
Que é do meu coração, que lhe fizeste?
– Doze vezes no céu o astro do dia
Girou inteiro o círculo dos meses,
E eu sem ter coração como hei vivido?
Como? – Só de esperanças. Mas o termo,
O termo delas é chegado, amiga:
Esses olhos que amor dardejam na alma
Já de amor e desejos resplandecem;
Esse de neve delicado seio
De lânguida ternura voluptuosa
Já o sinto bater; esses teus lábios
Já sinceros me dizem que me adoras,
Já me asseguram que serei ditoso.
Esse teu coração por mim só bate,
Esses braços gentis já vejo abertos
Que me esperam, amada, no teu seio...
Oh no teu seio... Mais feliz no mundo
Se alguém há do que eu sou? – Não é possível:
Não tem mais que uma Délia o mundo inteiro,
E Délia um coração – e esse é meu todo.
Dia, dia feliz, quando voltares
Tragam-te as Graças amimado ao colo;
Traga-te Amor no seio da ventura
E os prazeres de em torno te esvoacem.
Nunca vejas mudado o meu destino
Nem para mais feliz... – Nos céus não ficam,
Não há mais glórias que mandar à terra.

Coimbra – 18...

VIII

SAFO

No salto de Leucates

A Júlia

*En chantant tu baisses les yeux
Qu'ont couverts des voiles funèbres.*

Ducis.

Amar que doce que é! Oh! quão ditoso
Quem sabe e pode amar! Prazeres meigos,
Graças louçãs e risos brincadores
De em torno lhe esvoaçam,
A existência lhe doiram:
Toda lhe ri de gosto a natureza,
Esmalta-se-lhe o prado de boninas,
O bosque se lhe copa de verdura,
Cristais lhe jorra a fonte,
Perlas lhe verte a aurora.
De noite o céu de estrelas se lhe tolda,
Que áureos topázios lúcidas rebrilham,
De dia em chama de clarão formoso
Vibra-lhe o Sol nos raios
Doce calor de vida.
Qual lago que inocente pequenino,
Alvas pedrinhas atirando, fere,
Em que uns dos outros círculos inúmeros
Dobram, se aumentam, crescem
E em gradação se alongam:
Tal em prazeres se lhe espraia a vida
Ao amante feliz; tal o universo
Mar imenso de gosto se lhe estende,
E de um prazer lhe nascem
Infintos os prazeres.
Ameno quadro, delicioso, ó Júlia!
Folga de ver-te nele, olha, revê-te:
Mas ah! jamais o voltes. Negro, escuro,
Mais feio do que a morte

E o reverso dele.
Dores armadas de aguçadas pontas,
Remorsos negros como a luz do Inferno,
E a Angústia roxa que no colo aperta
O laço corredio
Com que acinte, se afoga.
Da cor do férreo-azul das chamas do Etna
Lá está sobre eles de ouriçada coma,
De verde-negras serpes enastrada,
Rasgando-se as entranhas,
Coas farpeadas unhas.
O monstro horrendo... Qual? – Treme; o Ciúme!
Vês-lhe o peito? – olha: um cancro ascoso rói-lho,
Chega-lhe ao coração, eiva-lhe o sangue,
Empeçonha-lhe a vida,
Nega-lhe o bem da morte.
Eis o avesso do quadro. E amor é este?
Esse filho dos lânguidos prazeres,
Esse amor, todo mimos da ventura!
Por que milagre horrível,
Por que potência infausta?...
Queres sabê-lo? A perfídia Inconstância,
Ei-la, essa fúria o transmudou do que era,
Lhe ensopou de veneno a flor dos gostos,
E em fruto amargo e podre
Lhe converteu o gérmen.
Não temas, Júlia; para nós os fados
O reverso do quadro não pintaram.
Mal venturosos pelo mundo os houve
Que nele se espelharam.
E quantos! Desgraçados!
Não há beleza que lhe esquive os golpes,
Prendas não há que a sanha lhe embrandeçam,
Feitiços que lhe impeçam, oiro a rodo
Que uma hora de tormentos,
Nem a peso, lhe compre.

Safo... Tu bem conheces este nome;
As graças e os Amores o repetem,
Sabem-no as Musas, Vênus em seu templo
Coa linda mão divina
O gravou por memória.
Safo, a meiga cantora dos prazeres,
Safo, a extremosa, a delicada amante,
Vítima dela foi; nas aras negras
Da Inconstância traidora
Safo expirou de angústia.
Ninguém mais que ela amou, ninguém como ela
Soube amar sobre a Terra. Amor tão fino,
Se o há no mundo, só tu, Júlia, o gozas,
Só tu do teu amante
O hás-de encontrar no peito.
Fáon, mais belo do que amor nascente,
Como as Graças gentis gentil e airoso,
Tal foi o objeto dos amores dela.
Mais felizes grão tempo
Do que os dois não os houve.
Mas no peito a Fáon entrou de manso
E lavrou surda a chama da Inconstância.
Lampejou-lhe o clarão... Que horror! A triste,
A malfadada o sente,
Estremeceu e pasma.
Dor a que os – sons da lira se recusam,
Mágoa que as vozes exprimir não sabem,
Angústia que a mortais dizer não cabe,
Mais negra que o sepulcro,
Mais horrível que a morte...
Como é que eu hei de descrever-ta, ó Júlia?
Falem-te os ais da miséria expirante,
Digam-to os ecos de sua voz maviosa:
Nas rochas do Leucates
Amor inda os repete,
Inda Fáon as grutas vão soando,

Já sobre a rocha, vendo o mar bater-lhe
Na base – carcomida, já medindo
Cos olhos enturvados
A desmedida altura,
Inda ousa modular canções de morte,
Inda coas frias mãos apalpa as cordas
Dessa lira que amor coroou de rosas,
Rosas que emurheceram,
Que em folhas secas caem.
Qual cisne ao fenecer gorjeia os hinos
Que eterna vida aos deuses mereceram
Se ao canto os deuses não fadassem morte,
Tal moribunda em transes
Safo cantou assim:
“Deixai um pouco o trono dos prazeres,
Temas irmãs de amor, Graças ingênuas!
De Fáon inconstante assíduas sécias,
Meus últimos suspiros,
Ao ingrato, levai-lhos.
Celestes Musas, Safo desgraçada
De vossos cantos a doçura iguale!
E tu, lira infeliz, triste instrumento,
Eco de meus gemidos,
Apura os sons tocantes.
Quando o céu tempestuoso ameaça o prado,
E os despregados ventos se enfurecem,
Choupo erguido no cume das montanhas
Menos se agita ainda
Que o meu ansiado peito.
Formosos dias, de minha alma encanto,
Em que sujeito às minhas leis o via,
Dias em que eu gozei de o ver ao menos,
Dias de glória e júbilo,
Cruéis! onde fugistes?
E eu que a amava, a rival aborrecida!
Ingrata! o coração fingia abrir-me,

E entanto ao meu com sua mão traidora
As feridas rasgava
Que há de fechar só morte!
Embora: sê feliz coa tua amada;
(Pode haver coração que teu não seja!)
No delírio de amor, na paz do gozo
Venturas que eu não provo,
Saboreia-as embora.
O meu fado infeliz foi só de amar-te,
Foram destinos teus ser sempre amável.
Já desde quando em tua maga infância
A praias encantadas
O teu baixei guiavas,
Nos trajos de mortal Ciprina bela
Para as águas vadear te implora auxílio;
Tu a passaste, e as ondas satisfeitas,
Com ela conduziam
Risos, graças e amores.
Voaram aos teus olhos os amores,
Nos lábios teus os risos se esconderam,
E a ti de em torno as Graças namoradas
Travaram lindas danças
Em que amor te expressavam.
Vênus te disse: Venturoso infante,
Serás dentre os mortais o mais amável
E dos altares meus seguro esteio:
Meus filtros poderosos
Eu tos confio todos.
Suspirava de inveja Amor ao lado:
Eis que eu passava; despicar-se intenta,
E num tiro de seta assim me fada:
Safo será mais terna
Do que Fáon amável.
Mas tu na minha dor, cruel! me foges!..
Irei, por te abrandar, correr os mares,
Subir aos montes, vaguear desertos,

Voar desatinada
Aos limites do mundo?
Fala: nada receia um desditoso.
Irei de gosto arremessar-me aos p'rigos.
Feliz em te seguir e obedecer-te,
Irei roubar-te o cinto
Das Graças, com que prendes.
Por doces beijos nossos lábios juntos...
Unido ao teu, meu coração batendo...
Já de prazer anseio... já nas veias
Seu ardor devorante
Me corre atropelado...
Oh desgraçada! acorda desse engano.
Tudo perdeste... Fique-te o repouso:
Aqui o tens, as rochas de Leucates...
Elas... e nada mais!
Terminarão teus males.”
Disse: e a lira caiu-lhe sobre a rocha:
Deu ronco som de morte, as cordas todas
Estalaram, e foi de chofre às águas
Do mar que remugia.
Viu-a cair a triste,
Ainda a viu, a sua maga lira
Pelo ar na queda... Súbito, após ela:
“Vênus – clamou – que outrora ma doaste,
Filha do mar, recebe-a!”
Disse, e arrojou-se às ondas.

Lisboa – Novembro, 1822.

IX

O ROUXINOL

O nome que no peito escrito tinha.
Camões.

Parabéns, minha tristeza,
Foi-se a luz aborrecida;
Nesta sombra apeteçada
Posso ao menos respirar.
Aqui meus ais, meus gemidos,
Aqui prantos amargosos
Não vêm olhos curiosos
Nos meus olhos espreitar.

Sentado sobre esta penha
Entre espessos arvoredos,
Só há de ouvir meus segredos
O canoro rouxinol.
Vem, mago cantor da noite,
Vem fazer-me companhia;
Não receies, foi-se o dia,
Não temas, é longe o Sol.

Ei-lo vem, ei-lo se apressa
O sensível passarinho;
Lá poisou no seu raminho,
Lá principia a cantar.
Silêncio, florestas, bosques!
Silêncio também, meu pranto!
Coa doçura deste canto
Minha dor quero ameigar.

Que doce melancolia
Naquele som tão carpido!
Quanto é suave o gemido
Em que exala a sua dor!
Como é seu canto expressivo!
Oh! se a ingrata aqui o ouvisse!
Parece que “Délia” disse,
Parece que disse “amor”.

Quem te ensinou esses nomes,
Singela, incauta avezinha?
Não os digas, pobrezinha,
Se o teu sossego te apraz.
São doces? – Assim dizia.
A minha cega ternura;
Mas custou-me essa doçura,
Que perdi a minha paz.

Como tu nos teus gorjeios,
Eu cantava a minha amada;
Mas a lira desmontada
Nem tristes ais sabe dar.
Nos olhos secou-se o pranto,
Emudeceu meu gemido,
De cansado, de abatido,
Nem me atrevo a suspirar.

Adeus, fiel companheiro,
Sê feliz nos teus amores;
A provar meus dissabores,
Oh! jamais te dêem os céus!
Foste alívio às minhas penas,
Escutaste o meu lamento...
Mas – já me causas tormento...
Fiel companheiro – adeus!

Sintra – Maio, 1822.

X

A GUERRA CIVIL

Audiet cives acuisse ferrum.

I

Voz de morte soou, – e o eco fúnebre

Do Manzanares retiniu no Tejo.
Brado que ouvimos, que nos fere na alma,
Que vens trazer-nos? – Liberdade eu trago.
Oh! que essa é voz de glória. É glória, é vida:
Nem outra vida a coração que é de homem
A natureza deu; nem outra morte
Mais que o viver nos ferros. – Nesses vive,
Não, só vegeta miserando escravo.
E do escravo a existência é vida de homem?
Oh não! é sangue torpe e froixo e fraco,
Que nem lhe leva ao coração eivado,
Nem vem trazer-lhe ao corpo mal fornido
Princípio nobre de vital alento.

II

.....

.....

Como ousa pois, como se atreve a morte
A hastear a foice nos torreões da Ibéria?

III

Coas asas cor dos tábidos sepulcros
Tapara o lume ao sol noite de engano:
Por entre as sombras do enublado escuro
A Traição vaga de bifronte aspecto;
Na dextra, que lhe treme de covarde,
Traz o punhal de Sua; pende à esquerda
De Catilina audaz a adaga treda;
Frente que em rugas lhe encrespara a astúcia,
Cinge-lha em torno, salpicado em sangue,
Doirado ao ver-se, e férreo na estrutura
O diadema de Nem. – O grito ardido,
O brado de honra que à peleja avoca,
Não o dá essa infame: a medo, a furto
Vai com trêmulo acento despertando
Almas como ela tímidas, covardes,

Tão fáceis no esgrimir punhais no escuro,
Como em fugir da espada que lampeja
No campo aberto da franqueza honrada.
Lá vão que a seguem, ávidos se apinham
De em torno à Cruz por eles profanada
A tribo de Levi, sequiosa de oiro,
A tribo que abjurou riqueza e honras,
Por mais pompas, mais honras, mais riquezas
Ir furtiva usurpando ao povo iluso.

IV

Onde, á monstros, aonde, ó gente indigna?
Que bandeiras são essas de mentira
Que arvorais entre irmãos? – A estola cândida
Da Religião quereis tingi-la em sangue,
Sangue civil, fraterno!...
– Eis doutro lado
Crescem, redobram co frequente povo
Os que defendem a árvore sagrada
Que inda infante crescia, e que esses monstros
Queriam dar-lhe ao vento a raiz tenra.
Ei-los, em torno, os peitos generosos
Ao bronze of'recem que lhes traz a morte;
Ei-los o braço ao braço, a espada à espada
Do amigo que o foi já, do pai que o nega,
E do irmão que o não é, opõem bramindo.
Só pátria é tudo em corações só livres,
Laços da natureza estão quebrados.
E quem os quebra? – Vós, escravos tredos,
Vós coa mão gotejando sangue amigo,
Vós lhe desdais os nós, e co ímpio ferro
Dum golpe lhe cortais prisões sagradas.

V

Juncada a terra de golpeados membros
Sôfrega bebe o denegrado sangue;

E o sangue impuro que espadana a jorro
Lá vai regar essa árvore sagrada,
Essa árvore de rama e flor e fruto
Escassa e pobre se a não banha o sangue
Do que à nascença lhe pragueja a planta,
Do que só lhe agoirou, só lhe deseja
Granizo queimador, tufão de morte.

VI

De glória e louros coroada exulta
A Liberdade... Ah! bem o vejo, os louros
Co verde-negro do cipreste entrançam.
O grito da vitória entre ais se perde.¹¹⁵
Que a dor arranca dos sentidos peitos.
Choramos sobre irmãos: foi caro o preço,
E é bem duro morrer por mãos de escravos.
Mas pela pátria, mas no campo da honra,
Mártires dela!... Oh glória e glória excelsa!
Esses lutos, rasgai-mos; essas Croas
De cipreste feral longe da campa!
Por endechas de morte, hinos de vida,
Por tristes nênias, cânticos festivos!
Esse ataúde que lhes leva as cinzas
É cofre de oiro que heroísmo encerra,
E tesouro de glória e liberdade,
E monumento de nobreza eterna,
E memória ao porvir, é brado ingente
Que irá no longo curso das idades,
De geração em geração bradando:
“Tremei no sólio, á déspotas da Terra!”

Lisboa – Julho, 1822.

XI

MELANCOLIA

*They sat reclined
On the soft downy banir demasked with flower.
Milton.*

Que ameno sítio, ó Délia! – Estende os olhos
Por toda essa planície deliciosa,
Coberta de verdes,
E esparze amor e vida nesses prados
Dos olhos criadores;
Anima, co esses raios de ternura,
A languidez das flores.
Sussurre de prazer toda a espessura
O influxo teu sentindo;
E, ao ver teu gesto lindo,
Tua divina, mágica beleza,
Sorria de prazer a natureza.
Vê como é bela a solidão, querida;
Como entra pelo peito
Não sei que gosto cheio de brandura!
Isto não é viver, é mais que vida.
Como nesta doçura
O coração vai plácido alargando,
E o ânimo satisfeito
Dentro dele sereno dilatando!
Como insensivelmente descaindo
Se vai naquele estado
De languidez suave e melancólica
Em que, já não sentindo
O trabalho pesado
Da existência penosa – docemente
Pelas veias a vida circulando
Vai mansa e brandamente
No silêncio do nada repousando!
E toda só no instante,
Toda só no momento que decorre
Na alma o passado co futuro morre...

Oh! bebam outros na doirada taça
De mentidos prazeres
O envenenado gozo que mal passa
Dos lábios, todo é fezes,
Que a insaciável sede não apaga
Do coração queimado...
Nós puro e sossegado
Este prazer gozemos da inocência;
Vivamos para nós: deixar o mundo
Volver-se na inquieta turbulência
De o pélago sem fundo
De seus desejos vãos, sua loucura.
Na serena doçura
Da maga solidão – nesta beleza
Vivamos para nós, coa natureza.

Sintra – Agosto, 1822.

XII

O CÁRCERE

*Brightest in dungeons, Liberty, thou art
For there thy tabernacle is the heart.*

Byron.

Fechou-se a férrea porta: o som tremendo
Que os remorsos desperta ao delinquente,
Detrás de mim deu eco temeroso
Pela fúnebre estância.
Eis-me aqui pois do crime na morada,
Eis-me entre bandos vis de malfeitores
Que me olham com sorrisos satisfeitos,
E parecem dizer-me
“Bem-vindo companheiro!” – Eu sócio deles,
Eu criminoso, eu preso, envilecido
Co estes grilhões de infâmia! – Oh! que asquerosos,

Que medonhos aspectos,
Que esquálidas figuras, que olhar torvo!
Não, tal horror nunca sentiu minha alma
Desde que viu a triste luz do dia.
A vergonha, que há tanto
Sentia de ser homem, redobrada
Me cresce co espetáculo aborrido
Desses que aí vejo. – Homens, vós sois, espectros
De feia catadura?
Sim, homens são. E eu? – Outro como eles.
Átomo que volteio sobre a terra
Ao sabor das paixões, minhas e alheias,
E à toa vogo os mares
Na viagem da vida. – Mas impresso
E o ferrete do crime nessas fronteiras
Que franze a angústia co pungir de dentro
Do espinho do remorso;
E eu no peito nem bater mais vívido
Pressinto o coração... Oh! criminoso
Não sou eu. Insolente me confunda
A proscricção injusta,
Nesta mansão do crime e da vergonha
Cos malfeitores vis: dentro do peito
A consciência me diz que sou virtuoso,
Que, fiel ao rei e à pátria,
São inimigos seus quem me persegue,
Que me honra o seu ódio, me engrandece
Tecendo-me a coroa do martírio
Nas imer'cidas penas.

Lisboa, no Limoeiro – Agosto, 1823.

XIII

O EXÍLIO

Ha! bannishment? be merciful, say – death:

*For exile has more terror in his look
Much more than death.
Shakespeare.*

Vem, minha Délia, vem, querida amiga,
Sentar-te junto a mim. – Vês essas névoas
Como escondem o azul e os céus, que engrossam
Coa cerração pesada e melancólica
Deste pais de exílio, desta pátria
Dos taciturnos, gélidos britanos?
Oh! como é triste a terra de desterro!
Tão só como as areias do deserto,
Triste como o cair das folhas pálidas
No desbotado Outono. – Solitário
No meio das cidades, das campinas,
Vai após de esperança mal segura
O que deixou amigos, pais e pátria
Para fugir ao açoite da injustiça.
Oh! se uma vez ao menos lhe falara,
Lhe coasse no ouvido os sons tão gratos
Do pátrio idioma que ninguém lhe entende?...
Não, que tudo lhe é surdo; e só responde
O coração, que bate, aos ais do triste.
Ai, infeliz de mim!... eu já dessa arte
Vi horas longas deslizar-se o Thamesis
Por entre esses palácios, essas torres
Coroadas dos despojos do Universo,
Salpicadas do sangue de reis ímprobos..
Ou malfadados – monumentos grandes,
Torres, palácios que memórias guardam
De artes, de heróicos feitos, de virtudes
E de crimes também. – Oh! quantas vezes
Solitário vaguei por esses pórticos,
Por entre essas colunas apinhadas
De rebuliço e povo!... E em meio deles
Eu solitário e só. – Porquê? Porque alma,

Porque o meu coração voava ao longe.
Entre essa multidão nem um amigo!
E se um fora, onde a amante, onde os carinhos
Que amolgam penas e acalentam dores?
Suave Délia, agora o teu amigo
Já não vive no exílio: a minha pátria,
A minha pátria agora é nos teus braços
Deixá-los, os tiranos que se aprazem
Coas lágrimas da opressa humanidade,
Proscrever-me da terra! Que me arrojem
Para os gelos da inóspita Sibéria,
Onde o tão puro sol da nossa Fugia
À polar cerração nega os seus raios,
Aí, dum teu sorriso alumiado,
Entre essas solidões darei coa pátria,
Acharei os amigos, pais, e tudo,
Que tudo me darás nos teus afagos.

Wanvickshire, em Inglaterra – Novembro, 1823.

XIV

A LIRA DO PROSCRITO

A Madame Catalani

Ciere viros, martemque accendere cantu.

Virg.

Eu do meu pátrio Tejo desditoso
Deixei nas praias desmontada a Lira;
Suas águas, já tão puras, hoje envoltas
Em lágrimas e sangue,
Às ondas a trouxeram do oceano:
Lá naufragou. As ninfas compassivas
Que à foz do Tejo, com vergonha e mágoa

Contemplam de Ulisseia
A lamentável última ruína,
Inda lhe ouviram no soçobro extremo
Uns sons de glória, uns ecos dos amores
De quando amor e glória
Cantou sonora nos jardins de Elísia.

Silêncio do sepulcro, a um proscrito
Tu só competes: quando a pátria é morta,
Morrem com ela as Musas. E silencioso e mudo eu caminhava
Pela terra do exílio... que prodígio,
Que elétrico poder veio acordar-me
Deste morto letargo?
Serão as cordas da perdida Lira
Estas que sob os dedos me palpitam?
Não, oh, não: esse gênio alvitrajado
Da névoa das montanhas
Que me tocou coa vara misteriosa,
Me trouxe a harpa dos britanos bardos,
E as desafeitas mãos me agita e rege
Pela harmonia estranha.
Foi teu poder, foi tua voz divina
Que os ecos acordou destas florestas
E os reflete em meu peito, é Catalani.

Desprende-me dos lábios
Um cântico de novas melodias
Quais eu nunca aprendi. – Salve, ó salve,
Glória eterna do Tibre, que levaste
Das Musas o triunfo
Ao Neva frio, ao Reno, ao culto Sena,
Ao Thamesis, ao Tejo... – O Tejo outrora
Já por suas grutas ressoar ouvira
Teus primeiros acentos.

Ai! que dif'rente então, do que hoje, ele era!

Seu leito de oiro em ferro se há tornado,
E o brio de seus filhos tão famoso
Hoje é vergonha e opróbrio.
Oh Catalani! co essa voz que impera
Irresistível na alma, tu lhes brada,
Chama-os à glória, punge-os à virtude
Co aquele acento angélico
Que faz tremer o coração no peito,
Quando em teus lábios vibra como a espada
De Harmédio, que os eternos mirtos c'roam!
Mais audaz, mais segura
Britânia se ergue a dominar os mares
Quando a tua voz aos filhos seus bradando
“Ride, Britannia!” eterna lhes promete
A avita liberdade.
Eia! a Lísia infeliz tu dize: “Surge!”
Vê-la-ás alçar a frente laureada,
Cair por terra os bárbaros tiranos,
Triunfar liberdade.

Wanvickshire – Novembro, 1823.

XV

A MORTE DE RIEGO

Nascetur aliquis tanden, ex nostris ossibus ultor.

Virg.

Quem será essa dama inconsolável
Que ai geme nesses átrios solitários?
A seus pés vai o Thamesis tranquilo
Por entre margens de troféus correndo;
Miríadas de povo satisfeito
Giram em torno dela. – E ela só, geme!
Em lânguido silêncio, quase morte,
Só vida, porque sente. – E vêem-se as lágrimas

A fio e fio a lhe cair dos olhos
Tão roxos, tão inchados... já sem lume,
Que lhe apagou a dor a luz e o brilho.
Olha as mãos esfriadas que lhe caem,
Desfalecidas! – Mísera! que mágoa
Não está desfazendo aquele peito!
Ai do seu coração! como o tem ela!
Ralado, consumido de amarguras,
Traspassado de espinhos, embebido
De fel e de veneno! – Mas nas faces
Desbotadas, no corpo amortecido
Como há visos ainda de beleza!
A flor dos anos entre angústia e penas
Murchou-lha o padecer! Cuidais por certo
Ver a estátua de Níobe no mármore
Que geme sé e tácito, cercado
De grupos, de relevos, de medalhas,
De pinturas, de estátuas, em profusa
Galeria regal. – Mas esse gesto,
Essas feições não têm de Álbion as filhas:
Um sol mais vivo nessa tez polida
Amorenou os lírios, e deu visos
De árabe ou grega face. As alvas ninfas
Do Tamisa têm outra formosura;
Mas essa neve e profusão de rosas
Será mais bela, – não me fala tanto
Ao coração cá dentro.
– Eis outro aspecto
Melancólico, aflito, descaído...
Respeitável presença! Algum amigo
Dessa infeliz que vem por consolá-la.
Triste! como no gesto comprimido
Se lhe vê que das lágrimas retidas
Bebe o amargor, porque elas lhas não veja
E redobre a sua dor coa dor do amigo.
– “Filha – diz ele à mísera que anseia: –

Filha, sossega: da esperança ainda
Não se foi todo o alvor. Confia, aguarda:
Deus há de ouvir teu pranto... e o meu.” E rompe-lhe,
Ao dizer isto, a força dos soluços
Que o sufocam de dentro. A quem é dado
Vencer a natureza? Homens de ferro,
Se os há, fê-los o crime. – Mente o orgulho
Que se envolveu no pálio dos estóicos
Para clamar: “Não sinto paixões de homem;
Dor ou prazer são nomes, são fraquezas
Indignas do meu ser.” – Fatal vaidade,
Em que misérias, em que desvarios
Não despenhas os míseros humanos!
– Infelizes, chorai, dai rédea larga
Ao coração, que estalará no peito
Se o comprimis; deixai-o que se expanda,
Que desabafe, e mande para os olhos
Quantas mágoas nas válvulas lhe pesam.
Ai! que interesse eu tomo em vossas dores!
Um não-sei-quê me diz que tenho parte
Nesta aflição. Oh dai-me um quinhão dela,
Reparti dessas lágrimas comigo:
Também sou infeliz, também votada
Tenho a cabeça aos fados impiedosos...
Mas que é isto?... correndo apressurado
Um mensageiro ai vem. Que tristes novas
Trará com tantos lutos que o trajaram?
Preparai a vossa alma... eis uma carta.
– “Uma carta!” bradou a aflita dama;
Volve de em torno os olhos desvairados,
Lá dá co mensageiro... Um grito agudo
Céus e terra feriu: – “Ai”, disse, e fecha
Os olhos, cai de golpe em terra, e jaz.
Toma-a de um braço o triste companheiro,
Aperta-a sobre o seio – e coa mão livre
Abre a carta fatal. – “Adeus, esp'ranças!

Morreu...”

– “Nobre estrangeiro, quem foi esse?”

– “Riego! Riego! – clamou com voz tremenda: –

Riego expirou, malvados! Deus eterno,

Que é da tua justiça? Porque dormes,

Porque dormes, Senhor? Eles profanam

O teu nome, a tua lei, os teus altares,

E tu deixaste triunfar seu crime!

A virtude caiu aos golpes deles,

E os Céus abandonaram a inocência!

Oh Deus, oh Deus, perdoa ao meu delírio.

O sangue dum herói sobre o patíbulo

Jorrando às mãos do algoz na terra ingrata,

Que não se fende em boqueirões que sorvam

Os ministros do crime! O caro sangue

Dum irmão tão amado, a minha glória...

Traidores! e esse Nero que vos calca

Com pés de ferro, e vos açoita as costas

Infames co azorrague do desprezo,

Esse é o ídolo a quem sacrificastes

O campeão da pátria, o herói pacífico

Que vossos foros conquistou perdidos,

Vencedor sem cobiça, triunfante

Sem ambição? Ah monstros! ah covardes,

Indignos de renome castelhano!

Indignos... Oh misérrima viúva,

Triste orfazinha, jovem malfadada,

Tu me arrancas do peito estes suspiros;

Tu só, que a indignação e atro desprezo

Não me davam lugar nem a lamentos.

Vem, filha, vem comigo; nestas praias

De liberdade ergamos-lhe em memória

Singelo monumento. A noite e o dia

Sobre ele nos verá pedir vingança,

Pedir justiça aos Céus. A ingrata pátria

Seus ossos possuirá; mas aos seus manes

Nós daremos o culto.” – E aqui pausando,
Do venerando rosto enxuga o pranto.
Os nobres filhos de Álbion se apinham
De em torno dos ilustres desgraçados
Por dar-lhe alívio, consolar-lhe as mágoas.
Generosa nação, digna do cetro
Que aos ângulos estendes do Universo,
Oh! recebe em depósito sagrado
Essas relíquias de mui nobre sangue:
Dai-lhes, no seio benfeitor e amigo,
Outra pátria mais digna, mais honrada.
Um dia inda virá... Jurou-o o Eterno,
E a justiça o gravou com diamante
Nas tábuas do destino – um dia egrégio
Que há de raiar coa aurora da vingança
Nos horizontes da infeliz Espanha.
Então aportará nas vossas praias
Um baixeiro triunfante que os conduza
Entre vivas de glória ao pátrio Ebro.
Que sacrifício então será bastante
A aplacar esses manes irritados
Do Cid da liberdade! Sobre as aras
Da mansidão, da plácida indulgência,
Virtudes do herói, timbre em sua glória,
Vítima seja o tigre famulento
Que lhe bebeu o sangue, e cum sorriso
Do ímpio holocausto recebeu a ofrenda.
Prófugo e só na terra do desterro
Estes versos cantei: vieram de alma
À triste lira ressoar nas cordas
Úmidas do meti pranto. Ide, lamentos
Da minha voz, coai por essas neves,
Ide levar ao Tejo os meus suspiros;
Este canto de morte repeti-lho
De eco em eco nos côncavos rochedos:
E se entre esse tropel de miseráveis,

Portugueses outrora, que hoje arrastam
Os vis grilhões do opróbrio e da vergonha,
Virades algum que ao menos a memória
Conserve da perdida liberdade,
Bradai-lhe ao peito: – “Escravo, escravo infame,
Pesa mais um punhal que uma cadeia?”

Londres – Dezembro, 1823.

XVI

O NATAL EM LONDRES

Anathema sit.
Conc. Trid.

Que Natal este! – Sempre sois hereges,
Meus amigos Ingleses.
Bem haja o Santo Padre, e a sua bula
De fulminante anátema
Que excomungou estes ilhéus descridos!
Oh! nunca a mão lhe doa,
– Ver na minha católica Lisboa
As festas de tal noite!
Sinos a repicar, moças aos bandos
Coa bem-trajada capa,
E o alvo teso lenço em coca airoso,
Donde um par de olhos negros
Dão as boas-festas ao vivaz desejo
Do tafulo devoto
Que embuçado acudiu no seu capote
À pactuada igreja!
Natal da minha terra, que lembranças
Saudosas e devotas
Tenho de tuas festas tão gulosas,
E de teus dias santos
Tão folgados e alegres! Como vinhas

Nos frios de Dezembro
De regalados fartes coroados
Aquecer corpo e alma
Co vinho quente, cos mexidos ovos,
E farta comezana!
E estes excomungados protestantes,
(Olhem que bruta gente)
Sempre casmurros, sempre enregelados
Bebendo no seu ate,
E tasquinhando na carnal montanha
Do beaf cru e insípido!
Pois os Christmas-pyes, gabado esmero
De sármatas manjares!...
Olhem estas pequenas... são bonitas;
Mas que importa que o sejam
Se das Graças donosas praguejadas,
Rústicas e selvagens,
Nem dança airosa, nem alegre jogo
De divertidas prendas
Arranjar sabem, e passar o tempo
Junto ao fogão, fazer um detestável
Chá preto e fedorento,
Sem ar, sem graça... – Oh madre natureza,
Quanto mal empregaste
A formosura, o mimo, as Lindas cores
Que a tais estátuas deste!

Londres – Dezembro, 1823.

XVII

O ANO NOVO

(MDCCCXXIV)

Mutat terra vices.

Horat.

Bem-vindo sejas, novo ano, e tragas
Melhorado teus dias mais propícios
À minha pobre, malfadada pátria
E a meus fiéis amigos,

Esse mal-agoirado que nos pegos
Afundou ontem do Oceano, Apolo,
Não deu senão colheita de infortúnios,
Nem granou outras messes

Mais que o joio semeado por mãos tredas
Entre os sulcos do trigo. Não mondado
A tempo, foi crescendo, e em flor ainda
Afogou a esperança

Do triste povo que a tão maus caseiros
Tão inexpertos deu suas lavouras,
Que assim desmazelados lhas perderam,
E quem sabe até quando?

Quem sabe quanto tempo há de durar-lhe
O gelo deste inverno em nossos campos,
Té que o derreta o sol, ora enevoadado,
Da antiga liberdade?

Dorme a vegetação nessas sementes
Que à terra se lançaram. Mas eternas
As estações não são: teu dia, é pátria,
Teu dia há de chegar.

Londres – Janeiro, 1824.

NOTAS

Este Sr. João Mínimo.

A perseguição absurda – e tão vergonhosa para quem a exerceu – que sofri pela minha primeira publicação poética o Retrato de Vênus, foi o principal motivo de eu publicar anônimas quase todas as outras, o Camões, a Dona Branca, a Adosinda, e esta própria coleção que pela primeira vez se imprimiu em Londres, em 1829, com o título, que lhe conservo, de Lírica de João Mínimo.

LIVRO PRIMEIRO

Nota A

A ti virá de longe o peregrino,
Como a Sabina e Tibure.

Bem se vê que só um poeta criança podia escrever semelhantes vaidades, que hoje o fazem rir até a ele. Pensei que devia eliminar estes versos; mas refleti depois que há humildades muito mais presunçosas e muito mais tolas ainda, que o tempo de agora é todo dessas hipocrisias, e não quis sacrificar a elas porque as detesto.

Nota B

Vem, que é de trouxas de ovos.

É bem sabida a predileção de Francisco Manuel por esta gulosice que ele tanto celebrou em seus versos comparando-a à ambrosia dos deuses. O meu entusiasmo neste tempo não via no mundo poético senão Horácio e Filinto Elísio.

Nota C

Esmeros d'ambição pomposa, inchada.

Este epicédio, elegia, ou como queiram chamar-lhe, foi a primeira denúncia que de mim dei ao público, a primeira e desgraçada confissão de poeta que fiz. Era no meu terceiro ano de Coimbra. O Dr. Fortuna, por extremo popular entre os

estudantes porque professava as ideias liberais, era por isso mesmo detestado dos lentes seus colegas. O seu funeral foi para a mocidade acadêmica um ato de solene protestação por seus princípios queridos; e eu com toda a doirdice dos meus dezesseis anos fui com a rapaziada, como era de razão, fiz estes maus versos, que não têm estilo, nem compostura, nem nada que preste. Mas fizeram um furor incrível. E daí nunca mais me pude libertar da maldita poesia que jamais me deu senão desgostos em seu culto público. No particular, oh sim! muito lhe devo.

Na edição de Londres expungi da coleção esta peça porque me envergonhei dela; tão falso lhe achei o estilo, tão vulgar e comum o pensamento. Restituo-a agora porque entendo que semelhantes coletâneas só valem a pena de ser percorridas como séries de documentos em que se observe o progresso ou decadência do espírito e do engenho do homem, ou do seu século,

Nota D

E a ti, boa Isabel, a ti primeira.

A Sr^a D. Maria Isabel Vanzeler, inglesa de extremosa caridade, cuja morte foi chorada por todos os habitantes do Porto, e a quem sua família adotiva deveu em grande parte a popularidade de que naquela cidade gozava.

Estes versos, que são ainda bem falsos, já têm contudo alguma coisa melhor que os do epicédio anterior. Pelos mesmos motivos que dei na nota anterior, os tinha excluído da edição de Londres e os ajunto na presente.

Nota E

Ninfas do Lima, dai, trazei alegres.

Para inteligência desta passagem e de toda a peça, convém dizer que foi feita para o natalício de um menino cuja família habitava as margens do rio Lima – que pretendem seja o Letes ou rio do Olvido dos Antigos.

Nota F

Sinceros e de lei teus versos puros.

O padre José Fernandes Álvares Leitão, professor de Latinidade na Universidade de Coimbra, era um filólogo distinto, honradíssimo homem, e poeta horaciano legítimo. Creio que foi o último clássico de inquestionável mérito. Os românticos seus adversários não o conheceram; e os clássicos seus confrades desprezavam-no: ele valia mais que uns e outros. Conservam-se por mãos de alguns amigos – poucos – as cópias, muitas delas já viciadas, de suas excelentes odes. Quanto melhor não fariam os nossos jornais literários se as salvassem pela imprensa em vez de se constituírem o asilo da infância desvalida para todo o que soletra no abecedário poético: grasnido rudimental bem poucas vezes agradável de ouvir!

Nota G

Portugueses, morreu! Daqueles lábios.

Esta peça composta por ocasião da morte de Francisco Manuel do Nascimento é pouco mais do que um recorde de suas principais obras; e não poderá ser entendida pelos que não estejam versados nelas.

Nota H

Neste grande aldeão que chamam Porto.

Isto são versos de um senhor estudante zangado de se não divertir nas férias quanto desejava, e que se desforra, com assaz de mau gosto, em chutas sensabores à mais bela, à mais benemérita e à mais nobre das cidades portuguesas. Não duvido, por isso mesmo que tanto me honro de ser portuense, conservar nesta coleção o insulso gracejo, tal-qual ele apareceu na primeira edição de Londres. “Estamos mais alto que nenhum português”, dizia a nota respectiva nessa edição, “e não podemos desconfiar com semelhantes bagatelas, Se na nossa cidade há muito quem troque o b por v, há muito pouco quem troque a honra pela infâmia e a liberdade pela servidão.”

Sempre hei de consignar aqui, todavia, como verdadeira curiosidade literária, digna da coleção de De Israeli – e não menos interessante curiosidade política – o ter eu perdido uma vez a minha eleição no Porto porque um zeloso e integérrimo patriota buzinou com estes pobres versitos às orelhas dos eleitores – que deviam de ser boas e grandes orelhas – para lhes fazer crer que eu era um mau e renegado cidadão da Cidade Invicta.

Nota I

“O rotundo falar” da nossa origem.

Do Porto contam os nossos bem-aventurados antiquários que foi colônia grega; e dos Gregos cantou Horácio que falavam ore rotundo.

Nota J

Tal me vi eu pejado de bilhetes.

Para que entenda este gracejo, saiba o leitor benévolo que, vindo-me recomendado do Porto para fazer seu benefício em Coimbra, onde eu estava, um certo charlatão cuja principal habilidade era ser ventríloquo, eu me vi sobrecarregado de usa grande número de bilhetes que tive de lhe tomar, Acudiu-me, ficando com boa conta deles, o meu já então particular amigo Nicolau da Arrochela, a quem retribui com esta ode laudatória segundo convencionamos.

Com que saudade recordo, entre alegre e triste, estas primeiras memórias da vida! E que satisfação em pensar que, tirados os que a morte levou, ainda não perdi nenhum dos bons amigos de infância que nelas têm parte!

LIVRO SEGUNDO

Nota A

Aos pés do mármore de Pompeu...

Esta ode que na primeira edição se numera XXXIX, tem aí por título A Liberdade Legítima, e se diz composta em 1826 por ocasião da outorga da Carta. Não é verdade.

Confesso que, publicando-se a Lírica em Londres em 1829, época de temores e dificuldades políticas, receei agravar as desconfianças dos tímidos declarando-me o Alceu da Revolução de Vinte, e atribui a data posterior o que fora feito muito antes. Os princípios moderados, o amor da liberdade legal, creio sinceramente que nasceram comigo; é-me instintivo o horror da anarquia, da exageração, e inata a crença – mais de sentimento ainda que de razão – no

poder da forma monárquica para coibir os excessos dos outros elementos e forças sociais.

Vivem ainda bastantes amigos que em Coimbra me viram fazer estes versos na data que hoje lhes restituo.

Nota B

Ergo tardia voz, mas ergo-a livre.

Além das mesmas razões que sinceramente expus na nota antecedente, outra, e propriamente literária, me fez radiar da coleção de Londres esta peça. Achei-a túrgida, bombástica, e sem nenhum mérito poético. Não obstante, ela corre impressa com o meu nome nas coleções de Coimbra, foi ali popular no momento, e sei de muitos contemporâneos da Universidade que dela se recordam com excessivo e bem pouco merecido entusiasmo. Não a quero pois renegar, e aqui vai.

Nota C

Verdade, oh! vem da escuridão que há tanto.

O título que esta peça agora leva é o com que realmente a compus. Veja as notas antecedentes.

Nota D

Nem tanta há já de procos abundância.

Os tradutores verteram sempre o grego de Homero neste vocábulo latino. A quantidade daqueles procos – proci a prox – ou mais lusitanice pretendentes de Penélope, foi extraordinária: basta ver as imensas varas de bons porcos gordos e cevados que os maganões devoravam em casa de el-rei Ulisses, enquanto sua augusta esposa tecia e destecia, como é sabido.

LIVRO TERCEIRO

Nota A

Tu que em minha alma tenra

As primeiras sementes desparziste.

Meu tio D. Frei Alexandre da Sagrada Família pertenceu àquela brilhante constelação de sábios e homens de letras que iluminou o reinado da Sr^a D. Maria I. Seus íntimos amigos, Frei José do Coração de Jesus, o arcebispo Cenáculo, o abade Correia, Antônio Ribeiro dos Santos, o padre Teodoro, e todos os outros bem conhecidos, o tinham pelo primeiro orador e primeiro prosador do seu tempo. E com efeito o era.

Depois de ser bispo de Malaca de Angola, de ter viajado muita parte da Europa e da América, veio a falecer bispo de Angra no arquipélago dos Açores, sua pátria.

De seus muitos e variados trabalhos literários só pude obter alguns sermões, preciosos de doutrina e de linguagem: tudo o mais se perdeu por indesculpável descuido dos que assistiram à sua morte.

Nota B

Celeste emanção do Ser primeiro.

Na coleção de Londres também se atribui inexatamente esta ode – que aí é XL – à época da Carta. Veja nota A ao Livro II da presente edição.

Nota C

Celestes Musas, Safo desgraçada.

Deste verso até o quinto é versão de uns fragmentos de Safo que o tradutor, ou antes imitador francês ajuntou em uma só peça.

Nota D

Os nobres filhos d'Albion se apinham

De em torno dos ilustres desgraçados.

Para inteligência desta rapsódia cumpre dizer que a infeliz esposa de Riego estava refugiada em Londres em Companhia de seu cunhado, ancião e sacerdote, quando aquele foi imolado em Madrid. A municipalidade de Londres tentou levantar um monumento à memória do ilustre mártir da liberdade constitucional nas Espanhas.

Nota E

E estes excomungados protestantes.

Em tudo e em toda a parte há um lado ridículo que não é difícil achar; nem criminoso descobrir se não forem excedidos os limites do folguedo, que não degenera em sátira amarga. A intenção do autor por certo não foi chegar lá; porque nunca o fez – nem a seus mais cruéis inimigos – e bem pode dizer com Crebillon: *Aucun fiel n'a jantais empoisonné me plume.*

O LIVRO DIGITAL – ADVERTÊNCIA



O Livro Digital é – certamente - uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade de editoras.

Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser escaneado e compartilhado nos mais variados formatos digitais (PDF, TXT, RTF, entre outros). Todavia, trata-se de um processo demorado, principalmente no âmbito da realização pessoal, implicando ainda em falhas após o processo de digitalização, por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras.

Embora todos os livros do “Projeto Livro Livre” sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que alguns desses erros passem despercebidos. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de algumas dessas incorreções, por gentileza entrar em contato conosco, no e-mail: *iba@ibamendes.com*

Sugestões também serão muito bem-vindas!

Iba Mendes
São Paulo, 2014